

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

GIOVANA GAVA CAMILETTI

**MODERNIDADE E TRADIÇÃO ESCULPIDAS NO BARRO: UMA REFLEXÃO
DA ASSOCIAÇÃO PANELEIRAS DE GOIABEIRAS.**

**VITÓRIA
2007**

GIOVANA GAVA CAMILETTI

**MODERNIDADE E TRADIÇÃO ESCULPIDAS NO BARRO: UMA REFLEXÃO
DA ASSOCIAÇÃO PANELEIRAS DE GOIABEIRAS.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Administração, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito total para a obtenção do grau de Mestre em Administração.

Orientador: Prof^o Dr. João Gualberto Moreira Vasconcellos

VITÓRIA

2007

GIOVANA GAVA CAMILETTI

**MODERNIDADE E TRADIÇÃO ESCULPIDAS NO BARRO: UMA REFLEXÃO
DA ASSOCIAÇÃO PANELEIRAS DE GOIABEIRAS.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Administração, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito total para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovada em 11 de maio de 2007.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. João Gualberto Moreira Vasconcellos
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Sergio Robert Sant'Anna
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Dantas
Universidade Federal da Bahia

Dedicatória

A minha avó querida,

Vovó Ida,

Uma pessoa que jamais mediu esforços para promover

Meu crescimento pessoal.

(in memoriam)

Agradecimentos

Este momento de agradecimentos tornou-se muito difícil para mim, pois tive do meu lado durante a realização deste trabalho pessoas muito queridas e que não obstante o sacrifício que fizessem estavam sempre próximas, apoiando e principalmente confortando nos momentos mais exaustivos. Gratidão e carinho jamais caberiam em uma página. Perdoem-me aqueles que porventura não forem citados e espero que todos possam estar tão felizes quanto estou.

Primeiro agradeço a minha família, meus pais Neuza e Jose e meu irmão Giuseppi que não mediram quaisquer esforços nesse processo, fazendo sempre concessões e fornecendo a base de sustentação que me manteve de pé.

Ao meu bem Cleimárcio que entendeu o significado da paciência e sempre me encorajou a ir além de minhas fronteiras.

Ao meu orientador Prof. João Gualberto, meu mentor intelectual, pela contribuição para minha formação profissional e pela confiança no meu trabalho. Também ao Prof. Sergio Robert, sempre disponível, sempre professor, sempre confiante.

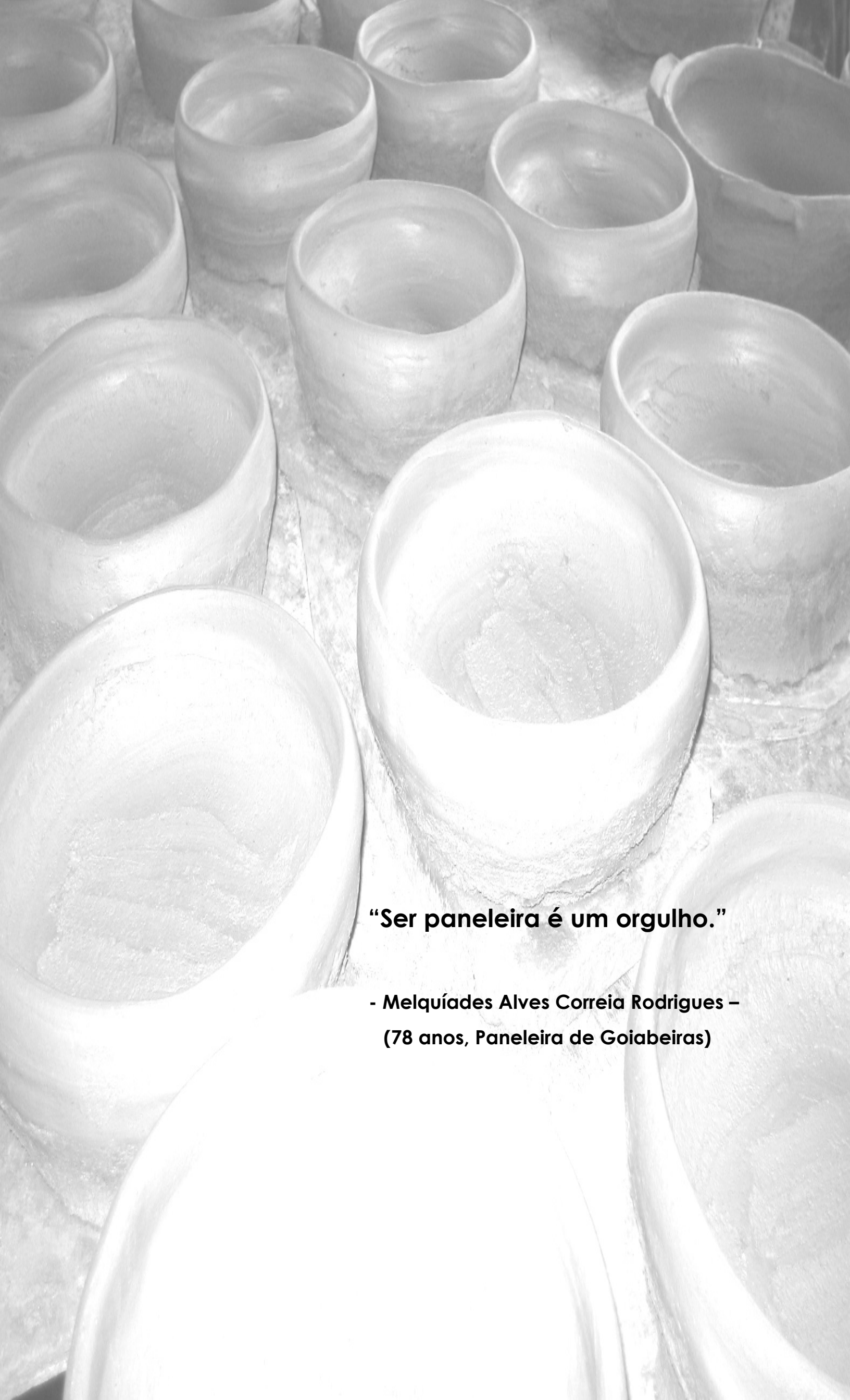
A minha querida amiga Simone, não só pelo apoio intelectual, mas por ter representado uma peça fundamental para a continuidade e conclusão do meu trabalho, estimulando e principalmente confiando.

Aos colegas do mestrado, em especial ao meu querido Ricardo pelo irrestrito apoio e ao Leo, que por tantas vezes foi um grande companheiro de trabalho.

A meus amados amigos, Flavinha, Paulinha, Idésio, Lânia, Juliana, Márcia, Sonia e Isabela e também ao André, meio primo, meio filho pela compreensão das ausências.

A toda minha maravilhosa e as vezes excêntrica família, principalmente minhas tias queridas e corujas pela confiança e admiração.

Por fim agradeço ao meu chefe Beto e minha equipe de trabalho, sobretudo, Bira, Rafa e Ritinha pela grande compreensão que tiveram comigo nesse período tão intenso de minha vida.



“Ser paneleira é um orgulho.”

**- Melquíades Alves Correia Rodrigues -
(78 anos, Paneleira de Goiabeiras)**

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Retirada do Barro.....	85
Foto 2: Extração da Casca.....	86
Foto 3: Casca da Rhizophora Mangle.....	86
Foto 4: Rhizophora Mangle.....	86
Foto 5: Tabua.....	87
Foto 6: Madeira Empilhada.....	87
Foto 7: Cuias de Cuité.....	87
Foto 8: Cuia.....	87
Foto 9: Arco.....	88
Foto 10: Faca.....	88
Foto 11: Pedra de Rio.....	89
Foto 12: Vassoura de Muxinga junto com o Tanino.....	89
Foto 13: Vassoura de Muxinga.....	89
Foto 14: Processo de Pisagem.....	90
Foto 15: Preparação Bola de Argila.....	90
Foto 16: Paneleira carregando a Bola de Argila.....	91
Foto 17: Matéria-Prima pronta para a confecção.....	92
Foto 18: Início do processo de confecção.....	92
Foto 19: Processo de confecção.....	92
Foto 20: Processo de confecção: fase final.....	92
Foto 21: Primeira secagem.....	93
Foto 22: Retirada dos excessos com o arco.....	93
Foto 23: Utilização da faca.....	93
Foto 24: Fixação das alças laterais na panela.....	93
Foto 25: Fixação da alça na tampa.....	94
Foto 26: Fixação da alça lateral.....	94
Foto 27: Segunda secagem.....	94
Foto 28: Alisamento com pedra de rio.....	95
Foto 29: Artefato polido e pronto para a queima.....	96
Foto 30: Painéis assentadas na cama de madeira para a queima.....	96

Foto 31: Queima.....	96
Foto 32: Queima.....	96
Foto 33: Retirada das peças da fogueira.....	97
Foto 34: Aplicação do tanino – Açoite.....	97
Foto 35: Aplicação do tanino – Açoite.....	97
Foto 36: Aplicação do tanino – Açoite.....	97
Foto 37: Produto após açoite ainda a beira da fogueira.....	97
Foto 38: Produto final.....	98
Foto 39: Galpão das Paneleiras: local das vendas.....	98

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Ambientes Tradicionais e Modernos.....47

TABELA 2: Tabela de Categorização.....110

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa de Vitória.....78

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução.....	10
Capítulo 2: Relações entre Modernidade e Tradição em Antony Giddens....	29
Modernidade e Tradição como fenômenos entrelaçados.....	29
Modernidade: um olhar sobre seu dinamismo.....	38
A sociedade Global: a importância do fenômeno da globalização.....	48
Modernidade e Globalização.....	54
Eixos Teóricos de sustentação da pesquisa.....	62
Consumo: um elemento edificado na modernidade.....	65
Capítulo 3: A Associação Panelleiras de Goiabeiras: uma descrição sobre o processo de produção do artefato e uma compreensão sobre a entidade.....	70
Uma passagem pelo histórico do Espírito Santo e o contexto onde se localiza e sobrevive a panela de barro de Goiabeiras.....	70
Descrição das etapas de produção da panela de barro.....	83
A Associação Panelleiras de Goiabeiras: o processo de constituição....	98
Capítulo 4: Análise dos dados – Modernidade, Tradições, Discursos e Resignificações.....	108
Desencaixes na Associação Panelleiras de Goiabeiras.....	112
As separações tempo e espaço: modernidade x tradição.....	120
A lógica mercadológica moderna e a questão dos estilos de vida.....	123
Processo de produção.....	133
Produto em si.....	135
Orientações para o mercado.....	138
Capítulo V: Considerações Finais.....	145
Referências	148
Anexos	152

RESUMO

As questões culturais, em épocas de globalização, são muito discutidas em função, dentre outras coisas, da busca da diversidade para a formação das identidades. Assim, seguindo esta linha, este estudo tem como principal objetivo analisar o discurso vigente entre as Paneleiras de Goiabeiras, que traz a tradição como pano de fundo para sua construção e compreender como ele sobrevive na lógica mercadológica moderna além de sua re-significação na modernidade. Para tanto, buscamos a compreender os aspectos sócio-culturais presentes na produção da panela de barro capixaba, as variáveis intervenientes do surgimento e crescimento da entidade Associação Paneleiras de Goiabeiras, as relações internas entre os atores sociais da entidade em questão, a lógica mercadológica moderna e por fim, entender as interfaces ou relações existentes entre tradição e modernidade. Para a realização desta pesquisa, o método utilizado foi o qualitativo e a coleta de dados, levando em consideração o tipo de pesquisa, foi feita por meio da observação aliada à realização de entrevistas em profundidade. A observação aconteceu no galpão das Paneleiras de Goiabeiras durante dois meses e foi complementada pela realização de dez entrevistas em profundidade com atores pertencentes a Associação Paneleiras de Goiabeiras. O tratamento dos dados foi feito pela criação da categorização analítica onde foram levadas em consideração três categorias: a tradição e suas características, a modernidade e seus elementos e o discurso e sua sobrevivência. O aporte teórico trata-se principalmente da compreensão da interface entre modernidade e tradição em Anthony Giddens e ainda uma análise da globalização e de novos elementos da lógica mercadológica moderna como o consumo. Os resultados sugerem que por mais que as tradições vigorem, sejam reinventadas de modo a conservar-se na modernidade ou tornem-se mecanismos de criação de valores é preciso cada vez mais compreender a lógica capitalista, pois, é ela quem dá a tônica do desenvolvimento, seja ele político, econômico, cultural e social.

ABSTRAC

Cultural matters are very much discussed, especially in this time of globalization, because of the search of the diversity needed to shape identities. Therefore, this work is dedicated to comprehending the existence of a recurrent speech amongst the “Paneleiras de Goiabeiras”, which brings tradition as the back drop of its construction, and comprehending how that speech survives in the logic of the modern market and also the new meanings it acquires in modernity. For doing so, we searched the understanding of social and cultural aspects involved in the production of the “panela de barro capixaba” (clay pot), the variables which interfered in the making and growing of the entity “Associação de Paneleiras de Goiabeiras”, the internal relationship between the social agents of this entity, the logics of the modern market and finally we searched the understanding of the interface or the relation between tradition and modernity. The method used in this research was data collection and the qualitative method. This was done by observation and interviews in depth. The observation occurred in the warehouse the Paneleiras de Goiabeiras work, during two months, and was complemented by interviews in depth with members of the “Associação de Paneleiras de Goiabeiras”. The data was then analytically categorized. It was divided into three categories: tradition and its characteristics, modernity and its elements, and the speech and it’s survival. The theoretic basis used regarded mostly the comprehension of the interface between modernity and tradition in the works of Anthony Giddens and also an analysis of globalization and the new elements of modern market, such as consumption. The results suggest that, even though traditions stand their ground and get reinvented as a way of perpetuating themselves in modernity, or even become mechanisms in the elaboration of values, it is still necessary to understand the logic of capitalism, for it’s what gives the tonic of development, whichever kind of development it may be: political, economical, cultural or social.

Capítulo I

INTRODUÇÃO

As mudanças porque passa a sociedade atual são cada vez mais amplas. Esses processos de mudança não acontecem instantaneamente, levando longos períodos de tempo, às vezes décadas, para se concretizarem.

As informações que marcam nosso tempo no campo da gestão nos fazem perceber que os elementos que são inseridos no cotidiano como: novos territórios produtivos, valorização do local em relação ao global e projeção do universo cultural, ganham importância e novas configurações, afetando tanto a vida dos indivíduos, quanto da sociedade como um todo.

A sociedade, nesse contexto, cria e recria, constrói e reconstrói novas formas de viver os mesmos cenários, a ponto de assustar os menos atentos. Assim, algo que não tinha importância ou era secundário ao olhar social assume novas configurações, transformando-se em ator principal.

A efervescência de informações e o processo de globalização nos fazem perceber que esses novos elementos compõem uma fatia cada vez maior na formatação do cotidiano tanto dos indivíduos quanto da coletividade. A urbanização e a banalização dos veículos de comunicação de massa, por exemplo, criaram novas interpretações culturais para fenômenos já existentes. Estamos falando, diretamente, do cenário

moderno, ou melhor, das diversas modalidades da modernidade: organizações sociais, econômicas, culturais, dentre outras.

As organizações hoje carregam consigo as marcas da sociedade moderna. Uma delas é a rapidez com que se configuram as mudanças. Elas são perceptíveis no mais variados contextos das atividades humanas, como as constantes alterações dos estilos de vida ou ainda nas incertezas das escolhas, uma vez que o acesso as variedades disponibilizadas se faz com alguns segundos, com intervalos de tempo que significam apenas os cliques em um computador. Nessas organizações, as mudanças podem ser notadas, por exemplo, na constante renovação de saberes, nas representativas alterações dos conteúdos e práticas de trabalho e, sobretudo, na interconexão das informações.

É importante compreender então que estamos falando aqui da cultura, ou da mudança da cultura, seja ela local ou global, seja nacional ou regional; o fato é que já não basta uma visão focada somente em nossas raízes. Elas, mesmo que persistam, tornaram-se insuficientes para explicar o que se passa, por exemplo, no Brasil atual e, no nosso caso, no cenário capixaba. É preciso, assim, aprofundar uma discussão sobre os novos elementos que compõem uma cultura que se tornou massiva e que se tornou fortemente influenciada pela chamada modernidade. É preciso compreender como a cultura tornou-se articulada em vários planos. Tradições e modernidade passaram a relacionar-se, criando uma nova cultura e uma sociedade diferente. É isso, pretendemos entender essa coexistência de tradição e modernidade e suas influências nos campos da existência humana, principalmente no que diz respeito a gestão.

Este trabalho apresenta-se em 5 capítulos. No capítulo 1, parte introdutória, buscamos desenvolver as idéias básicas que nortearão a pesquisa, o objetivo principal deste trabalho e também os específicos; buscamos situar o leitor no contexto capixaba, a constituição de sua cultura e também o contexto onde está inserido nosso objeto de estudo. O delineamento metodológico e a definição dos sujeitos da pesquisa também estão presentes nesta parte introdutória. O Capítulo 2 trata-se do marco conceitual sobre os temas propostos e procura esclarecer os

principais aspectos relacionados às escolhas teóricas relativas ao objeto. O Capítulo 3 traz uma descrição da entidade em questão e do processo de produção da panela de barro. O Capítulo 4 trata da análise dos dados coletados e temos ainda as considerações finais que chamaremos de capítulo 5, onde tentaremos elucidar as principais descobertas acerca deste trabalho e os possíveis desdobramentos deste. Por fim, temos as referências utilizadas para a realização deste trabalho e também os anexos.

I

Quando me perguntei o que fazer como trabalho final de graduação, o que estudar, deparei-me com uma grande ansiedade em compreender como se desenvolviam as políticas culturais no município de Vitória, a destinação de recursos e a priorização de projetos. Assim o fiz e ao final fiquei fascinada pelos estudos sobre cultura e identidade. Apresentei como pré-projeto de mestrado uma proposta que estendia o universo sugerido na graduação para todo o território capixaba. A possibilidade de compreender a cultura capixaba, a identidade deste Estado os projetos políticos e de gestão e todas as potencialidades que ele poderia oferecer criou uma perspectiva de compreensão do futuro, das projeções.

O fascínio pelo estudo acentuou-se ainda mais após algumas conversas com meu orientador e algumas leituras sobre o Brasil e também sobre o Espírito Santo e sua formação miscigenada. Os estudos sobre cultura, por exemplo, no Brasil, oferecem dimensões plurais e olhares múltiplos. O Brasil sempre foi um país de muitas cores e saberes, de muitas identidades e costumes. Assim é também o Espírito Santo, pequeno em extensão territorial e detentor de muitas características totalmente diversas, provenientes de sua formação, também plural, também específica.

A realidade a que chegamos foi a da dificuldade em formatar uma identidade e a de que nossa cultura é multifacetada. Deparamo-nos, então, com a expectativa de compreender a existência de identidades, de verdades e saberes sobre esse Estado ainda pouco exploradas. Somado a tudo isso tinha a ansiedade de compreender as

verdades assentadas não somente no viés histórico mas também nas características atuais da sociedade. O que nos movia era a compreensão das formações e tradições para descobrirmos os pilares, mas também a sobrevivência ou reinvenção destas na modernidade de modo que pudéssemos compreender para onde nos moveremos.

No início da construção deste projeto inúmeras dúvidas perpassavam sobre qual seria exatamente o foco a ser explorado dentro do universo de discussões sobre aquilo que estávamos nos propomos a estudar. Que caminhos seguir?

O primeiro passo foi a compreensão dessa formação capixaba fragmentada e a definição das manifestações que estiveram presentes nesse contexto, que sobreviveram aos tempos e também daquelas mais modernas. Pensamos em manifestações tradicionais como a panela de barro, o congo e o ticumbi e também nas contemporâneas como o carnaval capixaba que parece que cada vez mais toma corpo e ganha espaço no cenário local.

Passamos, então, a tentar entender um pouco mais de cada um desses elementos e trazê-los para uma discussão no campo empírico, enfatizando a existência das teorias organizacionais e também da linha de pesquisa do mestrado. Chegamos finalmente à manifestação a ser pesquisada: a panela de barro, uma vez que esta possui uma conotação tradicional e também um foco na modernidade por ter deixado de ser somente uma manifestação cultural e ter-se transformado em um produto utilitário comercializável, com forte apelo no campo do turismo.

Quando iniciamos as buscas por informações acerca da panela de barro, focamos nossa atenção à panela de barro fabricada pelas Paneleiras de Goiabeiras, em princípio por ela ser mais difundida e também por carregar o selo de originalidade e autenticidade de ser a autêntica panela de barro capixaba, mas, principalmente porque levamos em consideração a organização do trabalho para a produção, em forma de Associação, com local definido para a fabricação.

Voltamo-nos para o levantamento de material a respeito, sua importância para o cenário cultural capixaba e sua produção no Estado e chegamos a inúmeros conflitos. O primeiro era que a panela de barro capixaba, como é conhecido o artefato fabricado no bairro de Goiabeiras na capital Vitória, é amplamente comercializada no Estado, ao longo de suas Rodovias Federais BR-101 e BR-262, porém fabricadas em outros locais como Guarapari e Viana, municípios próximos da capital¹. O segundo é que o artefato varia de espessura e qualidade de acordo com o local que é fabricado. O terceiro está no processo de fabricação da panela de barro que à exceção de Vitória, na região do Vale do Mulembá, todos os outros pontos de fabricação utilizam-se de técnicas industriais na fabricação (PEROTA, DOXSEY; BELING NETO, 1997)

Buscamos, dessa maneira, as peculiaridades. A panela de barro produzida em Vitória, na região do Vale do Mulembá, mais especificamente no Bairro de Goiabeiras apresentou uma série de fatores favoráveis para sua escolha.

A panela de barro de Goiabeiras é produzida por um grupo de mulheres que denominam-se paneleiras de Goiabeiras, por meio técnicas artesanais, resultado de quatro séculos de tradições indígenas familiares (Op. Cit, 1997) e seu saber fazer é transmitido de geração a geração de modo que fica salvaguardado dentro daquele grupo. Além disso, a argila utilizada, isto é, a matéria-prima para sua fabricação é única no Estado (DANTAS & CHAIA, 2002).

Em outros núcleos de produção existe a utilização do torno mecânico para a modelagem do artefato e algumas etapas do processo de fabricação como a queima final é feita em fornos. As técnicas não são totalmente artesanais como são em Goiabeiras e a matéria-prima utilizada apresenta outra composição. De acordo com Perota, Doxsey e Beling Neto (1997, p.20), a matéria-prima utilizada pelas Paneleiras de Goiabeiras é composta pela decomposição “de rochas gnaissicas misturadas, feldspato, mica, argilitos, quartzitos e fragmentos de gnaiss e quartzo”.

¹ Guarapari e Viana são dois municípios que integram a Região Metropolitana da Grande Vitória formada por Vitória, Vila Velha, Serra, Fundão, Cariacica, Viana e Guarapari. Ambos estão próximos da capital Vitória sendo Guarapari distante 52Km e Viana 22Km. Guarapari é um dos destinos turísticos mais procurados do Estado do Espírito Santo. Suas Principais atividades econômicas são o turismo a construção civil, a pesca e a pecuária. Viana, cortada pelas BRs – 101 e 262, representa a passagem de boa parte do fluxo que chega, sai ou passa pelo Estado. Seus pilares econômicos são agropecuária representando o maior segmento além da indústria, do comércio e dos serviços. (Informações retiradas dos sites oficiais dos municípios)

Ao buscar informações mais precisas sobre esse artefato, deparamo-nos com a existência de uma instituição organizada para a fabricação da panela de barro, registrada e reconhecida pelos governos estadual e municipal², com um local de trabalho definido, onde concentra-se a maior parte da produção. Estamos falando da Associação Paneleiras de Goiabeiras, responsável pela fabricação da genuína panela artesanal de barro capixaba.

Quando definimos, contudo, a entidade a ser pesquisada percebemos que poderia apresentar inúmeras características passíveis de serem entendidas e pesquisadas e nosso conhecimento acerca desta, para que pudéssemos ser capazes de delimitar um objeto de pesquisa, era pequeno o que nos obrigou a ir ao campo de pesquisa, ou seja, à Associação Paneleiras de Goiabeiras, com a finalidade de entender melhor aquela realidade.

Iniciamos então nossa construção realizando algumas visitas a entidade localizada bem ao final do Bairro de Goiabeiras de acesso precário. Os objetivos das visitas eram compreender melhor a realidade em questão, além da percepção da real existência do tradicionalismo, como era dito em todo material a respeito das Peneleiras de Goiabeiras.

Chegamos à entidade, pela primeira vez, bem cedo junto com as pessoas que chegavam para o trabalho. O local de trabalho trata-se de um galpão³, dividido em pequenos estandes de trabalho, ocupados cada um por uma ou mais paneleiras, com um balcão como infra-estrutura. Nesse balcão as paneleiras colocam seus produtos fabricados em exposição.

Entramos no local e logo fomos confundidos com visitantes que estavam em busca do artefato para adquiri-lo. Fomos bem recebidos por todos. Andamos até o fundo do galpão sem identificação e sentimos que todos expressavam uma ansiedade para a parada e escolha de uma panela para levar. Pedimos permissão para fotografar, logo concedida por todos com a ressalva de que ninguém queria aparecer nas fotos. Tiramos muitas fotos e permanecemos mais um tempo no local observando todo o processo e também a infra-estrutura disponível.

² www.vitoria.es.gov.br e www.es.gov.br

³ Nome dado ao espaço pelas próprias paneleiras.

O galpão é uma construção de data do início dos anos 1990. É um local que possui aproximadamente 50 metros de comprimento por 15 metros de largura todo dividido em estandes. O local tem aspecto de pouco conservado, é todo aberto e possui o cheiro de um dos componentes da panela de barro, o tanino⁴, que é utilizado para dar coloração a panela, após o processo de queima a céu aberto do artefato⁵. É também abafado e possui lama e barro por toda a parte. É dotado de um orelhão que serve como contato das Paneleiras e também um bebedouro.

Nesse primeiro dia voltamos para casa para pensar a melhor estratégia de abordagem.

Voltamos no outro dia cedo, porém as pessoas já tinham todas chegado. Repetimos o processo: entramos e fomos até o fundo do local onde apresentamo-nos para duas paneleiras (uma aparentando ter por volta de 28 anos e outra em torno de 65 anos) como estudante do programa de mestrado da Universidade Federal e explicamos porque estava ali, para entender um pouco do processo, pois isto, faria parte do nosso trabalho. A receptividade não foi a esperada. A paneleira nem deu atenção para o que havia sido dito, nem explicações sobre o que era perguntado eventualmente. Buscamos assim uma nova forma de coletar informações e pensei que poderia buscar com outra paneleira. Aproximamo-nos de outro estande e novamente nos apresentamos e explicamos por que estávamos ali. No início não fomos muito bem recebidos, pois a paneleira alegou que como já tínhamos conversado com outra seria constrangedor ela fornecer as explicações. No entanto, explicamos que o foco seria na Associação e assim ela acabou por nos receber e passar grande parte das informações coletadas com a finalidade de formatação de um objetivo para o trabalho de pesquisa.

⁴ O tanino é uma coloração utilizada no processo de fabricação das panelas de barro. Será melhor contextualizado no decorrer desta dissertação.

⁵ Todo o processo de produção e componentes utilizados serão posteriormente descritos.

II

Esta passagem pelo campo despertou-nos para a existência de muitas características interessantes e que se estudadas certamente renderiam bons resultados.

Mas, muitos desses aspectos gerais presentes na Associação Paneleiras de Goiabeiras, como seu processo produtivo e o trabalho completamente manual como o pilar do processo de produção do artefato já foram tratados por alguns nomes importantes para os estudos dessa área no Estado, tais como Perota, Doxsey, Beling Neto (1997), Ribeiro (2002), Pacheco (2000) e Neves (1980). O que pretendemos fazer é uma discussão voltada para a compreensão de elementos e comportamentos intrínsecos àquela realidade, dos processos e mecanismos de gestão presentes e não somente uma descrição do histórico e das técnicas de produção do objeto. Não que estes não sejam aspectos relevantes e não devam integrar o corpo deste trabalho. É que especialistas já se ocuparam destes estudos.

Nessa realidade, um dos elementos percebidos e que possui uma presença muito marcante na entidade é realmente o tradicionalismo. As tradições estão por toda parte: nas técnicas utilizadas para a confecção do objeto, na passagem do conhecimento que é feito de geração a geração, na existência de um saber fazer herdado dos antepassados, na manutenção deste saber fazer e o mais importante, no discurso acerca das tradições, quase senso comum entre aqueles atores sociais. Na verdade a tradição já havia sido detectada na entidade compondo as técnicas e o saber fazer mas, não como um elemento de um discurso que contrasta com a realidade.

Após algumas visitas a entidade foi possível identificar a existência desse discurso comum às paneleiras, o discurso do orgulho de ser padeira e da beleza do ofício de fazer panelas de barro, o discurso pautado na valorização das tradições que foi o que mais nos chamou atenção. Estamos falando de uma realidade onde algumas etapas do trabalho⁶ exigem esforço e desgaste físico, as condições de trabalho são ruins, existe uma precariedade do apoio governamental e o preço do produto final é muito pequeno. Ou seja, estamos falando de um contraste aparente entre a tradição

⁶ Essas etapas de trabalho serão descritas no capítulo 3.

sempre iminente naquela entidade e a modernidade e seus elementos tais como a preocupação com o consumo ainda que na ordem do individual, preocupações com crescimento pessoal, fragmentação e anseios e desejos.

O que de fato pudemos perceber é que essas características, em princípio, não foram amplamente detectadas na entidade em questão, somente nas falas e ansiedades daqueles artesãos que sobrevivem de uma atividade que possui como principal marca a tradição, seja no processo de produção, seja no saber fazer, seja no discurso construído para tal sustentação.

Assim, as relações existentes entre elementos da tradição traduzidos em um discurso construído e as características da modernidade percebidas em elementos como consumo, a lógica mercadológica moderna, distribuição do bem, globalização do produto e a institucionalização tornaram-se os principais motivadores e também as principais diretrizes para a elaboração desse projeto.

Partimos, então, da problemática de compreender esse discurso vigente na Associação Paneleiras de Goiabeiras tomado como verdade pela coletividade e sua sobrevivência hoje.

Consideramos assim, o discurso que é recorrente: “ser paneleira é um orgulho e fazer painéis de barro é contribuir para a cultura capixaba”. Partimos para essa análise, contudo, buscando uma maior compreensão dos agentes e atores envolvidos na configuração da instituição, bem como, na construção desse discurso. Temos, então, duas proposições que contribuem para sustentar algumas de nossas discussões:

A primeira é que a idéia e constituição da Associação teve um peso maior dos agentes governamentais do que dos próprios artesãos;

Existe a possibilidade de a Associação Paneleiras de Goiabeiras ter sido planejada e posta em prática com maior participação de agentes ligados ao governo do que propriamente daquelas artesãs. Segundo Perota, Doxey e Beling Neto (1997, p.34), na mesma data de constituição da Associação (25 de março de 1987), “foi aprovado o estatuto, que fora elaborado pela então vereadora Etta de Assis”. Quando indagadas sobre a constituição da Associação, as paneleiras lembram-se sempre

dessa vereadora de Vitória, na primeira parte do processo, ou seja, na elaboração da entidade. Um outro indício da participação dos agentes governamentais no processo de constituição da entidade pode ser percebido na seguinte fala de uma das paneleiras que atuam no galpão: “a gente trabalhava com minha tia, na casa dela; já tinha a Associação mas a gente mesmo, paneleira nem tinha noção que tinha uma associação, só depois, quando as meninas da Prefeitura começou a fazer reunião porque teria que ter eleição, essas coisas todas, aí que eu fui saber que tinha uma associação”⁷. Os motivos políticos para a constituição da entidade não são totalmente claros, porém, segundo os autores, “com a criação da entidade objetivava-se uma forma de colocar recursos ao alcance das paneleiras, bem como de ter um mecanismo que assegurasse a representação de seus interesses [pois] já nessa época, as artesãs recebiam convites para participarem de feiras ou mesmo representarem o Estado com seu artesanato e sem recursos, elas não tinham acesso a tais eventos”. Assim, o que estamos querendo dizer é que os agentes governamentais podem não ser os únicos responsáveis pela criação da entidade, porém, os indícios nos mostram que a participação deles no processo possui um peso e uma importância maior do que a participação dos artesãos. Com isso, é importante ressaltar que com a constituição da entidade, a produção da panela de barro ganha *status* e passa a integrar com mais intensidade o *hall* dos bens culturais capixabas e nasce também o discurso do qual estamos falando. Ou seja, nasce em meio a uma iniciativa que não unicamente das paneleiras de Goiabeiras.

A segunda proposição é que esse discurso é resultado de uma construção de agentes externos. A recorrência do mesmo foi percebida dentro do galpão das paneleiras durante as visitas, como já dito o que nos leva a crer que este já foi concebido na modernidade. Sua recorrência, parece estar atrelada à concentração das pessoas e da produção, contudo, seu processo de construção não fica claro quando pensamos o discurso em si. Partimos da hipótese de que ele é resultado de uma construção de agentes externos. Para confirmar tal fato, tomaremos por base os estudos de Perota, Doxey e Beling Neto (1997, p.36) que trazem em seu livro o seguinte fragmento:

“a gente tinha uma associação,mas não tinha nenhuma divulgação. Era uma associação só pra ter nome. Aí, a gente procurou uma assistente social que ajudasse

⁷ Entrevista concedida a autora em 07 de agosto de 2006, em uma visita realizada ao galpão.

a gente, foi até numa administração passada. [...] Ela (assistente social) deu a maior estrutura, ajudou no que a gente não sabia, porque tinha muita coisa que a gente era paneleira mas sabia qual era a importância. Sabia que existia panela, as pessoas, representava o Estado, mas não sabia a importância da cultura, não tinha naquilo na idéia, a importância nossa. Hoje em dia, nós já sentimos a importância...” (Trecho da entrevista concedida aos autores pela Senhora Marinete Corrêa Loureiro, presidente da entidade em 1997).

Analisando esse depoimento percebemos claramente a presença de agentes externos nesse processo, nessa constituição, nessa conscientização para a importância adquirida por este saber fazer e por este produto a panela de barro para o cenário cultural capixaba. O valor dado à tradição e a atividade de produzir panelas de barro tem um peso maior de agentes externos do que somente das paneleiras de Goiabeiras. Chegar, então, a essa conclusão, mais uma vez nos remete a um pensamento voltado para um discurso construído que possui uma importância simbólica e concreta para a perpetuação da atividade de produzir panelas de barro, para o saber fazer das paneleiras, para a sobrevivência da entidade, porém sem possuir a dimensão da originalidade valorizada pelas paneleiras.

Assim, trazemos como objetivo central deste trabalho **analisar o discurso vigente entre as Paneleiras de Goiabeiras, que traz a tradição como pano de fundo para sua construção e compreender como ele sobrevive na lógica mercadológica moderna além de sua re-significação na modernidade.**

III

Para dar conta de tal objetivo, são necessários estudos adicionais que contribuem para a formatação e sustentação de teoria, bem como da definição do norte da pesquisa.

Assim, propomos como um dos objetivos específicos deste trabalho, a compreensão dos aspectos sócio-culturais presentes na produção da panela de barro capixaba; pretendemos com esta compreensão entender um pouco mais do contexto e também das condições da evolução do artefato na história.

O segundo objetivo específico a que nos propomos é analisar as variáveis intervenientes do surgimento e crescimento da entidade Associação Paneleiras de Goiabeiras; esperamos compreender um pouco mais sobre como surgiu de fato a Associação e que fatores influenciaram na sua formatação.

Outro objetivo específico deste trabalho é a compreensão das relações internas entre os atores sociais da entidade em questão para estabelecermos de fato os principais elementos da modernidade, ainda que na esfera do indivíduo, existentes naquela realidade.

Também representa um objetivo específico compreender a lógica mercadológica moderna, ou seja, compreender o consumo nessa lógica e para tanto entender os novos elementos presentes na constituição da panela e de seu processo de fabricação.

Por fim, um quinto objetivo específico é entender as interfaces ou relações existentes, entre tradição e modernidade.

IV

As questões culturais, em épocas de globalização, são muito discutidas em função, dentre outras coisas, da busca da diversidade para a formação das identidades. Ter uma identidade é alcançar a consciência da persistência da própria personalidade; é o conjunto de características e circunstâncias que distingue uma pessoa ou uma coletividade de outros. É isso, ser capixaba é não ser carioca, mineiro, gaúcho ou baiano. Ser brasileiro é ser brasileiro e não argentino, russo ou inglês (MEDEIRO, 2002). A construção ou compreensão de uma identidade nos faz perceber nossa cultura original e também compreender a incorporação de outras. (RIBEIRO, 2002).

É por essas vertentes que se justifica a realização do nosso trabalho. A principal relevância desta pesquisa científica se faz pelo enriquecimento que propõe aos estudos sobre as características do universo cultural capixaba, por meio da

compreensão de uma das faces de sua formação cultural, visto que traz como objeto empírico uma instituição cujo produto final representa um dos mais difundidos símbolos da sua cultura, a panela de barro. Assim, a maior contribuição desta pesquisa está em elucidar os aspectos relevantes de um dos elementos da formação cultural capixaba, tão fragmentada.

Do ponto de vista teórico, uma justificativa relevante é a realização de um estudo que busca a compreensão da sociedade tradicional e os contrastes com a modernidade de maneira a oferecer mais elementos que facilitem a investigação desta interconexão. As peculiaridades observadas no objeto em questão nos permitem compreender esta interface, pois, notadamente a produção da panela de barro se faz por meio de técnicas tradicionais e o tratamento dado a esse artefato delinea-se pelos moldes da complexa sociedade moderna.

Do ponto de vista da gestão, a contribuição deste trabalho se dá na compreensão do universo do artesanato capixaba. A arte de produzir panelas de barro constitui-se como principal fonte de renda para muitas artesãs o que implica na formação de relações de trabalho e criação de relacionamento com fornecedores, distribuidores e consumidores dando a atividade uma conotação não somente de um processo, uma tradição presente na vida das paneleiras, mas, uma atividade econômica, uma atividade profissional. Assim, é relevante entender este universo para que as ações voltadas para esta atividade e para este campo da gestão possam ser percebidas como importantes possuindo as mesmas necessidades de planejamento e deslocamento de recursos comuns a qualquer atividade econômica.

Por fim, registramos ainda que estudos como este, que não trazem como fundamento os elementos clássicos da administração agregam valor às teorias existentes em uma dimensão pouco considerada na prática, ou seja, as experiências vividas e internalizadas pelos indivíduos.

A dimensão “indivíduo” há muito vem sendo deixada de lado nas organizações modernas. Essa esfera subjetiva não possui o mesmo peso nas realidades

organizacionais modernas onde os números, as maximizações de lucro e minimizações de custos têm lugar privilegiado. De acordo com Rey (2003, p.IX), a subjetividade, é “um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social”. Assim, uma vez esquecida a dimensão dos indivíduos e as formações históricas, esquecemos também quem somos e nossas origens.

V

Para dar conta daquilo que nos propomos a estudar neste trabalho, é preciso lançar mão de procedimentos metodológicos que nos sustentem e permitam a veracidade dos resultados esperados.

A definição da metodologia a ser utilizada na realização de um trabalho de pesquisa, é uma etapa fundamental que deve ser dotada de cuidados uma vez que é por meio do delineamento desta que buscaremos os dados necessários para os possíveis resultados, bem como a maneira pela qual conduziremos estas informações levantadas de modo que possamos levar em conta a base conceitual, os objetivos propostos e as limitações que poderão existir.

Serão estabelecidos os procedimentos necessários para o levantamento das informações inerentes ao objetivo principal e também aos específicos, assim como, os modos de tratamento e análise dos dados coletados. Na apresentação da metodologia o que se pretende de fato é estabelecer o direcionamento, o que norteou e sustentou toda pesquisa.

Tomamos então, as construções sociais como ponto de partida. Berger e Luckman (1978), partem do pressuposto que a realidade é construída socialmente e que se requer uma análise contínua dessa construção social para que os homens tenham clareza do que conhecem como realidade. Falamos de características das ciências sociais onde o desenvolvimento de uma prática crítica requer uma elaboração mais profunda do conhecimento o que inclui discussões de ordem prática, fundamentadas em teorias diversas.

Dessa maneira, as “escolhas” tornam-se cada vez mais iminentes e a preocupação com uma das partes que compõem o todo é mais freqüente. Para um pesquisador, ter consciência da parcialidade, da sua capacidade de entender o todo é um ponto de partida. Assim, é necessário o empenho para ser o mais amplo possível na sua visão, para que a grande dimensão humana não seja negligenciada.

Assim, a realização de uma pesquisa com objeto empírico, requer cuidados metodológicos tais como a definição do método de pesquisa utilizado, as técnicas que o complementam e adequam-se à realidade do pesquisador e também da realidade a ser investigada.

No presente projeto, foi utilizado o método qualitativo de pesquisa. Algumas observações que justificam esta abordagem podem ser delineadas. A primeira delas está ligada à escolha do objeto que não pode ser considerado um fato social imutável e sim um conjunto de representações e configurações, cujos sentidos variam de acordo com os agentes envolvidos no processo e com os sistemas de valores dos atores sociais. A segunda diz respeito à construção de uma base de dados que auxilie no maior conhecimento das questões envolvidas neste processo como as relações entre modernidade e tradição e a análise das relações sociais, sem a perspectiva, contudo, de propor ações diretas que visem mudar o curso dos acontecimentos. Mas, o que vem a ser pesquisa qualitativa?

Este tipo de pesquisa caracteriza-se, sobretudo, pelo interesse na interpretação dos próprios participantes sobre a situação em estudo (MOREIRA, 2000). Neste caso, as relações entre tradição e modernidade sendo observadas a partir da existência de uma instituição com uma organização social com valores e configurações únicas, as relações construídas dentro desta organização com o saber fazer e com o próprio produto final enfatizando a flexibilidade na condução do processo estabelecem a observação e diálogo desde o princípio da elaboração do projeto.

Em direção a essa experiência social que as pesquisas qualitativas se encaminham. É na busca dos significados de vivências dos sujeitos investigados que o pesquisador concentra seus esforços, procurando desvendá-los.

Alguns pressupostos básicos, de acordo com Martinelli (1999, p.22-23) fundamentam o uso de metodologias qualitativas de pesquisa:

O primeiro [...] é o do reconhecimento da singularidade do sujeito. [...] o segundo [...] é que essas pesquisas partem do reconhecimento de importância de se conhecer a experiência social do sujeito e não apenas suas circunstâncias de vida [...] [e por fim], o terceiro [...] que se expressa no reconhecimento de que conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social.

Podemos, então afirmar, que nessa metodologia de pesquisa a realidade do sujeito é conhecida a partir dos significados por ele atribuídos. Não necessariamente se trata de um tipo de pesquisa que privilegia uma grande quantidade de sujeitos, pois é “preciso aprofundar o conhecimento em relação àquele sujeito com o qual estamos dialogando”. (Op. Cit., p.23)

Segundo a autora, o número de pessoas que prestará a informação é menos importante do que os significados que os sujeitos de pesquisa têm, em função daquilo que estamos buscando com a realização da pesquisa. Dessa maneira, surge o recurso do sujeito coletivo, “no sentido de que aquela pessoa que está sendo convidada para participar da pesquisa tem uma referência grupal, expressando, de forma típica, o conjunto de vivências de seu grupo”. (Op. Cit., p.24)

Outra colocação importante é a da postura do investigador ou pesquisador nessa abordagem. A pesquisa qualitativa é de certa maneira participante e o pesquisador torna-se um sujeito da pesquisa.

Não podemos pensar que chegamos a uma pesquisa como um “saco vazio” [grifo da autora]. Não! Temos vida, temos história, temos emoção! [...] quanto mais emoção colocarmos nas nossas pesquisas, mais vida elas terão. [...] o sujeito não pode ser

oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades. (Op. Cit., p. 126)

Triviños (1987) faz uma ressalva importante acerca da pesquisa qualitativa que complementa as idéias já expostas. De acordo com o autor,

As três bases teóricas de enfoque da pesquisa qualitativa [estrutural-funcionalista, fenomenológica e materialista-dialética] tornam impossível uma definição [...] [deste tipo de pesquisa] em termos que satisfaçam os requisitos [para a formulação de direcionamentos] fundamentais. Por isso, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apóie o pesquisador. (Op. Cit., p.125)

Por fim, é importante dizer que a pesquisa qualitativa, muito mais do que descrever um objeto, busca conhecer trajetórias de vida e experiências sociais dos sujeitos.

Na busca então de coletar informações levando em consideração o tipo de pesquisa a ser realizado, definimos como método de coleta de dados, a observação aliada à realização de entrevistas em profundidade. Pensamos assim ser capazes de compreender essa visão pautada nos elementos tradicionais além de entender melhor a formação desse discurso da tradição, para depois analisa-lo, relacionando-o a realidade da modernidade existente.

Na verdade buscamos inicialmente compreender essa realidade por meio de visitas e também da observação onde anotamos os dados coletados em um diário de campo e utilizamo-los como suporte para a criação das categorias de análise. Realizamos em seguida, dez entrevistas em profundidade utilizando um roteiro com tópicos semi-estruturados (anexo 1) com o intuito de buscar uma compreensão maior sobre a trajetória de vida daqueles atores, bem como a leitura das tradições e a importância da existência da Associação.

Todas as entrevistas foram gravadas em fitas magnéticas, e posteriormente foram transcritas gerando noventa e três páginas de texto. Além da transcrição propriamente dita, foram feitas várias anotações relativas às impressões sobre os locais de trabalho, percepções sobre a segurança nas falas, entre outras.

De fato, conseguimos, após as análises dessa primeira parte, detectar muitas características relevantes da entidade, da importância desta na vida daquelas pessoas, e é claro a existência dos elementos que marcam a modernidade como a preocupação com o consumo, a separação tempo e espaço e principalmente as escolhas de estilos de vida. Esses elementos serão posteriormente discutidos.

Complementando essa etapa, algumas análises documentais foram realizadas no sentido de fornecer um maior número de subsídios com relação ao objeto porposto.

Os sujeitos delinham-se da seguinte maneira: foram dez entrevistadas que produzem a panela de barro e atuam no galpão.

As dez entrevistadas foram selecionadas obedecendo aos seguintes critérios: a disponibilidade em conceder uma entrevista; a localização do estande de trabalho dentro do galpão, ou seja, foram escolhidas pessoas que atuam no fundo do galpão, no meio e na frente; e por fim a eliminação de irmãos do processo de coleta para alcançar a diversidade de informações nas fases iniciais da vida

A visitação à entidade e o processo de observação e coleta de dados no campo, aconteceu no próprio galpão das paneleiras. As visitas foram sistematizadas da seguinte maneira: Com frequência diária e permanência no local durante todo o dia. Foram realizadas também visitas a algumas casas com o intuito de confirmar dados coletados no campo. Esse processo durou dois meses e foi realizado em março de 2006 e julho de 2006, escolhidos aleatoriamente, em função também de nossa disponibilidade em permanecer no local. É importante ressaltar que estivemos no mês de fevereiro de 2006, por algumas vezes na entidade, com o intuito de conhece-la melhor. Nesta ocasião é que buscamos com a primeira presidente da Associação, informações sobre a constituição e formação da mesma.

As entrevistas em profundidade foram realizadas no mês de agosto de 2006. Estes atores foram contatados diretamente. Nesse contato, além da explicação dos objetivos desta pesquisa foi firmado um acordo de não divulgação dos nomes das

entrevistadas. As entrevistadas se mostraram receptivas, e como algumas das entrevistas foram realizadas no próprio galpão, em alguns momentos houveram interrupções devido a vendas e atendimentos, contudo, nada que prejudicasse a interação entre pesquisador e entrevistado.

Por fim, o tratamento dos dados se fará pela criação da categorização analítica onde serão levadas em consideração três categorias: a tradição e suas características, a modernidade e seus elementos e o discurso e sua sobrevivência. Para a realização de tal categorização, buscaremos os dados coletados durante o processo de observação para então sim cruza-los com os dados coletados nas entrevistas.

As informações serão sistematizadas e organizadas de modo a estabelecermos um norte para as análises. A sistematização dos dados coletados não visa à construção de modelos. Tem antes a preocupação em não fragmentar a realidade investigada.

Uma análise transversal de todos os aspectos levantados e estudados é de fundamental importância, uma vez que esta pesquisa considera o objeto estudado como um processo construído socialmente.

Capítulo II

RELAÇÕES ENTRE MODERNIDADE E TRADIÇÃO EM ANTHONY GIDDENS

Modernidade e Tradição como fenômenos entrelaçados

Quando buscamos uma definição para Modernidade, inevitavelmente encontramos a origem etimológica da palavra. Modernidade é proveniente do latim *modernus*, que significa “agora”, do “tempo de agora”. Na área da literatura, *Modernus* opunha-se a *Antiquus* e significava uma linha divisória entre a cultura clássica e um presente cuja tarefa histórica era reinventar essa cultura. (www.biblioteca.unesp.br/biblioteca_digital, acesso em 10/12/06). Essa associação entre a idéia original e a antítese com o antigo propõe uma análise no sentido de compreender e comparar o novo e o antigo detectando suas diferenças mais marcantes e os elementos por trás dessas relações.

Mas, o que vem a ser Modernidade?

existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida [...] [conjuntos de experiências esse denominado de modernidade]. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos, tudo que somos. (BERMAN, 1986, p.15)

Para discutir o fenômeno da modernidade, bem como seus entrelaces com as tradições, utilizaremos, além de outros estudos, os de Antony Giddens, que propõe uma descrição densa sobre o assunto e suas conseqüências. A análise de Anthony Giddens sobre a modernidade oferece-nos a possibilidade de compreender o mundo em que vivemos, nossas inseguranças, incertezas e, inclusive, as transformações nos espaços da intimidade.

Esse autor trabalha o fenômeno chamando-o de alta-modernidade ou modernidade tardia. Segundo Giddens (1991, p.11) a modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. É isso, entender a modernidade é como entender as características de um determinado tempo, suas dinâmicas, os fatores mais marcantes, as interações e as peculiaridades relativas àquele tempo. Vivemos uma época marcada pela desorientação e pela sensação de que não compreendemos inteiramente os eventos sociais. A modernidade alterou as relações sociais e também a percepção dos indivíduos e coletividades sobre a segurança e a confiança, bem como sobre os perigos e riscos do viver. É da compreensão dessas relações e mudanças que nos ocuparemos na busca de respostas para a questão proposta nesse trabalho.

A modernidade vem em contraposição às tradições. Na verdade, sob a ótica de Giddens (2002) a modernidade propõe uma invenção ou reinvenção das tradições. Segundo o autor, os modos tradicionais de vida vêm-se transformando: "sobre o plano extensional, novos fatores serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, eles vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana" (GIDDENS, 1991, p. 14).

É fato que existem continuidades entre o moderno e o tradicional, sendo que nenhum e nem outro isoladamente formam o todo à parte. É impossível, portanto, fazer um estudo sobre a modernidade sem estabelecer um paralelo com a tradição, ou melhor, com a organização social nos moldes tradicionais.

A tradição, segundo Giddens (Op. Cit., p.80), “é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente”.

Na verdade, o tradicional torna-se uma espécie de referência, uma ligação entre o que se vive no presente e o que foi vivido no passado. É uma recordação da história, é o que permite sua delimitação e seu contexto, assim, não é totalmente perdido. As tradições, no mundo moderno são reconstruídas e reinventadas de modo a influenciarem as configurações do presente e as orientações para o futuro.

Na sua essência, a tradição envolve o que é ritualístico, ou seja, configura um meio prático de preservação seja dos costumes, das crenças religiosas ou dos saberes de um povo. Os rituais representam mecanismos de conservar e armazenar a memória coletiva e as verdades intrínsecas ao que é tradicional e necessitam de intérpretes, os guardiões do conhecimento, aqueles que traduzem as crenças e conferem o sentido místico aos conhecimentos e costumes tradicionais. A tradição pressupõe uma atitude de resignação diante do destino, o qual, independentemente da intervenção humana, é responsável pela construção da história. Dessa forma, conhecer é ter habilidade para produzir algo e está ligado à técnica e à reprodução das condições do viver. A ordem social pautada na tradição expressa, sobretudo, a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações.

Giddens (Op. Cit.), ao mencionar os modos tradicionais, refere-se às tradições, crenças e valores nos quais a sociedade se baseava para desenvolver suas ações sociais no período por ele mencionado como pré-modernidade ou, em alguns casos modernidade. A coincidência tempo e espaço era a principal norteadora de ações nesse período. Na alta-modernidade ou modernidade tardia, com a substituição da tradição as referências tranquilas, certas e seguras proporcionadas por essas novas dimensões espaços-temporais, deixam a deriva os sujeitos das ações sociais.

Nas condições da modernidade, o ritual é reinventado e reformulado. O mesmo ocorre com o intérprete, o reprodutor das verdades, o guardião do conhecimento, que passa a coexistir na figura, por exemplo, do especialista, do conhecedor das nuances e ainda multiplicador do conhecimento.

Contudo, na sociedade pós-tradicional, as tradições não desaparecem totalmente; na verdade, em alguns aspectos elas florescem. Elas mudam seu *status* tendo que tornar-se abertas ao discurso e aos questionamentos propostos pela nova e reflexiva⁸ ordem social. É preciso compreendermos que no início do desenvolvimento das sociedades modernas, realmente houve uma desestabilização das tradições pelo pensamento iluminista (GIDDENS, 1996). Porém, grandes tradições como a religião e a própria ciência sobreviveram e tomaram novos enfoques com a modernidade, enfoques esses essenciais para o desenvolvimento e consolidação dessa nova ordem social. A modernidade reinventa a tradição reincorporando-a. Ela passa a ter valor em um universo de valores competitivos plurais.

Contudo, a ordem social tradicional ruiu em detrimento da ordem social moderna e não somente as maneiras de tratamento dado às tradições são responsáveis por estas transformações. Como explicar, então, o que aconteceu com a dinâmica social? Quais os principais fatores identificados por trás destas mudanças?

Grandes pensadores e desvendadores do dinamicismo social da história como Marx, Durkheim e Weber ocuparam-se de estudos, entre outros, sobre a dinâmica de transformação que sofreria a sociedade com a chegada da modernidade.

Marx e Engels (1973, p.70) afirmam que

a modernidade é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] todas as relações fixas e congeladas, com seu contexto de vetustas representações e concepções, são

⁸ A reflexividade institucional é, segundo Giddens, uma das dinâmicas da modernidade e será discutido posteriormente.

dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido desmancha no ar...

Para Marx, a principal força modeladora do mundo moderno é o capitalismo. A ordem social emergente da modernidade e que influencia seu sistema econômico quanto outras instituições é o capitalismo.

Weber e Durkheim, criticaram essa visão de Marx. Para Durkheim, o caráter da rápida transformação social imposta pela modernidade deriva do impulso da complexa divisão do trabalho por meio da exploração industrial da natureza, ou seja, a ordem é industrial e não capitalista. Weber, contudo, falava em capitalismo, mas, do capitalismo racional (WEBER, 1999), isto é, a racionalização percebida na tecnologia e na organização das atividades humanas, na forma da burocracia é a mola mestra responsável pelos movimentos de todas as instituições, sobretudo, a social.

Giddens (1991) completa, entretanto, que a modernidade, no universo das instituições, é multidimensional e que os elementos especificados pelos autores em suas diversas tradições teóricas representam, todos, papéis importantes para os movimentos sociais, ou seja, a burocracia, o capitalismo, a industrialização e tantos outros elementos presentes na configuração da dinâmica social atuam entrelaçados, cada qual com sua importância. Cabe aqui ressaltar a importância da racionalização proposta por Weber, por exemplo, em sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (WEBER, 1967). Não encontramos o conceito de modernidade explicitamente na obra, mas o autor nos oferece uma boa base para a compreensão do elemento racionalidade. A racionalização se manifestou com o processo de diferenciação das esferas de valor e de ação, antes unificadas pela religião (WEBER, 1967). Com o surgimento do cálculo racional dos custos da produção, a institucionalização do trabalho assalariado, o aparecimento de uma nova maneira de pensar e agir e também a modificação do Estado, novas configurações da realidade vão surgindo e esses elementos vão manifestando a racionalidade instaurada no mundo ocidental moderno. (CARVALHO, 2005). Na ótica de Weber, a emergência da empresa capitalista juntamente com o Estado Moderno possibilitam a alavancagem do processo de racionalização. Esse elemento que as grandes empresas trouxeram no campo da gestão e sua dinâmica no contexto da

modernidade, nos permite não somente entendermos uma nova realidade construída na sociedade, mas a própria relação dessa sociedade com o mundo.

Weber (1967) afirma que o processo de racionalização do mundo ocidental inclui a racionalização do estilo de vida do homem e de sua conduta ética.

Giddens (1991) diz que a radicalização da modernidade, o avanço dos processos de individualização e a autonomização das relações pessoais de amarras frente a outras instâncias institucionais e da identidade de padrões preestabelecidos obrigam-nos a fazer uso cada vez maior de nossas capacidades reflexivas para dar conta de um mundo em permanente processo de mutação.

Como dito, esse autor trata a modernidade como sendo multidimensional. Contudo, existe uma estreita ligação da deste fenômeno com a industrialização. Para Giddens a modernidade é inerente à "industrialização" (GIDDENS, 2005, p.47). Não podemos dizer que as mudanças sociais ocorridas diante do intenso processo de racionalização e automação mundial não estejam ligados à existência do capitalismo ou somente estejam vinculadas à emergência da industrialização.

Giddens (2001, p.28-29) explica que:

um dos principais debates em teoria social tem sido entre aqueles que vêem o capitalismo como o criador do mundo moderno, e aqueles que consideram que talvez essa honra duvidosa se deva ao industrialismo. [...] A interpretação marxista da expansão capitalista e sua transcendência pelo socialismo opõe-se a "teoria da sociedade industrial" [grifo do autor], segundo a qual tanto o capitalismo quanto o socialismo são variações de um tema maior, a formação da vida social moderna pela produção industrial.

As sociedades tradicionais, aquelas das superstições, arraigadas de crenças e costumes eram imbuídas de uma referência de trabalho voltada para o campo, agricultura e atividades pastoris. O deslocamento era desnecessário e a ligação com o local muito enraizada. Segundo Giddens (2005, P.48), "o nível relativamente baixo

de desenvolvimento tecnológico, não permitia liberar senão, uma pequena minoria do labor da produção agrícola”.

Ao contrário disto, nas sociedades industriais, grande parte da população desloca-se para os grandes centros, com o desejo, talvez oculto de vivenciar o mundo capitalista e acabam por integrar o grande grupo dos submersos no trabalho e na intensa produção. Com a industrialização o transporte e as comunicações tornaram-se mais intensos e desenvolvidos proporcionando velocidade na circulação da informação e uma extraordinária conexão virtual entre todos os territórios transformando por completo as configurações espaços-temporais⁹.

Há de se confirmar esta proposição de Giddens por meio do Estado-Nação, que representa uma das primeiras manifestações do surgimento do estado moderno. O mundo moderno, de acordo com Giddens (2001, p.30) "tem sido configurado como interseção do capitalismo, do industrialismo e do sistema de Estado-Nação". Segundo o autor,

Somente com a consolidação do Estado-nação e a generalização da democracia nos séculos XIX e XX, a comunidade local efetivamente começou a se fragmentar. Antes deste período, os mecanismos de vigilância eram primariamente “de cima para baixo” [grifo do autor]; eram meios de controle cada vez centralizados sobre um espectro de “indivíduos” não mobilizados. (GIDDENS, 1991, p.115)

Giddens (2001), defende que o armazenamento de informações como recursos políticos na estruturação do sistema social, a vigilância como chave para a expansão desses recursos e o papel do poder militar na organização dos estados são características presentes na consolidação dessa organização política que figura como reflexo da modernidade, o Estado-Nação.

⁹ A Separação tempo-espaço é considerada por Giddens (2002) como uma das dinâmicas da alta-modernidade e será discutida posteriormente.

O Estado-Nação, dentre as formas sociais que a modernidade produz, figura como a mais distinta. Segundo Martin-Barbero, percebemos que ele se traduz da seguinte forma:

Nação significa ao mesmo tempo a soberania do Estado e a unidade econômica e social. É a idéia de pátria revestindo-se de sentido social ao implicar a predominância do bem público sobre os interesses particulares e a abolição dos privilégios".
(MARTIN-BARBERO, 2003, p.140)

Como entidade sociopolítica, o Estado-nação contrasta de modo fundamental com a maioria dos tipos de ordem tradicional. De acordo com Giddens (2001, p. 116)

os Estados-Nações são as comunidades políticas, divididas umas das outras por fronteiras claramente delimitadas e não por vagas áreas que separavam os estados tradicionais. Os governos nacionais tem poderes extensivos sobre muitos aspectos das vidas dos cidadãos, determinando as leis que se aplicam a todos que vivem dentro de suas fronteiras.

Assim, os Estados-Nações, desenvolvem novas configurações territoriais, bem, como relações políticas, que traduzem as modificações nas relações sociais, e um novo desenho da realidade, então pautada no industrialismo, enfatizando a presença sempre constante do capitalismo, propiciando cada vez mais o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novos produtos, novos estilos, novas necessidades.

Esse foco de Giddens nas subjetividades, nos movimentos sociais e nas novas configurações institucionais não elimina o princípio de que os elementos da racionalização em que a modernidade se assenta estão muito presentes, não apenas no industrialismo, base material concreta de sua existência, mas também na própria lógica de operação das organizações modernas. Organizações entre as quais se incluem não apenas as grandes empresas que foram sendo construídas, mas também o próprio Estado-Nação. A racionalização que as grandes empresas trouxeram no campo da gestão tornou-se fundamental não apenas para a compreensão de uma nova realidade construída na sociedade, mas a própria relação dessa sociedade com o mundo.

A rapidez com que essas novas conexões e configurações territoriais, bem como as novas regras, leis e normas foram sendo mundializadas acabou por afetar toda a lógica de funcionamento das sociedades.

Vivemos numa ordem pós-tradicional, em uma ordem onde o princípio da dúvida ganha projeção em detrimento do conhecimento racional. Giddens (2002, p.10) afirma que “a modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional”. A tradição representa, no sentido figurado, “a cola que une as ordens sociais pré-modernas” (GIDDENS, 1991, p.80). Ou seja, ela é “um meio organizador da memória coletiva [...]. [Ela] é necessariamente ativa e interpretativa.”

Nos deparamos, então, com uma reconfiguração do tradicional. A modernidade propõe uma reinvenção das tradições, rompendo com aqueles valores vinculados totalmente ao passado. As referências certas e seguras proporcionadas pela inquestionável tradição usadas pelos sujeitos como norteadoras no desenvolvimento das suas ações sociais são substituídas por novas referências, reinventadas, reincorporadas. Neste sentido, a modernidade expressa a descontinuidade, a ruptura entre o que se apresenta como o novo e o que persiste como herança do velho. (SILVA, 2005).

Giddens identifica as características que explicitam as descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais:

Uma é o “ritmo da mudança” [grifo do autor] nítido que a era da modernidade põe em movimento. [...]. Uma segunda descontinuidade é o “escopo da mudança” [grifo do autor]. Conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão ondas de transformação social penetram virtualmente toda a superfície da Terra. Uma terceira característica diz respeito à “natureza intrínseca das instituições modernas” [grifo do autor] [...] tais como o sistema político do estado-nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimadas ou a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado. (GIDDENS, 1991, p.15-16)

A modernidade, por assim dizer, estabelece o rompimento daquele referencial protetor de pequena comunidade e da tradição segura, substituindo-as por organizações maiores, informais e impessoais. "O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe faltam o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais." (GIDDENS, 2002: 38)

Assim, não basta apenas inventar novas palavras para explicar este redemoinho de elementos e novas configurações; é preciso um olhar com atenção sobre a própria modernidade, suas características, seus eixos constitutivos e uma análise de suas conseqüências.

Segundo Giddens,

o mundo moderno é um mundo em disparada: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido do que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento pré-existentes são maiores. o que explica o caráter peculiarmente dinâmico da vida social moderna. (Op. Cit., p.22)

O fato é que um olhar sobre as heranças da sociedade torna-se insuficiente para as construções atuais onde elementos em constante mutação como consumo, identidade e cultura são postos em evidência. Podemos dizer que novos dados são incorporados à dinâmica social, permitindo o desenvolvimento de novos significados para aqueles já existentes. Dessa maneira, não existem mais espaços somente para formulações teóricas lineares e hegemônicas; há a necessidade da pluralidade histórica, política, social e cultural.

Modernidade: um olhar sobre seu dinamismo

De acordo com Giddens (2002), são três as fontes do dinamismo da modernidade: separação tempo e espaço, desencaixe e reflexividade.

A separação tempo e espaço, primeira das fontes de dinamismo da modernidade seguindo as proposições de Giddens, "é a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais". (Op. Cit, p.26).

A separação entre tempo e espaço "é a condição do distanciamento tempo-espaço de escopo indefinido; ela propicia meios de zoneamento preciso, temporal e espacial". (GIDDENS, 1991, p.58).

Nas culturas tradicionais a tradição representa o modo de associar a ação com a organização do tempo e espaço da comunidade. Ela é uma maneira de relacionar o tempo e o espaço de modo que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados sempre por práticas sociais periódicas. O cálculo do tempo que certamente constituiu a base da vida cotidiana nas sociedades pré-modernas era geralmente impreciso e conectado ao lugar.

Lugar é melhor conceitualizado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente. Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população e para quase todos os efeitos, dominadas pela presença. (Op. Cit., p.26-27)

Na sociedade moderna, o tempo e o espaço assumem novas configurações. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo. A invenção do relógio, por exemplo, padroniza a leitura do tempo independentemente do local (espaço) em que se está localizado. O sistema de calendário também representa um exemplo desta separação. Todos os povos seguem o mesmo sistema de datação. Ainda que existam diferentes anos novos, a contagem do tempo é feita dentro de um mesmo padrão universal.

A separação tempo e espaço, pressupõe, dessa maneira, que existe o desenvolvimento de uma dimensão do tempo vazia, principal alavanca que separou o espaço do lugar. Contudo, a separação do tempo em relação ao lugar não implica que eles tornam-se aspectos reciprocamente alheios à organização social.

A organização social moderna supõe a coordenação precisa das ações de seres humanos fisicamente distantes; o 'quando' [grifo do autor] dessas ações está diretamente conectado ao 'onde' [grifo do autor], mas não, como épocas pré-modernas, pela mediação do lugar. (GIDDENS, 2002, p.23)

Esta separação tempo-espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, levam à formação de instituições “desencaixadas” que dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço, abrindo múltiplas possibilidades de mudança ao liberarem as restrições dos hábitos e práticas locais. Além disso, ela proporciona os mecanismos de engrenagem para a organização racionalizada, um

traço destrutivo da vida social, possibilitando às organizações modernas a capacidade de conectar o local e o global de maneiras impensáveis em sociedades mais tradicionais. “Tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência” (Giddens, 1991, p.29).

A separação tempo-espaço propicia a condição para o desenvolvimento da segunda fonte do dinamismo da modernidade segundo Giddens, os mecanismos de desencaixe, que "consistem em fichas simbólicas e sistemas especializados (em conjunto = sistemas abstratos) [...] [que] separam a interação das particularidades do lugar". (GIDDENS, 2002, p.26). Complementando a definição proposta acima, o próprio autor diz o seguinte acerca do desencaixe: "Por desencaixe me refiro ao 'deslocamento' [grifo do autor] das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço". (GIDDENS, 1991, p. 29). Continuando, confirma que "este [desencaixe] retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais". (Op. Cit., p. 58)

Como dito anteriormente, o desencaixe é composto por fichas simbólicas e sistemas especializados que são os responsáveis pela dinâmica de seu funcionamento. É preciso estudá-los e entendê-los separadamente para depois, sim, compreender os sistemas abstratos representados pela junção desses dois elementos.

As fichas simbólicas são os,

meios de intercâmbio que podem ser “circulados” [grifo do autor] sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. [Diversas] [...] fichas simbólicas podem ser distinguidas, tais como os meios de legitimação política. (Op. Cit., p. 30)

O dinheiro constitui um dos exemplos mais claros de fichas simbólicas, inclusive citado pelo autor.

O dinheiro, pode-se dizer, é um meio de retardar o tempo e assim separar as transações de um local particular de troca. [...] É um meio de distanciamento tempo-

espaço. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço. Ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna. (Op. Cit., p. 32-33)

Em sua forma desenvolvida, o dinheiro é definido em termos de crédito e débito, proporcionando meios de conectá-los em circunstâncias em que a troca imediata de produtos é impossível. Devido a este traço, uma das formas mais características de desencaixe na era moderna é a expansão dos mercados capitalistas. O desencaixe propõe um afastamento de relações sociais dos seus lugares específicos recombinação-as através do tempo e do espaço.

Os sistemas especializados também tratados pelo autor de peritos (Op. Cit., P.35) são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”.

Na sociedade moderna estamos permanentemente atrelados a sistemas especializados, isto é, sistemas com os quais interagimos todo o tempo no cotidiano e que não dependem diretamente de um conhecimento profundo de nossa parte sobre o seu funcionamento, por exemplo, a informática, o sistema bancário, os sistemas de controle de vôos e a automação que é sem dúvida um dos maiores sistemas peritos em que a sociedade da contemporaneidade se envolveu. Ela está no cotidiano das pessoas tornando-se comum sua não perceptividade.

Em inúmeros casos e nestes citados por exemplo, confiamos sempre em especialistas, que nem em sociedades modernas tampouco em outros tipos de organização social são consultados todo o tempo. Contudo estes sistemas, nos quais encontra-se disponível e integrado o conhecimento dos especialistas, influencia freqüentemente muitos aspectos do nosso ser e agir cotidianos. Eles “criam grandes áreas de segurança relativa para a continuidade da vida cotidiana” (GIDDENS, 2002, p. 126).

Como dito, os sistemas especializados associados às fichas simbólicas formam os sistemas abstratos, que são considerados desencaixados pois “removem as relações sociais das imediações do contexto pressupondo e, ao mesmo tempo, promovendo a separação entre espaço e tempo como condição do distanciamento tempo-espaço que eles realizam”. (GIDDENS 1991, p.36).

Os sistemas abstratos perpassam todas as dimensões da vida social estruturando, por assim dizer, até mesmo as situações psíquicas dos indivíduos, dando à tônica das condições sociais de construção de uma identidade pessoal. Assim, os indivíduos constroem suas identidades por meio da mediação dos sistemas abstratos, nas condições da modernidade.

Contudo, existe uma sensação de ansiedade e desconforto que é ocasionada pelo mecanismo de desencaixe através da ruptura espaço-temporal e seu ritmo acelerado de mudanças. “Em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida social globalizada.” (Op. Cit., p.83)

Dessa maneira, os atores sociais precisam criar ações que permitam ou pelo menos transmitam a sensação de segurança para sobreviver. Nesta tentativa, as pessoas desenvolvem, então, mecanismos de confiança, principalmente nos sistemas especializados. A confiança cria uma espécie de casulo protetor que afasta ameaças e perigos que a vida cotidiana contém; ela não obedece a normas ou padrões; ela deve ser simplesmente conquistada por meio de um processo mútuo de auto-revelação. A confiança põe entre parênteses questões de ocorrências potenciais e complementares, creditando a ligação entre o conteúdo tradicional e global.

Entretanto, combinada à confiança encontra-se subjacente uma sensação de ansiedade, e este movimento oscilante provoca a necessidade de ser neutralizado.

Dessa maneira, os sujeitos de tempos em tempos aproximam-se de outras pessoas na tentativa de suavizar ou acalmar essa inquietação, ação esta denominada por Giddens mecanismo de reencaixe. Por reencaixe, Giddens (Op. Cit., p.83) refere-se à “reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de de forma a compromete-las [...] a condições locais de tempo e lugar”.

Por fim, a terceira fonte do dinamismo da modernidade caracteriza-se pela reflexividade institucional. Tomada por definição, de acordo com Giddens (2002, p.25-26),

reflexividade se refere à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa, à luz de novo conhecimento ou informações. [...] [É] o uso regularizado do conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação.

A reflexividade reflete uma fuga à tradição. Está imbuída dos aspectos da fragmentação, e caracteriza-se pelo constante aperfeiçoamento tornando incessante a busca pelo novo, pelo moderno. Dessa forma, as práticas sociais modernas tornam-se organizadas e, sobretudo, transformadas, tomando por base um conhecimento que é constantemente renovado à luz dessas próprias práticas. A reflexividade traduz uma sociedade em que as condições em que se vive representam cada vez mais o resultado de ações próprias daquela sociedade e, inversamente, essas ações tentam cada vez mais administrar ou enfrentar os riscos e oportunidades criados por aquela ordem social.

Nas condições da modernidade reflexiva o conhecer não significa estar certo, ou seja, o conhecimento está sempre sob dúvida e incide sobre as práticas sociais e estas sobre o mesmo e esta característica reflexiva da sociedade moderna adverte para a possibilidade da existência de uma contínua geração de autoconhecimento sistemático. Giddens (1991, p. 58-59) afirma que “a produção de conhecimento sistemático sobre a vida social torna-se integrante da reprodução do sistema,

deslocando a vida social da fixidez da tradição”. Assim, o conhecimento está sempre sendo posto à prova e correndo o risco de ser descartado e a ciência é posta sob dúvida constantemente, ou seja, um paradigma pode ser ultrapassado por novas descobertas e isso de fato ocorre. A reflexividade potencializa este processo.

A dinâmica da reflexividade afrouxa as amarras com os ideais de um saber edificado e solidificado somente na razão superando, por exemplo, a superstição e os dogmas da tradição, gerando uma nova certeza, que extrapola o caráter despótico do hábito e do costume.

Concluindo esta parte conceitual sobre a modernidade ou alta-modernidade como é chamada por Giddens, torna-se necessário um entendimento maior sobre o elemento confiança e sua importância nas relações.

As características da modernidade, suas fontes de dinamismo (separação tempo-espaço, desencaixe e reflexividade) produzem efeitos observáveis nas experiências do cotidiano, expressas na sensação de insegurança, ansiedade, perigos e incertezas. A modernidade moldou o mundo natural e social à imagem humana, mas produziu um mundo fora de controle.

Em outras palavras, a modernidade é uma cultura do risco e no contexto da dinâmica da vida social moderna questões como confiança tornam-se fenômenos de relevância distinta e específica. A organização do mundo social na modernidade se dá de maneira diferenciada, tornando o conceito do risco uma questão de extrema importância, já que o futuro é trazido para o presente no processo de reflexividade da organização social. Dessa forma, o risco se estabelece como um componente central da modernidade e nem sempre é de fácil aferição em função do próprio caráter transitório das instituições modernas. O risco provém também do próprio progresso, como por exemplo: guerras biológicas em função da evolução das armas químicas, guerra nuclear em função da evolução da indústria bélica e assim por diante. Assim, a modernidade introduz novos parâmetros pouco conhecidos ou

desconhecidos em épocas anteriores, derivados, principalmente, do caráter global do sistema social por ela proposto.

Podemos dizer que existe uma desorientação dos indivíduos das organizações sociais dos dias atuais como se esses tivessem sido apanhados num universo de eventos que não compreendessem plenamente e que parecessem estar fora de seu controle. Contudo, a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, parece confiar em mecanismos ou práticas sociais das quais tem pouco ou nenhum conhecimento técnico.

Retomando as sociedades tradicionais, nelas, a autoridade do conhecimento era dada ao guardião, geralmente sábios, curandeiros ou outras figuras centrais responsáveis por fornecerem as interpretações corretas fundadas em uma verdade única. “A pessoa detentora do saber ou sábia [(guardião)] é o repositório da tradição, cujas qualidades especiais originam-se daquele longo aprendizado que cria habilidades e estados de graça”, afirma Beck (1997, p.104).

Nas ordens sociais modernas, a legitimidade do saber é passada ao especialista e também se fundamenta no longo aprendizado, porém, este não é monopólio seu e a posse desse saber não lhe assegura, automaticamente, a confiança e a incontestabilidade de uma verdade. Tomando como exemplo a ciência: esta precisou se impor enquanto verdade única em seus primórdios, quase tão absoluta quanto o saber com quem ela rivalizava. Com o passar do tempo, ela perdeu em muito a áurea de autoridade que chegou a possuir e de fato, não se mostrou tão certa e segura das suas afirmações visto que o que parecia verdadeiro num determinado contexto histórico, revelou-se falso em situações adversas. Nas condições modernas, essa incerteza, que gera insegurança, atinge a essência da experiência vivenciada, o cotidiano das pessoas.

Nas condições sociais modernas [...] a especialização é intrínseca a um mundo de alta reflexividade, onde o conhecimento local é informação reincorporada, derivada de sistemas de um ou de outro tipo. [...] O conhecimento especializado está aberto à

reapropriação a qualquer pessoas com tempo e recursos necessários para ser instruída; e a prevalência da reflexividade institucional significa que há uma contínua triagem de teorias, conceitos e achados especializados em relação à população leiga”. (Op. Cit., 110-113)

A modernidade pressupõe conseqüências e uma delas é a sabotagem na confiança constituída nos valores tradicionais implicando em novos ambientes onde é desenvolvida a “segurança ontológica” (GIDDENS, 1991). A segurança ontológica “se refere à crença que a maioria das pessoas têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes”. (Op. Cit., p 95) Ela diz respeito ao sentimento que os indivíduos têm sobre a continuidade das coisas e das pessoas e que se vincula à rotina e à influência do hábito. A necessidade de segurança ontológica produz um novo ambiente de confiança.

Giddens (Op. Cit., p.104) oferece um resumo desse novo ambiente trazendo um comparativo sobre os ambientes de risco e confiança nas realidades tradicionais e modernas, que definem os elementos tradicionais e a inserção dos novos elementos que levam à existência de uma nova ordem social com um dinamismo único.

	PRÉ-MODERNAS	MODERNAS
	Contexto geral: importância excessiva na confiança localizada	Contexto geral: relações de confiança em sistemas abstratos
AMBIENTE de CONFIANÇA	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Relações de parentesco</i>: como um dispositivo de organização para estabilizar laços sociais através do tempo-espço. 2. A <i>comunidade local</i> como um <i>lugar</i>, fornecendo um meio familiar. 3. <i>Cosmologias religiosas</i> como modos de crenças e práticas rituais fornecendo uma interpretação providencial da vida e humana e da natureza. 4. <i>Tradição</i> como um meio de conectar presente e futuro; orientada para o passado em tempo reversível. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Relações pessoais</i> de amizade ou intimidade sexual como meios de estabilizar laços sociais. 2. <i>Sistemas abstratos</i> como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo-espço. 3. <i>Pensamento orientado para o futuro</i> como um modo de conectar passado e presente.
AMBIENTE de RISCO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ameaças e perigos emanando da <i>natureza</i>, como a prevalência de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações ou outros desastres naturais. 2. A ameaça de <i>violência humana</i> por parte de exércitos pilhadores, senhores de guerras locais, bandidos ou salteadores. 3. Risco de uma <i>perda da graça religiosa</i> ou de influência mágica maligna. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ameaças e perigos emanando da <i>reflexividade</i> da modernidade. 2. A ameaça de <i>violência humana</i> a partir da industrialização da guerra. 3. A ameaça de <i>falta de sentido pessoal</i> derivada da reflexividade da modernidade enquanto aplicada ao eu.

Tabela 1: Ambientes Tradicionais e Modernos (GIDDENS, Antony, Conseqüências da Modernidade)

Assim, na visão de Giddens, a modernidade vem acompanhada de profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, através de mecanismos de desencaixe, em uma ordem pós-tradicional. O ritmo, a descontinuidade, o deslocamento, relações sociais dentro de distância espaciais e temporais

indeterminadas e, fundamentalmente, a ascensão das organizações marca este novo estágio da sociedade.

Na verdade, em sociedades pré-tradicionais, o papel desempenhado não está resignado ao indivíduo e sim a sociedade que é quem molda o indivíduo ao passo que nas sociedades pós-tradicionais ou, melhor, modernas, o indivíduo passa a ser aceito como é tornando-se parte da construção da sociedade, isto é, da construção social da realidade. Em outras palavras, cada indivíduo representa um sistema abstrato e a sociedade nem sempre é capaz de determinar suas ações ou forma de ser. Suas reações estão além da capacidade de entendimento e previsão uma vez que são regidas pelo seu eu do qual a sociedade necessariamente não possui controle nem conhecimento; é a subjetividade dos atores sociais posta em cena.

A Sociedade Global: a importância do fenômeno da globalização

Para compreendermos os novos elementos do presente que interagem com a tradição, ou melhor a relação ou contradições existentes entre tradição e modernidade é preciso entender, antes de tudo, o processo de permanente transformação da sociedade. Para tanto, fenômenos como a globalização necessariamente complementam o aporte teórico necessário para a compreensão dos elementos propostos. A dinâmica do processo de globalização e a forma com que somos afetados diretamente por ela definem novas formas de viver o cotidiano e a cultura herdada.

A idéia de globalização pode ser percebida a todo o tempo, em todos os lugares, nas atitudes, nos meios de comunicação, na moda que impera na estação: faz parte da composição da vida humana desde que emergiu como fenômeno mundial e compõe as produções intelectuais com a mesma importância que vigora nas transformações da vida social. Surge como força motora no mundo organizacional remetendo-nos ao internacional, transnacional, mundial, global.

A emergência do capitalismo está muito associada a idéia de globalização. De acordo com Monié e Vidal (2006, p. 978-979),

nos meados do século XIX, o processo de difusão da Revolução Industrial, da Inglaterra para o continente europeu, abriu uma nova era no processo histórico de expansão do capitalismo, e foi considerada por alguns autores a primeira mundialização. Politicamente, esse período se caracterizou pela afirmação dos Estados-nação, que formaram progressivamente um sistema interestatal internacional.

Ianni (2002) também comunga deste pensamento quando associa a expansão do modos de produção capitalista e a queda dos ideais socialistas às propícias condições da mundialização, ou melhor da globalização da sociedade. O autor com uma afirmação um pouco mais contemporânea acerca do capitalismo, diz que “a partir da Segunda Guerra Mundial desenvolveu-se um amplo processo de mundialização de relações, processos, estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração” (Op. Cit., p.36).

No século XX, o capitalismo desenvolve-se como um modo de produção material e espiritual, simultaneamente nacional e internacional. De acordo com Ianni (O.p. Cit., p. 53-54)

Primeiro [ele] expande-se continuamente pela geografia e a história das nações e continentes. [...] Revoluciona [...] periodicamente as condições sociais, econômicas, políticas e culturais de povos e civilizações não-capitalistas ou não ocidentais. [...] Segundo, [...] as formas de organização social da produção, traduzindo ciência em tecnologia [...], sofisticando a divisão do trabalho social e a especialização da força de trabalho, robotizando e informatizando organizações e atividades econômicas, sociais, políticas e culturais, tudo isso expressa o [...] desenvolvimento intensivo do capitalismo. Terceiro [...] o modo capitalista de produção envolve a reprodução ampliada do capital em escala cada vez mais ampla, simultaneamente nacional, continental e global.

A partir do início da década de 1990, assistiu-se a uma intensificação do processo de globalização caracterizado pela crescente integração das esferas da produção, do consumo e da circulação em todas as escalas geográficas (MONIÉ & VIDAL, 2006). A configuração capitalista do mundo figurada na maior parte das nações do final do século XX e início do século XXI tornou-se o determinante das ações políticas, econômicas e sociais mais atuais. No mundo organizacional, empresas desenvolvem novas estratégias de expansão no intuito de estruturar margens de

lucro, em um ambiente altamente competitivo. As práticas empresariais buscam a todo tempo novos mercados através da inovação e da difusão mundial dos seus produtos.

Contudo, a globalização do mundo, deixou de ser somente uma preocupação de empreendedores, daqueles que buscam novos nichos de mercado; deixou de ser um movimento cuja única preocupação está no desenvolvimento de mercados e tecnologias. Segundo Ortiz (2001), o nascimento da sociedade industrial, implica, além de um processo de integração econômica, uma interação entre os territórios, as inúmeras políticas nacionais, a lingüística e as várias culturas, elementos presentes em um outro tipo de formação social: a nação.

a emergência da sociedade industrial não significa apenas secularização, desenvolvimento da técnica, racionalização das esferas de saber, surgimento de instâncias políticas distintas, redefinição das classes sociais. Isso tudo tem evidentemente um papel crucial na organização de um novo tipo de sociedade. (ORTIZ, 2001, p. 62)

A globalização é um fenômeno que acabou por afetar toda a lógica social das sociedades pós-industriais, tornando-se um processo histórico-social de grandes proporções. Rompe e recria um novo mapa do mundo, inaugurando novos processos, estruturas e outras formas de sociabilidade, que articuladas se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades. As fronteiras, culturas, regimes políticos e estilos de vida, bem como civilizações parecem mesclar-se e dinamizar-se em outras modalidades, direções ou possibilidades. As coisas, as pessoas, os saberes e as idéias passam a mover-se em múltiplas direções, desenraizando-se ou desterritorializando-se. Segundo Ianni (2005, p. 12)

as sensações e as noções de próximo e distante, lento e rápido, instantâneo e ubíquo, passado e presente, atual e remoto, visível e invisível, singular e universal [alteram-se, colocando em curso] a gênese de uma nova totalidade histórico-social, abarcando a geografia, a ecologia e a demografia, assim como a economia, a política e a cultura. As religiões universais, tais como o budismo, o taoísmo, o cristianismo e o islamismo, tornam-se universais também como realidades histórico-culturais. O imaginário de indivíduos e coletividades, em todo o mundo, passa a ser influenciado, muitas vezes decisivamente, pela mídia mundial, uma espécie de “príncipe eletrônico” [grifo do autor], do qual nem Maquiavel nem Gramsci suspeitaram.

Indivíduos e as coletividades ingressam, dessa maneira, na era da globalização, fenômeno que compreende relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, desenvolvendo-se em escala mundial. As realidades sociais tais como indivíduo, coletividade, tribos e nações, bem como as realidades organizacionais como as corporações, os sindicatos, as atividades intelectuais e outros segmentos, passaram a ser influenciadas pelas configurações da globalização e de forma recíproca passaram também a influenciá-las. Estamos falando das articulações, tensões e contradições, envolvendo instituições e as mais diversas realidades sociais de maneira tal que indivíduos e coletividades embarcam, ainda que inconscientemente, nos movimentos da globalização movendo-se para uma nova realidade, um novo desenho do mundo.

É possível que parte da população mundial continue sem a consciência do fato de que suas atividades locais são influenciadas e, às vezes, até mesmo determinadas por acontecimentos ou organismos distantes. Mas, existe uma grande parcela da população que certamente é consciente disto uma vez que é este é um fenômeno fácil de assinalar. No Brasil, por exemplo percebemos a difusão cada vez maior dessa noção pelo uso intenso e difundido dos meios de comunicação e socialização da informação, haja vista a quantidade de *Lan Houses* e *Cyber Cafes* a que se tem acesso, programas educacionais de inclusão digital e informatização de escolas¹⁰ que visam inserir todas as camadas sociais no mundo da informação.

A sociedade nacional, nesse novo desenho de mundo, certamente mantém sua vigência, no seu território, população, mercado, moeda, entre outros elementos, tais como, cultura, culinária, tradições locais, história e organização social e outros nacionalismos que estão claramente presentes na maioria das sociedades, umas com mais força outras como menos como hino, bandeira, moeda. O local, nesse caso tratado de sociedade nacional, se traduz pelo cenário onde seus membros movimentam-se, vivem, trabalham e morrem.

¹⁰ O Ministério das Comunicações anunciou o lançamento em 2007 de ações conjuntas entre os ministérios da Educação, das Comunicações e do Planejamento voltadas para a universalização da inclusão digital nas escolas públicas do país que prevê a internet banda larga (em alta velocidade) para 16 mil escolas de ensino médio que já receberam laboratórios de informática do MEC. (FONTE: www.mc.gov.br em 02 de fevereiro de 2007)

lanni, contudo, explica que

a sociedade nacional, [por si só], não dá conta, nem empírica nem metodologicamente ou histórica e teoricamente, de toda a realidade na qual se inserem indivíduos e classes, nações e nacionalidades, culturas e civilizações. Aos poucos, e às vezes de repente, a sociedade global subsume formal ou realmente a sociedade nacional, compreendendo, [por exemplo], indivíduo, grupo, classe, movimento social, cultura, língua, religião, mercado, formas de trabalho, modos de vida. Tudo isto continua vigente, como nacional, com toda a sua força original. Mas tudo isto, simultaneamente, articula-se dinamicamente e contraditoriamente com as configurações e os movimentos de sociedade global. (IANNI, 1994, 148-149)

Pesquisadores, empreendedores, estudantes e intelectuais estão sendo desafiados a pensar a globalização do mundo. Além do que é local, nacional e regional, outras novas e fundamentais configurações tais como fronteiras geográficas e históricas, culturais e civilizatórias parecem modificar-se em direções e formas surpreendentes. Indivíduos e coletividade são cada vez mais colocados diante de novos horizontes, interconectados, com fluidez de informação e opções. O próprio pensamento científico é desafiado a elaborar conceitos e interpretações para dar conta de realidades pouco conhecidas.

Mec Grew (1992 *apud* HALL 2003) define a globalização como “àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo e espaço, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado”. Assim, a globalização propõe um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da sociedade como um sistema onde os limites estão claramente definidos e as fronteiras salvaguardadas.

As sociedades mais contemporâneas estão perceptivelmente articuladas em uma sociedade global. Independentemente de suas referências internas e externas, seus nacionalismos e regionalismos, encontram-se todas interconectadas no globo, com suas singularidades e particularidades é claro, mas todas com uma parte integrando o todo.

Se pensarmos e discutirmos os propulsores desta nova configuração social acabaremos por perceber que fatores ligados ao mundo organizacional como as multinacionais, a abertura de fronteiras para capitais externos, a formação de blocos

econômicos e as novas configurações do consumo são os maiores responsáveis pelo delineamento dos principais traços da sociedade globalizada. Contudo, as tendências globalizantes das instituições presentes no século XXI são acompanhadas por transformações que se articulam diretamente com a vida cotidiana das pessoas.

Assim, mudanças que estão em curso hoje no mundo tornam diferentes culturas e sociedades muito mais interdependentes do que jamais foram. À medida que o ritmo da mudança acelera o que ocorre em um ponto do planeta pode afetar diretamente outras regiões. Parte dessa realidade deve-se aos novos meios eletrônicos de comunicação. A sociedade global não representa somente um sistema dentro do qual sociedades específicas se desenvolvem e se modificam. As conexões sociais políticas e econômicas que atravessam as fronteiras entre países decididamente condicionam o destino dos que vivem em cada um deles.

Essas discussões propostas sobre globalização nos levam a crer que a rapidez que os fenômenos acontecem bem como a velocidade com que gira a informação transformam a sociedade atual em um verdadeiro caldeirão em ebulição, propiciando permanentemente as transformações. Os elementos do presente não representam apenas categorias construídas do passado. Muito pelo contrário, renovam-se a todo o tempo, trazendo elementos tradicionais, transformando-os, incorporando novos elementos, mudando a dinâmica da sociedade atual no fenômeno que chamamos de modernidade.

Compreender, assim, a forma como desenvolve-se o emaranhado de sistemas que compõe a sociedade como o próprio social, o político, o econômico e o cultural, percebendo nesse processo a globalização e a modernidade como fenômenos entrelaçados, significa o primeiro passo a ser dado rumo à construções sólidas sobre os fenômenos modernos e suas relações com os novos elementos, sem esquecer é claro, a importância dos elementos tradicionais.

Modernidade e Globalização

Estamos vivendo uma nova referência de mundo: um mundo globalizado onde o volume e a velocidade da informação circulam quase instantaneamente, acelerando o processo histórico em que as noções de tempo e espaço adquirem novos significados onde, as dinâmicas culturais implicam, sobretudo, num processo de desterritorialização e de reterritorialização. Idéias e práticas que se originam num espaço acabam migrando para outros, encontrando um ambiente muitas vezes diferente daquele no qual surgiram, mas acabam sendo adaptadas ao novo contexto e, por assim dizer acabam entrando no novo lugar.

As novas características temporais e espaciais, propostas pela modernidade fazem com que novos elementos sejam incorporados à realidade social criando novos significados para elementos já existentes. É fundamental compreender a forma como a sociedade vive, assim como é importante entender a globalização e a modernidade como fenômenos entrelaçados. A visão da interação entre modernidade e globalização é importante porque ela gera desdobramentos, ainda que não exatamente da mesma forma, em todas as sociedades.

“A modernidade é inerentemente globalizante”, afirma Giddens. (1991, p. 69) A era da globalização impõe transformações universalizantes que reconfiguram a tradição, proporcionando sua desincorporação. O local encontra-se interconectado ao global que influencia e é influenciado por este. A tradição vivenciada no *locus* do cotidiano, no espaço específico, é colocada em questão pela experiência vivenciada do indivíduo no tempo e espaço global. Por outro lado, o local também problematiza o global. Como afirma Beck, (1997, p.74-75)

Poucas pessoas, em qualquer lugar do mundo, podem continuar sem consciência do fato de que suas atividades locais são influenciadas, e às vezes até determinadas, por acontecimentos ou organismos distantes. [...] O reverso da medalha é menos evidente. Hoje em dia, as ações cotidianas de um indivíduo produzem conseqüências globais. [...] [A] decisão de comprar uma determinada peça de roupa, por exemplo, ou um tipo específico de alimento, tem múltiplas implicações globais.

Há uma interdependência cada vez maior entre o espaço global e o local. O global tem influência sobre as vidas individuais nos espaços locais; mas também as decisões dos indivíduos em seu cotidiano podem influenciar sobre os resultados globais. A liberdade de atuação americana, por exemplo, em países do oriente médio, combatendo com exércitos e estabelecendo normas governamentais constitui um aspecto dessa dialética local-global. Em outra esfera, e com igual importância estão as discussões sobre as polêmicas mundiais como as opiniões emitidas sobre o método da circuncisão praticado por ainda hoje por tribos africanos, bem como sobre as preferências religiosas praticadas pelo mundo. De acordo com Hall (2003, p.75) “a sociedade torna-se intensamente mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados [...]”.

A modernidade nas condições da globalização amplia tanto as oportunidades quanto as incertezas e os perigos. Daí a sensação de mal-estar e de desorientação. O mundo tornou-se cada vez mais um lugar inseguro e essa insegurança é sentida pelo indivíduo em qualquer lugar que esteja, seja nos grandes centros seja na pequena comunidade desconhecida. A experiência da modernidade em tempos globais fez com que as certezas fossem colocadas em cheque: as surpresas e os riscos estão sempre à espreita e o futuro parece uma impossibilidade se pensado enquanto construção histórica a partir do passado e do presente. A modernidade na globalização se assemelha a uma grande e perigosa aventura, à qual, independente da nossa vontade, estamos presos e temos que participar.

A experiência global da modernidade está interligada – e influencia, sendo por ela influenciada – à penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana. Não apenas a comunidade local, mas as características íntimas da vida pessoal e do eu tornam-se interligadas a relações de indefinida extensão no tempo e no espaço. Estamos todos presos às experiências do cotidiano, cujos resultados, em um sentido genérico, são tão abertos quanto aqueles que afetam a humanidade como um todo. As experiências do cotidiano refletem o papel da tradição – em constante mutação – e, como também ocorre no plano global, devem ser consideradas no contexto do deslocamento e da reapropriação de especialidades, sob o impacto da invasão dos sistemas abstratos. A tecnologia, no significado geral da “técnica”, desempenha aqui o papel principal, tanto na forma de tecnologia material da especializada expertise social”. (GIDDENS, 1991, p 77)

As transformações são universais e ocorrem sobre as bases culturais do território global traduzindo características específicas locais ou regionais, conferindo contornos distintos, adequados ou não a cada região, propondo em alguns casos características universais e em outros características bastante individualizadas.

As experiências do cotidiano na modernidade globalizada vinculam-se às questões fundamentais relativas à identidade e à percepção mútua entre o eu e o outro. Por outro lado, envolvem múltiplas mudanças e adaptações na vida cotidiana. Em tais circunstâncias, os indivíduos sentem-se inseguros, apegando-se às tradições.

Passamos a viver em um mundo impregnado de novas imagens, apelos consumistas, inovações tecnológicas, novas invenções, uma diversidade de opções de produtos, além de um acesso facilitado pelos meios eletrônicos e pela circulação intensa da informação. Neste contexto, muitas vezes, formas de propagação da produção simbólica pelo mercado, confrontam-se com a individualidade de forma muito dinâmica. As escolhas diárias estão sujeitas a elementos econômicos, sócio-culturais e também políticos .

Dessa forma podemos acompanhar, ou sofrer, ou viver eventos em quaisquer lugares do mundo a qualquer tempo. A vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global. Percebemos ainda que caminhamos cada vez mais rápido em direção à interdependência global, onde os códigos culturais estão se tornando cada vez mais fragmentados oferecendo uma vasta multiplicidade de estilos. (Giddens, 2002, p.11)

De acordo como o autor,

Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. (Op. Cit., p.13)

A modernidade, ainda com Giddens (Op. Cit., p.13) produz “diferença, exclusão e marginalização”, não podemos esquecer. Dessa maneira, “estilo de vida se refere também a decisões em curso de ação seguidos em condições de severa limitação material”. (Op. Cit, p.13). Há de dizer porém, que quando falamos em escolhas de estilo de vida, na modernidade tardia, ou seja, nas sociedades pós-tradicionais, com características inerentemente globalizantes e com uma diversidade de opções,

queremos remeter-nos à questão da construção da auto-identidade. Uma crítica ao conceito de estilo de vida é referente ao seu emprego em contextos de miséria e em grupos sociais onde as margens de escolha praticamente inexistem. Erroneamente, o conceito de estilo de vida nesse contexto de alta modernidade ou modernidade tardia, não vem com uma leitura de interligação com o consumo de bens e mercadorias como comumente é percebido. Na verdade, a escolha do estilo de vida a partir do universo de opções concedido a cada um, com condições e características próprias do ambiente e condições em que está inserido cada indivíduo, “é cada vez mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária”. (Op. Cit., p.13)

Assim, entender essa relação é também compreender o cotidiano no qual vivem e estão inseridas as pessoas e domina-lo de forma tal que possamos projetá-los na sociedade e inseri-la no mundo globalizado.

Contudo, controlar o cotidiano não é simples, depende de interagir positivamente com aquilo que está instituído localmente. A cultura local pode ser mais ou menos permeável a esse controle globalizado. Cada uma dessas respostas é uma realização muito particular da modernidade ocidental vivida por cada sociedade em particular. Novos padrões de relações sociais foram estabelecidos e uma nova leitura da realidade se impôs aos setores populares. Se velhas tradições como o saber fazer das panelas permaneceram é porque elas foram reconstruídas a partir de novas mediações. A panela de barro de Goiabeiras, se tomada como exemplo, não perdeu seus elementos constitutivos, mas acabou elaborando-os de uma forma muito próxima aos desejos da nova realidade social, e de outras instâncias da sociedade como o mercado e o consumidor final.

Os modos de viver veiculados pela modernidade tardia provocaram decontinuidades na ordem social, seja como resultante das formas de vinculação societária globalizada, seja como produtora de transformações identitárias que se manifestam nas mais íntimas experiências pessoais.

A globalização em curso é diferente de movimentos análogos anteriores. De acordo com Giddens (2001, p.68), o fenômeno da globalização, em sua natureza, causas e

conseqüências, não se reduz ao mercado global e deve ser entendido também em suas características sociais, políticas e culturais. Não parece haver dúvidas sobre o fato de que o processo econômico em curso está no centro das transformações da sociedade contemporânea. A intensidade do processo de globalização é influenciada diretamente pela revolução na tecnologia da informação, induzindo à globalização da "economia do conhecimento, o que, combinando-se com aspectos mais amplos do processo, gera mudanças na natureza da atividade econômica". (Op. Cit., p. 69).

As noções de interdependência, dependência e imperialismo também estão postas em causa. As grandes e pequenas nações, centrais e periféricas, todas se deparam com o dilema da reformulação das condições de soberania, mesmo porque já há centros de poder, em escala global, que sobrepõem essas soberanias e hegemonias. As empresas, corporações e conglomerados transnacionais, em suas redes e alianças, em seus planejamentos sofisticados, operando em escala regional, continental e global, dispõem de condições para impor-se aos diferentes regimes políticos, às diversas estruturas estatais, aos distintos projetos nacionais.

Mas onde queremos chegar com tudo isso? Hoje, é possível conhecer e adquirir as principais obras literárias recém-elaboradas sem ir a livraria, assim como visitar museus pelo mundo em uma ou duas tardes e ainda gravar um CD convencional com 200 músicas selecionadas dentre diversos cantores, grupos e orquestras sem a necessidade de adquirir todos os CDs para selecionar uma ou duas faixas de cada um. Tornou-se economicamente viável participar de um curso de pós-graduação pela videoconferência comunicar-se com os orientadores por meio de e-mail e receber os trabalhos finais pelo mesmo meio. Tudo isso com pouco ou quase nenhum esforço de deslocamento com o alcance de alguns cliques do mouse devido ao contato direto que temos com as informações e mercadorias nesse mundo sem fronteira. Estamos falando que organizações que produzem em pequena escala, tem um código cultural embutido em seus produtos e mantém o vigor da produção nas características tradicionais presentes no modo de produção e no saber fazer que carregam integram também o ciberespaço e fazer parte também das organizações que operam em um mundo sem fronteiras. Estamos falando que a panela de barro de Goiabeiras pode hoje ser conhecida pela internet, assim como todo o tradicional

processo de produção, matéria prima e materiais utilizados e mais, pode ser adquirida por este mesmo meio.

Trazendo essas discussões para as fronteiras brasileiras, o que se percebe é que no Brasil, a intelectualidade tem oscilado no que diz respeito a estas questões. “A modernidade brasileira se caracteriza por saber ingerir e digerir criativamente o que vem de fora” (OLIVIEN, 2001, p.12). Em alguns momentos a cultura brasileira é profundamente desvalorizada pelas elites, tomando-se em seu lugar a cultura européia ou a norte-americana como modelo de modernidade a ser alcançada.

O Brasil continua discutindo modelos para organizar a nação e esse debate acaba inevitavelmente passando pela discussão do que é nacional e o que é estrangeiro, isto é, o que está caracterizado como local e que reflete o global, ou seja, o país continua girando em torno da questão da identidade nacional, que é reatualizada à medida que novos contextos são criados.

A produção de bens de consumo se faz dentro das fronteiras nacionais e o aumento das exportações pode ser percebido em produtos como a carne bovina brasileira e as telenovelas que alcançaram os mercados europeus. O processo de desenvolvimento do Brasil foi desigual e combinado, criando um quadro em que há simultaneamente uma miséria extrema e elementos de progresso técnico e de modernidade. Configura-se uma nova situação do ponto de vista econômico, político e cultural. O advento do fenômeno da globalização tornou a interação do Brasil com o resto do mundo multifacetada (Op. Cit.). As trocas entre países, que ocorrem em virtude da existência dessa realidade globalizada acaba dependendo das posições ocupadas por estes países no contexto global político-econômico e também cultural. Podemos tomar como exemplo a Bossa Nova e o Samba, ritmos tipicamente brasileiros, difundida no exterior pelo valor cultural que possuem.

Se durante muito tempo o país recebia imigrantes e importava mercadorias manufaturadas e produtos da indústria cultural, a situação mudou. Existem [muitos] brasileiros vivendo no exterior [...]. O Brasil, que tradicionalmente era um país que recebia imigrantes, passou, com a globalização, a protagonizar o fluxo contrário. [...] [essa realidade pode ser vista também] no que diz respeito à exportação de bens materiais e culturais [...] e bens simbólicos. Se, no passado, o país era visto como importador de idéias e modismos que vinham das metrópoles, atualmente a situação

se alterou. O Brasil continua recebendo influências do exterior em áreas como o cinema, a música, etc., mas faz algum tempo que passou também a ser um exportador de cultura. O fluxo de bens culturais para o exterior pode ser exemplificado em relação à religião, à música, etc. (Op. Cit., p.15)

Assim, os espaços do projeto nacional, seja qual for a sua tonalidade política ou econômica, reduzem-se, anulam-se ou somente podem ser recriados sob outras condições. A globalização cria injunções e estabelece parâmetros, anula e abre horizontes. Mas o pensamento científico parece um tanto tímido, surpreso ou mesmo atônito, diante das implicações epistemológicas da globalização.

Um dos aspectos centrais do projeto da modernidade sempre foi o da emancipação humana. Se a modernidade não estiver a serviço do bem-estar social, ela perde o seu sentido. Ora, o que caracteriza o Brasil é justamente uma contradição gritante entre uma crescente modernidade tecnológica e a não realização de mudanças sociais que propiciem o acesso da maioria da população aos benefícios do progresso material.

O Brasil é caracterizado hoje por uma sociedade com desigualdades sociais e econômicas e com uma distribuição de renda que não contempla com igualdade todos aqueles que são cidadãos. Trata-se de um país que experimentou uma modernização conservadora em que o tradicional se combinou com o moderno, a mudança se articulou com a continuidade.

Assim, não é suficiente transferir conceitos, categorias e interpretações elaborados sobre a sociedade nacional para a global. Quando se trata de movimentos, relações, processos e estruturas característicos da sociedade global, não basta utilizar ou adaptar o que se sabe sobre a sociedade nacional.

É provável que o que haja de peculiar à sociedade brasileira seja justamente sua capacidade de incorporar aqueles aspectos da modernidade que lhe interessam, transformando-a em algo adaptado à sua própria realidade, em que o moderno se articula ao tradicional, o racional ao afetivo, o individual ao pessoal.

As noções de sociedade, estado, nação, partido, sindicato, movimento social, identidade, território, região, tradição, história, cultura, soberania, hegemonia, urbanização, industrialização, arcaico, moderno e outras não se transferem nem se adaptam facilmente. As relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, integração e antagonismo característicos da sociedade global exigem também novos conceitos, categorias, interpretações. (IANNI, 1994, p. 152-153)

As inúmeras disputas políticas que se inauguraram com a modernidade, as possibilidades de crítica e revisão dos parâmetros de pensamento da tradição trazidos com a expansão da ciência moderna, também diluíram os princípios de legitimação sobre os quais estavam ancoradas as lógicas simbólicas que formavam o núcleo das culturas tradicionais. Desse movimento surge o feminismo, o relativismo cultural, os ativismos políticos dos mais diversos matizes, que acabaram por ampliar as possibilidades de ver o mundo de uma dada sociedade nacional. A igualdade de direito entre homens e mulheres, o reconhecimento dos direitos dos homossexuais, os movimentos ecológicos, dentre outros, se especializaram em inspecionar as lógicas de raciocínio das elites tradicionais, opondo a elas outras possibilidades de ver o mundo que acabam por dissolver os princípios tradicionais.

Nessa perspectiva, a modernidade propriamente dita encontra outras possibilidades de desenvolver-se, seja como razão instrumental, seja como razão crítica. Segundo Ianni,

No fim das contas, é pois sua globalidade simultaneamente estrutural e planetária que define a modernidade do final do século XX como um momento singular. Globalidade social de um pan-capitalismo onipresente e de um sistema social fundado na imbricação e interconexão de múltiplos processos que são eles mesmos, cada vez mais complexos. Globalidade espacial do planeta intercomunicado, do mercado mundial, do tecnocosmo. Essa é a modernidade-mundo. [...] Tal é, pois, a mutação fundamental realizada pela modernidade: com a mundialização da economia, o tecnocosmo, a internacionalização da vida social, coloca-se em evidência um sistema global, do qual não existiu jamais um equivalente ao longo da história da humanidade. É impossível ocultar a força qualitativa desta mutação em nome da continuidade capitalista. Também seria desarrazoado reduzi-la à sua dimensão técnica. [...] Momento histórico singular, a modernidade mundo impõe a sua singularidade também à reflexão histórica e ao saber histórico. (Op. Cit., p. 160-161)

Por fim, a conclusão a que chegamos é que a interdependência entre as sociedades vem sendo multiplicada, em escalas internacionais promovendo aquilo que chamamos de interconexões, sobretudo as virtuais, colocando-nos como sujeitos de uma interação infomacional e tecnológica que nos permite perceber a realidade como ela é, com riscos iminentes e com sistemas que nos inspiram confiança e

segurança. Os contrastes são cada vez mais visíveis. Temos o Protocolo de Kyoto contrastante com a moderna sociedade americana, maior emissora de gases tóxicos do planeta¹¹; a Índia, detentora da famosa bomba atômica e da tecnologia nuclear e um sistema social onde a mobilidade se faz por meio de castas¹²; tempos ainda os constantes dilemas como a impossibilidade de combate à Aids e o não apoio ao uso de preservativos pela Igreja Católica, entre inúmeras outras situações de cunho local, nacional ou internacional. No século XXI, percebemo-nos cidadãos do mundo, mas não no sentido de pessoas que deixaram as suas realidades para viver outras, não aqueles que viajaram e sim aqueles que compartilham cotidianos semelhantes. Estamos falando de coisas, produtos e condições que invadem as vidas de todos ou quase todos, fugindo à generalização, constringendo ou libertando, integrando a vida, incorporando-se ao dia-a-dia. Falamos de Marlboro, Chocolates, Lojas MacDonaldis, Disney, Fast-Food (ORTIZ, 2000), self-services, computadores, que integram a gama de opções para a escolha do estilo de vida, para a configuração do moderno. Falamos de uma mundialização e por fim, de uma inevitável reorientação das sociedades atuais.

Eixos teóricos de sustentação da pesquisa

Falamos em modernidade, tradição, nas relações entre as ordens sociais nas duas realidades, buscamos a globalização como mecanismo de compreensão de inúmeros fenômenos no âmago da sociedade atual, discutimos todo esse emaranhado de informações que fornecem a tônica, o desenho da sociedade atual e chegamos a alguns pilares teóricos sobre o que nos propomos a discutir.

Contudo, encontramos-nos ainda carentes das discussões de sustentação deste trabalho. Assim, uma vez descritos os eixos teóricos de interesse segundo Giddens e também exposto o objeto de estudo deste trabalho, resta-nos relatar em que medidas as propostas explicativas desse autor nos auxiliam a refletir o objeto proposto, ou seja, o discurso recorrente das Paneleiras e ainda as práticas associadas a esse discurso.

¹¹ www.mma.org.br, site do Ministério do Meio Ambiente, visitado em 17 de fevereiro de 2007.

¹² Jornal da Globo em 07 de março de 2007.

Nesse sentido, destacamos alguns pontos da teoria proposta e enriquecemos com idéias adicionais no sentido de propor uma linha teórica de análise, ou seja, uma construção teórica sólida no sentido de obtermos dados suficientes que dêem conta do objetivo deste trabalho.

Devemos lembrar que nos propomos a compreender a sobrevivência de um discurso pautado na tradição e a sobrevivência dele na modernidade. Assim, buscamos uma construção teórica sólida que nos oriente nesse sentido.

Temos como ponto de partida de nosso trabalho um discurso construído e recorrente refletido e repetido na organização em questão. Alguns aspetos giram em torno deste discurso: um deles é que é recorrente dentro de uma entidade que foi constituída já no âmbito da modernidade; o segundo é que possivelmente esse discurso foi construído por alguém que não pertença àquela tradição e este é reproduzido também por agentes que não compõem o universo dito tradicional.

Aqui já percebemos o desencaixe como proposto por Giddens como um elemento presente e que pode ser tomado como um eixo explicativo para a compreensão das questões propostas por este trabalho.

Assim, um de nossos pontos de partida será perceber os desencaixes presentes naquela realidade de maneira a compreender a construção desse discurso e sua manutenção.

Um outro elemento importante de Giddens e que certamente nos auxiliará no sentido de compreender os objetivos propostos trata-se da separação tempo-espaço uma vez que falamos de uma entidade que vincula sua imagem a um discurso da tradição e propõe práticas totalmente voltadas para a modernidade. Por exemplo, o transporte das panelas, já num contexto moderno porém sem os benefícios da institucionalização da produção, era realizado de canoas até os pontos de venda. Hoje, o consumidor da panela vai até ao local onde esta é produzida para adquiri-la e escolhe de quem vai comprar, quantas, de que tamanho entre outras tantas características que podem ser descritas. É possível ainda, adquirir panela de barro

pelo telefone. Uma operação nesse sentido foi notada durante as visitas a entidade. Um comprador de outro Estado, mais especificamente São Paulo, conheceu o produto e a artesã responsável em uma feira e estabeleceu relações de compra e venda. Eis que em uma de nossas visitas esse comprador ligou, efetuou a encomenda, pagou por meio de depósito bancário e a mercadoria foi a ele encaminhada via aérea.

Assim, a separação tempo-espaço como proposta por Giddens certamente representa um marco para a compreensão a que nos propomos neste trabalho.

Por fim, dentre os aspectos propostos por Giddens e levando em consideração que definitivamente precisamos de um recorte teórico de modo a efetuar nosso trabalho, consideraremos as possibilidades de escolha e mudança de estilos de vida como um de nossos pilares na compreensão do que nos propomos.

A questão dos estilos de vida será tratada aqui tendo os aspectos mercadológicos como pano de fundo para nossas discussões. Na nova configuração do trabalho das paneleiras, a possibilidade de acumulação é um elemento fundamental para aquilo a que estamos nos propondo.

Nas sociedades tradicionais, o que era produzido era também consumido ou ainda trocado como era no feudalismo, por exemplo. Nas sociedades modernas, sobretudo com a ascensão do capitalismo, o leque de opções se abre no sentido de que é possível produzir, acumular riqueza com a comercialização dos produtos e escolher como empregar essa riqueza.

Trazendo essa discussão para o campo das paneleiras, com a disseminação da panela de barro, especialmente depois da institucionalização e certificação do ofício, é possível perceber que a necessidade de acumulação possui lugar comum entre aqueles atores. Assim é possível escolher no universo plural de opções o que vai ser consumido, de que modo e ainda com que intensidade. Nesse sentido, podemos dizer que a manutenção de um discurso da tradição pode representar o elemento mantenedor ou conferir legitimidade ao produto de maneira tal que ele seja

consumido e represente cada vez a porta de entrada para as opções disponíveis pelo mundo capitalista.

Assim, são esses os norteadores do nosso trabalho, os mecanismos que nos auxiliarão no sentido de obtermos os resultados esperados para esse trabalho.

Segue então uma discussão complementar proposta para nos auxiliar na compreensão da sociedade do consumo de modo que possamos compreender alguns aspectos envolvidos na produção da panela de barro.

Consumo: um elemento edificado da Modernidade

A mundialização da cultura do consumo, fortemente entrelaçada ao conceito de modernidade (SLATER, 2002), pode criar novos significados culturais aos bens, uma vez que a produção de bens industrializados passou a ser o coração da economia e os padrões ocidentais criados na principalmente na Europa e Estados Unidos foram dominando os padrões de consumo e, conseqüentemente, certos comportamentos no mundo em que vivemos.

A preocupação de consumidores, inseridos na realidade da modernidade com elementos como escolha, adaptação e exposição de suas posses e bens intencionando uma formação estilística própria, que os traduzem, demonstra o quanto as práticas de consumo são carregadas de significados culturais. Esses significados expressam categorias, ideais, estilo de vida, identidades, e projetos coletivos que não podem ser compreendidos simplesmente mediante concepções de valor econômico e de trocas racionais e instrumentais.

Estamos falando de uma realidade onde o preço que se paga por uma mercadoria ou a qualidade em detrimento do valor final de um determinado objeto, entre outras características, podem não assumir configurações tão relevantes quanto o significado cultural que possui um determinado produto para seu consumidor. Essa é mais uma das características da sociedade moderna: a maneira pela qual os indivíduos usam o consumo como meio de criação de identidade. A organização

social da modernidade vivencia o consumo com intensidade, como forma privilegiada de por meio dele manifestar afetos, relações sociais e prazeres emocionais por meio de desejos concentrados no imaginário cultural elaborando uma visão de mundo. É como uma fábrica de sonhos que oferece como brinde o local para sonhar com chances mínimas de interrupções.

Modernizar-se denota consumir e incorporar os hábitos de consumo. O apelo a esse consumo de bens modernos invade todos os domínios, das necessidades básicas como vestir-se ao elevado conforto do lar e lazer da vida cotidiana, transformando-se num estilo de vida, numa forma de pertencimento e integração a um padrão de vida e a uma classe social que se distingue pelo consumo de bens simbolicamente modernos.

Neste mundo de mercadorias que transcende o valor utilitário a discussão do consumo de produtos que apresentam peculiaridades frente aos demais passa a ser percebida como um elemento natural da constituição dessa nova ordem, a modernidade. Falamos de produtos como a panela de barro capixaba, conhecida no Estado por ser um de seus símbolos culturais, carregada de significados e fabricada, na capital Vitória, no Bairro de Goiabeiras, de maneira ainda artesanal, com baixo valor de mercado e alto valor simbólico.

O objeto hoje, no Espírito Santo, constitui-se como um importante souvenir, difundido nos meios de comunicação, tratado com relevância pelas instituições públicas e tomado como símbolo de identidade, principalmente na região litorânea do Estado onde a moqueca e a torta capixaba são preparadas e servidas a todos aqueles que buscam a culinária local. O artefato é percebido hoje como um produto representativo, cada vez mais fortalecido por uma fração dos capixabas como seu espelho, que reflete a sua imagem e traduz um sentimento de orgulho.

Não estamos falando apenas de consumo de produtos de maneira a sanar necessidades ou formatar estilos. Falamos na compreensão, de certa forma, de algumas diferenças culturais que podem existir, na verdade que existem, quando consideramos os contextos nos quais estão inseridos esses atores e na compreensão das idiosincrasias presentes nesses diferentes contextos culturais.

De acordo com Featherstone (1995, p.122), “o consumo [...] não deve ser compreendido apenas como valores de uso, de utilidades materiais, mas, primordialmente como consumo de signos”.

A rapidez da mundialização de elementos como a racionalização pode, por exemplo, provocar uma mudança na lógica de funcionamento de todas as sociedades que apresentam-se interconectadas. Essa racionalização é representada principalmente pelas grandes empresas que fundamentam a criação de novas realidades para o campo da gestão e que o direciona para compreensão das relações dessa sociedade com o mundo.

Slater, afirma que,

Carros, roupas e aparelhos eletrônicos de consumo certamente são os produtos de empresas multinacionais colossais; mas, ao mesmo tempo, ao fazer uso dessas mercadorias, os consumidores têm de dar sentido a eles em termos de suas próprias vidas e culturas. Por causa desse fato simples, mas inextirpável, sempre há uma tensão entre o local e o global, e a produção de diversidades, que tem de ser compreendida tanto pelos analistas quanto pelos consumidores.(SLATER, p 13. 2002)

Para o autor, a interação entre modernidade e cultura do consumo não representa algo instintivo e automático e sim uma realidade onde cada um pode construir sua própria modernidade. “Ser moderno é ser um consumidor; modernizar é, em última instância, manter tanto um modo de vida consumista quanto a capacidade de participar da cultura do consumo global” (Op. Cit).

O autor afirma ainda que:

A cultura do consumo não é uma monstruosidade que vai demolir todas as culturas locais; tampouco é o “final feliz” [grifo do autor] da história em que todas as diferenças ideológicas e culturais serão resolvidas numa utopia da escolha individual. (Op. Cit., p.15)

As instituições modernas são geralmente marcadas pela produção capitalista, as quais produzem mercadorias padronizadas que funcionam não isoladas, mas em conjunto com sistemas abstratos, influenciando a própria dinâmica da modernidade. Os mercados de massa participam diretamente nos processos de reformulação do cotidiano. A mercantilização não produz meramente padronização, mas pode

produzir a diferencialização, pois a pluralidade de mercadorias permite a possibilidade de escolhas que podem gerar características individualizadas, estilos próprios de vida (GIDDENS, 2002).

Nas palavras do autor:

O consumo interpela as qualidades alienadas da vida social moderna e se apresenta como solução: promete coisas mesmas que o narcisista deseja — charme, beleza e popularidade — através do consumo dos tipos certos de bens e serviços. Daí que todos nós, nas condições sociais modernas, vivemos como que cercados de espelhos; neles procuramos a aparência de um eu socialmente valorizado, imaculado.

Contudo, nem todas as sociedades estão no mesmo estágio de modernidade. A complexidade cultural e as diferentes lógicas de desenvolvimento em estruturas sociais heterogêneas, não nos permitem criar estruturas de análises fixas e perenes. Há um sentido efêmero das relações sócio-econômicas que convivem com as tradições e modernidade (CANCLINI, 2003). Essa complexidade também gera novas formas de comunicação, originando múltiplas formas de mediação e de consumo de bens simbólicos, numa arena que não é de consenso, mas de conflito e de negociação (MARTIN-BARBERO, 2003).

Na sociedade de consumo “abandona-se o primado pela lógica de classes emergindo a era das motivações íntimas e existenciais, da gratificação psicológica, do prazer para si mesmo”. (LIPOVETSKY, 1989, p.174). Esses aspectos fomentam um interesse pela estética, pela qualidade e pelo prazer. Na sociedade de consumo valoriza-se o novo assumindo-se sem constrangimentos o prazer na mudança e no efêmero. (Op. Cit., 1989).

A tradição circunscreve as opções individuais, enquanto que a globalização dos mercados e a rapidez que é imposta pela cultura do consumo implica na socialização de comportamentos diferenciados.

Assim, não podemos deixar de analisar aquele universo que produz a panela de barro em Goiabeiras. Aqueles atores não estão fora dessa configuração moderna,

dessa lógica do consumo. Na verdade podemos analisar por dois ângulos: o primeiro diz respeito àqueles atores como consumidores do mundo moderno, ou seja, indivíduos pautados também no efêmero que possuem necessidades e que se percebem a frente de inúmeras possibilidades e variedades de produtos, podendo optar por eles, por novos estilos de vida; atores completamente envolvidos no mundo e na lógica capitalista. Por outro ângulo percebemos aqueles atores como agentes formadores da lógica do consumo, produzindo um objeto utilitário, com especialidades e particularidades para atender, muitas vezes, as necessidades do mercado, por exemplo, a alça na panela, característica que não está presente nos formatos tradicionais, mas é acessório obrigatório, hoje, inserido principalmente para atender as necessidades de restaurantes e facilitar o uso da panela de barro em fogões.

Capítulo III

A ASSOCIAÇÃO PANELEIRAS DE GOIABEIRAS: UMA DESCRIÇÃO SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ARTEFATO E UMA COMPREENSÃO SOBRE A ENTIDADE

Na primeira parte desse capítulo julgamos necessária uma incursão histórica sobre a formação do Espírito Santo, e sobre o contexto de formação e sobrevivência da Panela de Barro em Vitória, na região de Goiabeiras. Seguindo, conheceremos o processo, as técnicas e as etapas de produção da panela de barro. Por fim, de posse dessas informações, partiremos para uma compreensão sobre a instituição Associação Paneleiras de Goiabeiras, seus elementos constitutivos, suas práticas.

Uma passagem pelo histórico do Espírito Santo e o contexto onde se localiza e sobrevive a panela de barro de Goiabeiras

I

A história capixaba inicia-se em 1534, mais especificamente em 1º de Junho quando Vasco Fernandes Coutinho recebe como doação do Rei de Portugal Dom João III, uma porção de território com 50 léguas de terra na costa brasileira. (OLIVEIRA, 1976).

Partiu, então para a capitania, seu donatário que chegou em terras espírito-santenses em 23 de maio de 1535 com uma recepção indígena hostil que não foi

suficiente para afugentar os colonizadores que chegavam à capitania batizada de Espírito Santo¹³ em busca de ouro e outras riquezas.

Era, sobretudo, o espírito de aventura, o desejo de enriquecimento rápido que movia os portugueses. Mas, é bom lembrar que o espírito da colonização não era o mesmo que animava a vida social portuguesa. Ele era, antes de tudo, o resultado da transferência de uma mentalidade ligada ao lucro fácil para uma sociedade povoada sobretudo por escravos, fossem eles negros ou índios. (VASCONCELOS, 1995, p.103)

Apesar desse espírito, os primeiros anos da história da colonização foram marcados pelo lento desenvolvimento, pela ausência de uma ocupação populacional expressiva e pelo marasmo econômico. As densas matas e os índios violentos, mantiveram a sociedade branca bem perto do mar. Na verdade a tentativa de povoamento e desenvolvimento econômico nas novas terras foi um verdadeiro fracasso (OLIVEIRA, 1976). De acordo com Vasconcelos (1995, p.104)

Desde a chegada dos primeiros colonos com seus desejos de enriquecimento rápido, forjou-se uma ética do trabalho partindo desse tipo de desejo. Foi um dos elementos centrais do imaginário das elites transferido para a colônia. Elemento que marcaria, de maneira longa e profunda, os destinos do Espírito Santo, com conseqüências tanto no plano econômico quanto na formação das consciências e do imaginários dos personagens.

Nos primórdios do desenvolvimento capixaba, coube ao indígena o papel de destaque na massa populacional espírito-santense prevalecendo seus costumes, conhecimentos medicinais, vestimentas, entre outras características. A ausência de um interesse sólido de ocupação territorial e de uma exploração efetiva da Mata Atlântica a dentro em virtude do medo gerado pelos índios, bem como o não-cultivo das terras capixabas (SAINT-HILAIRE, 1939), fez com alguns costumes indígenas prevalecessem na época como alimentação e conhecimentos medicinais. (VASCONCELOS, 1995). Como confirma Saint-Hilaire (*apud* VASCONCELOS & PANDOLFI, 2004, p.126).

A maioria da população alimentava-se de farinha, feijão, peixes frescos ou secos e mariscos de uma forma geral. Não havia lojas de artigo de luxo. É natural por isso que os homens se vestissem com simplicidade, com calças e camisas de algodão. As mulheres vestiam-se com camisas de algodão e saias indígenas. Vivendo longo período submetida à forte estagnação econômica, a capitania fechou-se sobre si mesma. Sem médico, dentista ou farmacêutico era natural a utilização dos

¹³ O nome Espírito Santo foi dado a capitania em homenagem ao dia do espírito-santo coincidente pelo calendário católico com a data de chegada dos expedicionários ao Estado. (VASCONCELOS, 1995)

conhecimentos médicos indígenas. Sem condições concretas de se comprarem alimentos, prevalece a cozinha dos índios.

Nesse contexto, a presença dos jesuítas em território espírito-santense possui importância singular no processo de colonização uma vez administravam grande parte dessa vigorosa massa indígena. É nessa época que se faz a transferência da sede da Capitania para a ilha (atual cidade de Vitória). Alguns motivos para a criação da Vila Nova (em oposição à Vila Velha, local de chegada dos portugueses), são principalmente os ataques dos indígenas, dificuldade de água potável e baixo calado em seu ancoradouro (BITTENCOURT, 2002). A fundação do Colégio dos Jesuítas de Vitória (atual Palácio Anchieta) por Duarte de Lemos, o Padre Afonso Brás e o irmão Simão Gonçalves foi um grande marco na história da colonização (OLIVEIRA, 1976). Daí por diante, a evangelização e catequização dos índios só aumentou e contribuiu para a formatação de inúmeras aldeias e fazendas no Espírito Santo, trabalhadas, em princípio pelas grandes massas indígenas.

É [...] das aldeias ligadas aos projetos inicianos que derivaram quase todos os núcleos de povoação da Capitania, mais tarde transformados em cidades e vilas. [...] os índios aldeados [...] [representavam] a mão-de-obra dos jesuítas e formavam as entradas para o Sertão. (Op. Cit, p.90)

A retirada e extinção da Ordem dos jesuítas, em 1759, significou para a capitania uma perda considerável em todos os sentidos. A agricultura local desmoronou com a perda da referência da instrução e catequese que tinham os jesuítas sobre os indígenas (Op. Cit.).

Somente em 1808, com a chegada no Brasil da Família Real é que o panorama capixaba sofreu uma re-configuração assim como o brasileiro como um todo. Havia uma lógica que se instaurou: a lógica de transformar a Colônia na nova sede do Reino, ou seja, a perspectiva de abertura de novos espaços econômicos, bem como a necessidade de transformar a realidade capixaba existente, entregue ao marasmo econômico e social, fizeram-se presentes nesse processo. Algumas atitudes como novas nomeações, novos personagens e novos estilos de governar na capitania foram implantados mas a nós interessa o que Vasconcelos (1995, p.108) traz como conclusão dessa fase marcada pelos dissabores e pela destruição dos sonhos de riqueza e prosperidade.

A capital [Vila Nova] que não conseguiu se elevar à situação de cidade possuía nove igrejas e dois conventos. Mas as condições das outras localidades não eram melhores. [...] Vila Velha possuía 40 casas, mais ou menos, das quais a maior parte era coberta de palha. A navegação com a Europa e a África tinha desaparecido. [...] [A obra mais expressiva realizada na capitania tratava-se] da estrada que ligou a baía de Vitória a Vila Rica, em Minas Gerais. [...] [Mas], apesar das vantagens fiscais concedidas pela Coroa para o transporte da mercadoria, a Estrada Nova do Rubim não motivou o comércio [devido principalmente aos ataques dos violentos botocudos. Nesse período], no esforço de defender a Colônia, o próprio Dom João inauguraria o movimento migratório europeu que tantos trabalhadores traria para o Brasil. Trinta casais de açorianos foram enviados ao Espírito Santo e instalados em Viana, à aproximadamente 18 quilômetros da capital.

É nesse período que o Espírito Santo experimenta seu início de crescimento e a saída da apatia econômica que se encontrava desde o início de sua colonização. Tem início um novo período na sua história, escrito com ênfase na imigração, no cultivo do café e também na disponibilidade de terras. Há de se lembrar a existência já nessa época de latifúndios na região litorânea do Estado, detentoras de mão-de-obra escrava.

Surge então a importância da cultura cafeeira que se expandiu em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro encontrando enormes porções de terra cobertas ainda de mata virgem na capitania até então, como já dito, entregue à estagnação econômica e social. A cultura do café se tornou dominante, atraindo para si todos os olhares da Província. Ela veio com força e tornou-se o principal meio de vida em virtude de alguns fatores como a queda do preço da cana-de-açúcar no mercado internacional e o crescente aumento da demanda por café na Europa e Estados Unidos.

No início, a expansão cafeeira seguiu o modelo colonial existente, vinculado ao latifúndio exportador e escravagista, que formava o pilar da economia brasileira. Nessa época, cresceu na província a população escrava. Contudo, a partir de 1870, o trabalho começou a ser livre, fase essa marcada pela chegada e fixação do contingente de imigrantes europeus no Espírito Santo. Estes desempenharam um importante papel de ocupação do território capixaba, uma vez que receberam do governo da província títulos de propriedade das terras que ocuparam, onde cultivavam além de café, os produtos para a própria subsistência (CAMPOS JR, 1985). Diferentemente dos imigrantes que foram para São Paulo, que não receberam a propriedade da terra tampouco preocuparam-se com a fixação na

propriedade aqueles que vieram para o Espírito Santo se afixaram na terra e contribuíram como importantes peças para a construção do panorama econômico, social e cultural capixaba já que tinham, além das atribuições de trabalhar a terra e produzir, a de povoar a província.

Antes, contudo, de chegarmos nas contribuições e peculiaridades da constituição social e cultural capixaba é importante falar sobre um dos aspectos definitivamente importantes para o escopo deste trabalho que é o desenvolvimento econômico do Estado, sobretudo das cidades. Com a expansão cafeeira, não somente as fronteiras agrícolas se expandiram assim como as econômicas cresceram e desenvolveram-se criando uma nova perspectiva para as cidades capixabas, sobretudo a capital Vitória que concentrava a maioria dos negócios de compra e venda, ou seja, as casas comerciais. O que nos interessa de fato evidenciar é que com essas expansões, as próprias cidades cresceram e novas demandas por produtos e infra-estrutura foram surgindo bem como novos comércios e novas oportunidades de negócio. Contudo, essa conclusão será mais promissora, logo mais a frente quando tratarmos do desenvolvimento da região de Goiabeiras.

É nesse contexto histórico apresentado que se configura nossa cultura, inicialmente traduzida pela grande massa indígena catequizada pelos Jesuítas e aculturada mais tarde pelos portugueses, verdadeira base étnica da formação fragmentada que possui o Espírito Santo. Depois do indígena e do português, surge o negro africano, que veio por intermédio de uma entrada forçada, para desempenhar um fundamental papel no mundo da produção colonial quando imperava o escravismo e este atuava como a força motora na produção com o trabalho escravo¹⁴. Por fim, surgem os imigrantes europeus que deram a tônica do desenvolvimento econômico e social capixaba, nas regiões ainda inexploradas.

É claro que precisamos fazer uma leitura mais completa desse panorama. Se pensarmos em termos de Brasil, o indígena compõe o quadro de formação das etnias de praticamente todas as unidades federativas. Na época do descobrimento,

¹⁴ De acordo com Vasconcelos (1995), em 1872 foi realizado um censo que mostra que a população escrava da Região do Itapemirim (Sul do Estado) era de 11.722 escravos somados aos 6.919 da capital e os 2.813 de São Mateus (Norte do Estado).

eles eram os habitantes do Brasil. Eles é que estavam no território. Alguns de seus costumes foram incorporados pelos portugueses, assim como alguns dos costumes lusos passaram a compor os costumes dos povos nativos, por mais que pudessem existir resistências. Vêm logo depois os negros africanos, que passaram a habitar parte do território brasileiro, sobretudo no litoral norte onde era marcante a existência da monocultura da cana-de-açúcar. Forma-se assim a tríade étnica que compõem o Brasil: o índio, o branco e o negro.

Apesar, contudo, destas características comuns a quase todo Brasil, existem no Espírito Santo algumas peculiaridades como a lenta ocupação, o marasmo social até o fim do século XVIII e o grande contingente de imigrantes europeus, que aqui se instalaram com outra a lógica do trabalho e de apropriação da terra. Esses imigrantes aqui chegaram e aqui criaram raízes. Encontraram outros povos que coexistiam entre si, embora em meio a alguns conflitos. Muitos costumes foram postos em evidência e os contatos entre os povos, deram a tônica do que hoje percebemos como a realidade capixaba.

Na verdade, se pensarmos que o Estado pode ser representado por uma figura metafórica, o mosaico, certamente representa a melhor escolha. Um mosaico é constituído de várias partes, de vários fragmentos que só tem alguma lógica, uma conexão se pensarmos o todo, ou ver o todo. O mosaico não é mosaico se pensarmos cada parte do mesmo, cada fragmento separadamente. Somente o todo pode explicá-lo, ou seja, a união de todas as partes. A totalidade da forma só pode ser percebida e explicada pela junção de cada peça a outra e por todas elas no final. E é assim a configuração da cultura capixaba, por que falamos de italianos, negros, índios, alemães, pomeranos, poloneses, libaneses e outras culturas que separadas representam os fragmentos, os pedaços, mas que justapostas compõem o povo capixaba, representando melhor a multiplicidade. E essa pluralidade tem uma lógica de existir, pois, no Estado, cada um que aqui chegou, se instalou e permaneceu, desempenhou um reconhecido papel para a formação do cenário que propomos neste trabalho. É isso, o Espírito Santo pode ser metaforicamente comparado a esse desenho: um mosaico cultural e racial.

Traçamos até aqui um perfil cultural para o Espírito Santo, perfil este marcado pela diversidade, pelos múltiplos domínios, do indígena ao português, do português ao imigrante sem deixar de lado a importância da presença do negro na composição fragmentada deste Estado. Passamos pela formação de diversas elites, das características peculiares de ocupação deste Estado e é claro, ainda que não explicitamente citadas nesse texto, das inúmeras manifestações existentes em função deste Estado assemelhar-se a um mosaico cultural.

Nos interessa ainda, o contexto de sobrevivência das paneleiras de Goiabeiras e o surgimento da panela de barro como importante ícone da cultura capixaba, bem como a configuração local para a formação da Associação Paneleiras de Goiabeiras.

II

A panela de barro é um utensílio herdado da cultura indígena, que prevalece até hoje no cenário do Estado imbuído não somente de um caráter utilitário, mas também de uma importância na formação de uma imagem, ou pelo menos, de uma das arestas da identidade capixaba. A panela de barro, produto que ganhou os mercados locais e nacionais é produzida por um grupo de mulheres, as paneleiras de Goiabeiras, que se organizaram para o trabalho em forma de Associação. Partindo para uma ênfase naquilo que nos propomos a estudar, já que estamos delineando uma evolução econômica histórica e social do Estado, vamos pensar a formação do contexto onde estão inseridas essas paneleiras de Goiabeiras. Para tanto, é necessário dar um salto na história, uma vez que os registros encontrados sobre a formação do Bairro de Goiabeiras são poucos e datam de aproximadamente meio século atrás.

A região onde produzem o artefato e residem essas mulheres é chamada de Goiabeiras como o próprio nome que carregam as artesãs, já faz referência. Goiabeiras era, no início do século XX, também composta de fazendas, porém o produto era o gado de corte e de leite. A produção destas fazendas destinava-se ao

abastecimento dos mercados de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Santa Leopoldina. (MINGO JR., 2000).

A ocupação de Goiabeiras há mais ou menos 80 anos era considerada como de periferia urbana e boa parte do território era constituída de baixadas cobertas de manguezais. O ponto mais alto era o Morro Boa Vista. Em 1938, Goiabeiras já continha uma população capaz de fundar um clube de futebol, o Três de Maio, representando também a cultura local já que as competições foram incorporadas entre os clubes de futebol, desde princípios do século XX. (Muniz, 2003)

O desenvolvimento da região foi bastante lento e como dito, existem poucos registros a respeito. “A grande distância que separava a Grande Goiabeiras do centro decisório [Vitória] e a indefinição sobre a quem pertencia a região¹⁵ contribuíram para atrasar seu crescimento e desenvolvimento”. (MINGO JR., 2000, p.9). De fato, os primeiros traços de crescimento da região puderam ser percebidos com o fim da Guerra na Europa (2ª Guerra Mundial), momento em que surgiram as companhias de aviação no país. Uma parte de Goiabeiras pertencia a empresas aéreas e naquela região, onde estava o aeroporto e onde foram instaladas algumas companhias de aviação. Passaram assim a residir naquele entorno hoje chamado Goiabeiras Velha, os funcionários dessas companhias. Antes disso, a região era habitada por pescadores, pequenos comerciantes, funcionários públicos, as paneleiras e militares e nenhuma atividade economicamente rentável era desenvolvida ali, um bairro de pequena classe média.

¹⁵ Até a metade do século XX Goiabeiras era uma área de litígio. Pertencia a Serra mas era disputada por Vitória. (MINGO JR., 2000)

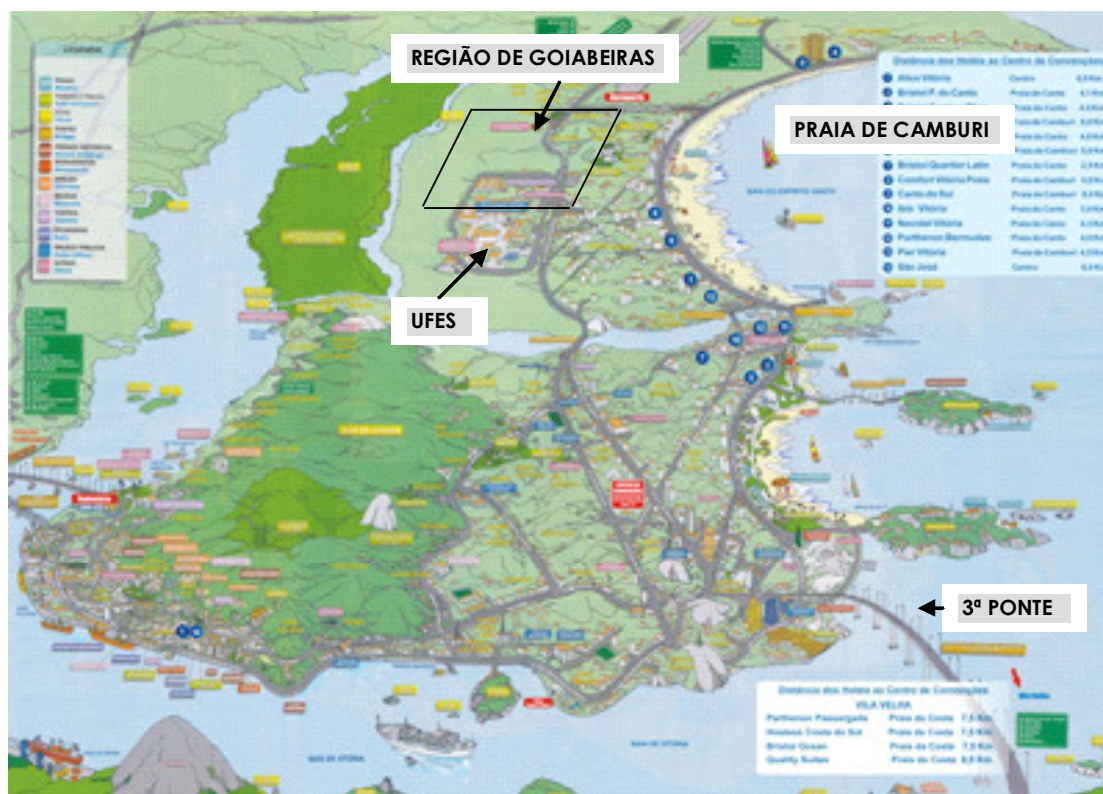


Figura 1: Mapa de Vitória, Capital do Estado, com a localização da Região de Goiabeiras. Disponível em www.vitoriatour.com.br (alterado pela autora)

A ocupação da área foi intensificada a partir da década de 1960, com o crescimento desordenado da cidade na incorporação de terras rurais para construção de conjuntos habitacionais pela COHAB¹⁶, atendendo à população de baixa renda (MUNIZ, 2003). Outra forma de ocupação local surgiu como resultado da prática de despejar o lixo em áreas de mangue, executados pela própria Prefeitura Municipal. Em decorrência dos chamados "lixões", surgem os chamados aterros sanitários, criando espaço para a ocupação irregular que se acentuou a partir da década de 1970. Proprietários que se encontravam em dificuldades para manter os compromissos assumidos na compra de suas casas nos conjuntos habitacionais, acabavam se fixando em barracos e palafitas sobre o mangue. (MINGO JR, 2000; MUNIZ, 2003)

¹⁶ Chamada na época de Cooperativa Habitacional Brasileira, hoje vem sempre acompanhada de uma sigla estadual e possui outro significado. Um exemplo: COHAB-ES – Companhia de Habitação do Estado do Espírito Santo.

Com a expansão dos comércios e aberturas de pontos de venda em função de um crescimento econômico e desenvolvimento de novas demandas, esses pequenos produtores passaram a ter novas opções apesar de o transporte caracterizar-se da mesma maneira: canoas. Assim, entra para o mercado pelos comércios, principalmente os da Vila Rubim, esses produtos fabricados na região periférica, especialmente a panela de barro que já ganhara uma expressão junto aos cozinheiros da época.

Contudo, no início do século XX, o Engenheiro Saturnino de Brito elaborou o projeto do Novo Arrabalde (Neves, 1987). O projeto não englobou exatamente a região de Goiabeiras mas, tratava-se de um projeto de “remodelamento e modernização da Cidade de Vitória, que conservava ainda nítido perfil colonial”. (Op. Cit. P.28). Esse projeto, somado ao *boom* do café no século XIX, propiciou a expansão dos comércios e aberturas de pontos de venda em função de um crescimento econômico e desenvolvimento de novas demandas. Assim, pequenos produtores passaram a ter novas opções apesar de o transporte caracterizar-se da mesma maneira no caso de Goiabeiras: canoas.

Uma riqueza da região era e ainda é o manguezal, um ecossistema com disponibilidade de insumos e materiais necessários à sobrevivência de muitos habitantes da região. Do manguezal eram retiradas plantas e ervas medicinais e também peixes e matéria-prima para a confecção da panela de barro.

No contexto de desenvolvimento de Goiabeiras, o atual aeroporto foi uma peça importante no processo de urbanização da região. Com a construção do Aeroporto Eurico Sales e as sucessivas ocupações irregulares, a região se expandiu ainda mais chamando atenção para as necessárias intervenções urbanas. O aeroporto passou a demandar acessos adequados e serviços mais especializados e assim, a região passou a concentrar esforços na tentativa de reverter este quadro estabelecido no local entre as décadas de 1970 e 1990. (MUNIZ, 2003). Esforçando-se nesse sentido, a Prefeitura Municipal de Vitória, propôs um projeto criando uma

via de contorno do mangue de modo a conter a crescente ocupação em área de preservação ambiental (Op. Cit, 2003).

Das antigas ocupações existentes em Goiabeiras, a produção da panela de barro, trabalho desenvolvido pelas paneleiras e a que sobrevive até os dias atuais. As paneleiras possuem importância histórica local por terem feito parte de toda constituição sócio-histórica da Região de Goiabeiras e são sempre citadas nos escritos sobre aquela região. Estas são mulheres em sua maioria, que sempre residiram no Bairro de Goiabeiras, na Região de Mulembá que produziam e ainda produzem artesanalmente a panela de barro.

De fato, a panela de barro transformou-se num ícone cultural capixaba e seu local de produção, o galpão das paneleiras passou a integrar parte de roteiros de visitação turística e cultural, da cidade de Vitória. Hoje a Prefeitura Municipal de Vitória, prevê ações de preservação e consolidação das paneleiras como um bem cultural e principalmente como um atrativo turístico do município.

Contudo, as ações ainda estão imbuídas de uma espécie de excesso tecnocrático, uma vez que vemos propostas como a do plano plurianual 2006-2009, que prevê no programa “Desenvolvimento Turístico da Cidade de Vitória” que tem objetivo consolidar Vitória no cenário turístico nacional e inseri-la no cenário internacional, prevendo, dentre as ações propostas a de “Resgate Cultural das Paneleiras de Goiabeiras”, (LEI 6.375/05, PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA)¹⁷. De fato, estimular uma atividade cultural como a produção da panela de barro e fornecer subsídios para sua perpetuação é papel, dentre outras entidades, do governo uma vez que foi marcante a presença dos agentes governamentais não somente no processo de constituição da Associação como também na configuração de alguns elementos vigentes naquela realidade. Existe uma necessidade hoje, para a Associação das Paneleiras de Goiabeiras que é ampliar o espaço para a produção e dotar o local de infra-estrutura básica e necessária. Na verdade, as diretrizes

¹⁷ Informação retirada do site oficial da Prefeitura de Vitória, www.vitoria.es.gov.br

turísticas municipais avançam em direção ao expansionismo, utilizando-se de fenômenos localizados como é o caso da Associação Panelas de Goiabeiras.

III

As Panelas de Goiabeiras trazem em seu contexto histórico a arte de produzir panelas de barro artesanalmente, mantendo técnicas indígenas tradicionais. Os artefatos eram produzidos nos quintais ou garagens das próprias casas e após ganharem importância econômica eram comercializados no mesmo local em que era produzido. Essa realidade se manteve até meados dos anos 80. No ano de 1987, organizaram-se em uma entidade que possui o modelo de associação, chamada Associação Panelas de Goiabeiras e centralizaram a maior parte da produção do artefato em um só local de trabalho, chamado galpão das panelas, sede da entidade.

No Espírito Santo, a cerâmica de Goiabeiras se destaca e ganha projeção econômica em função da persistência de sua técnica artesanal de confecção, da origem natural da matéria-prima, por ser utilitária e principalmente pela manutenção de tradições indígenas, caracterizadas por modelagem manual, queima a céu aberto e a aplicação de tintura de tanino (PEROTA, DOXSEY; BELING NETO, 1997). Segundo a lenda que as próprias panelas contam¹⁸ a arte de fazer panelas de barro tem sua origem marcada há mais ou menos 400 anos, quando alguns índios brincavam com uma bola feita de argila e que ocasionalmente caiu em uma fogueira e acabou ficando consistente. Iniciaram então o manuseamento do barro com a intenção de modelar espécies de cuias que transformariam-se no recipiente utilizado para as refeições. A partir daí, pouco a pouco, o aperfeiçoamento dos formatos transformou as “cuias” na atual panela de barro. Esta tradição se mantém viva graças as panelas de Goiabeiras que continuam fabricando artesanalmente as panelas de barro.

¹⁸ Esta informação foi investigada *in locus*, durante o período de observação, parte da coleta de dados para esta pesquisa.

O ofício das paneleiras de confeccionar panelas de barro constitui um saber repassado de mãe para filha por sucessivas gerações, sempre no âmbito familiar e comunitário. A maneira mais comum de aprendizagem é por meio da observação. Normalmente as crianças ficam ao lado dos adultos observando o processo e iniciam a atividade de confecção através do alisamento¹⁹ das peças com pedra de rio²⁰.

No início do processo, para exercer a atividade de confecção das panelas de barro na região do Mulembá, era fundamental que a artesã (ou em alguns casos artesão) estivesse na árvore genealógica de alguma paneleira. É o que as próprias artesãs chamam de paneleiras de nascença. Contudo, essa afirmação não mais é real no contexto das paneleiras: mulheres que casam-se com filhos de paneleiras, homens e também pessoas da comunidade que ajudam na confecção podem tornar-se paneleiras e usufruir dos benefícios de ter tal título²¹.

A Associação Paneleiras de Goiabeiras possui uma diretoria composta por presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro além de suplentes e um conselho fiscal. Possui uma estrutura hierárquica que é respeitada para as tomadas de decisão. É regida por um estatuto que determina direitos e deveres de cada associado. Atualmente, cada paneleira associada contribui com R\$5,00 (cinco reais) com a finalidade de pequenos pagamentos como a energia elétrica do espaço utilizado por elas e eventuais manutenções.

Uma informação importante sobre a panela de barro, é que esta foi reconhecida como bem de natureza imaterial da sociedade, registrado no Livro dos Saberes constituindo o primeiro bem cultural inscrito. O registro foi pedido pela Associação Paneleiras de Goiabeiras, por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Vitória. Dessa maneira, o Ministério da Cultura juntamente com Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 20 de Dezembro de 2002, registrou no

¹⁹ O termo alisamento é utilizado para denotar a etapa de polimento da panela de barro, uma das etapas do processo de fabricação que será posteriormente descrita.

²⁰ A pedra de rio é um instrumento utilizado no processo de fabricação das panelas de barro. Trata-se de uma pedra retirada dos fundos de rios em formato arredondado utilizada no alisamento da panela (etapa da produção)

²¹ Essas informações foram coletadas e confirmadas pela própria autora junto às paneleiras. Contudo, uma aplicação mais detalhada sobre o assunto encontra-se no capítulo referente à análise dos dados.

Livro dos Saberes²², o “Ofício das Paneleiras de Goiabeiras” como Patrimônio Cultural do Brasil (www.iphan.gov.br, acesso em 13/07/06). A Associação já se tornou, também um dos pontos turísticos da cidade de Vitória, além de um centro comercialização do artefato.

A questão estrutural aqui é, além da descrição das Paneleiras de seu objeto e de sua arte, a compreensão e a importância da sobrevivência dessas artesãs e dessa tradição no contexto de formação de Goiabeiras. Em meio a tantas dificuldades, à lentidão do processo de desenvolvimento econômico local e também tantas mudanças de cenário é notória a conservação de uma tradição cultural que mais tarde torna-se, além de uma atividade econômica, um marco da formação cultural capixaba. A maneira como o artefato se destacou nas últimas décadas do século XX em meio a tanta diversidade e também a importância da arte de fazer painelas de barro como atividade econômica, como meio de sobrevivência são alguns aspectos que nos despertaram para a realização deste estudo. A organização do trabalho, a formação de uma entidade, os princípios gerenciais que norteiam aquela entidade e outros tantos fatores por trás do desenvolvimento daquela atividade econômica, estarão certamente presentes nos nossos questionamentos e compreender esses elementos, além dos já propostos anteriormente seguramente nos levarão a uma compreensão mais completa acerca do objeto a que nos propomos neste trabalho. Partimos então para o campo com o intuito conhecer de perto o trabalho, a organização, as influências e, é claro, a sobrevivência do discurso vigente entre aquelas pessoas e de valor tão singular para o contexto cultural capixaba.

Descrição das Etapas de Produção da Panela de Barro

As informações acerca do processo, ou melhor, das etapas de produção da panela de barro foram obtidas por meio de observações realizadas *in loco*, ou seja, todos os dados sobre a produção da panela de barro, as técnicas utilizadas, os processos tais como secagem, alisamento, lapidação do objeto entre outros são frutos das visitas ao local de trabalho das paneleiras, o galpão da Associação, e também em algumas oportunidades às casas de algumas delas.

²² A certidão de Registro, consta nos registros oficiais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e também no site do IPHAN e está em anexo.

Para justificar algumas informações e dados nos apoiamos em estudiosos (historiadores e folcloristas que pesquisaram o histórico das Panelas²³) e também em noticiários e informativos. Para esta descrição foram acompanhadas as atividades do galpão e a título informacional foram consultadas três panelas (que esclareciam as dúvidas que iam surgindo) que produzem o artefato desde a infância.

Os maiores relatos acerca das técnicas de produção pertencem a Celso Perota, arqueólogo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo. Trata-se de uma mistura de técnicas das tradições ceramistas pré-históricas Tupiguarani e Una sobressaindo-se as utilizadas pela tradição Una (PEROTA; DOXSEY; BELING NETO, 1997).

A matéria-prima necessária à confecção das panelas é a argila retirada do Vale do Mulembá, localizado nas proximidades de Goiabeiras, no Bairro Joana D'Arc. Existem no Estado outros pontos de fabricação mas em todos os outros a matéria-prima é uma argila similar àquela utilizada pelas panelas de Goiabeiras. Esta matéria-prima, como dito anteriormente, possui em sua composição a decomposição de rochas gnáissicas misturadas, com argilitos, micas e outros elementos ideais para a liga necessária para a fabricação. “Pelos seus resíduos, principalmente pela sua angulação do quartzo, verifica-se que o aluvião é local e que foi pouco transportado” (Op. Cit, p.21-22). Segundo Dantas e Chaia (2002, p.3) “pesquisas geológicas já foram feitas em várias regiões do Estado e não foi encontrado material semelhante. Só no Vale do Mulembá existe essa argila especial [...]”. De todos os elementos que compõem essa argila, os fragmentos de quartzo são de extrema importância na funcionalidade das panelas pois, juntamente com outros grânulos de areia, captam o calor quando submetidos ao fogo e depois o expande mantendo as panelas quentes por um período longo, o que faz com que o alimento cozido nelas permaneça aquecido por várias horas.

²³ O principal dos estudiosos a serem consultados é o professor e arqueólogo Celso Perota.



FOTO 1: RETIRADA DO BARRO

Em outros pontos de fabricação, principalmente Guarapari, a utilização de tornos mecânicos de madeira ou ferro, fornos de lajotas para a queima e a fumaça dos fornos para o enegrecimento (PEROTA; DOXSEY; BELING NETO, 1997) são elementos do processo de fabricação, ou seja, outras técnicas de modelagem, outras maneiras de tratamento do objeto.

Além da argila, é necessária a aplicação do tanino que é feita na etapa final da fabricação do artefato. O tanino é uma tinta derivada do tronco da *Rhizophora mangle*, árvore característica do manguezal da região. Na verdade o manguezal fica atrás galpão e as cascas das árvores (que originam a tinta do tanino) são retiradas pelas próprias paneleiras ou por alguém que faça parte daquele grupo. Os homens participam da extração do tanino. Rogério Dias Coutinho chega a remar até uma hora em busca das melhores lascas e com a preocupação com a preservação. (A GAZETA, 07/04/02). Essa preocupação com relação à preservação das árvores é comum entre as paneleiras e entre aqueles que executam a extração das lascas de madeira. As cascas são retiradas sempre de árvores diferentes de modo que não haja prejuízo para nenhuma delas e para que o manguezal continue preservado e sendo fonte de matéria-prima. Vale ressaltar que essa preocupação com as árvores, vem de uma tradição indígena e as técnicas para a retirada do tanino também são herdadas dos indígenas. (PEROTA, DOXSEY, BELING NETO, 1997). Para a fabricação da tinta, basta bater um pouco as lascas de madeira para reduzi-las em pequenos fragmentos e curti-los em água por apenas um dia, para que haja a liberação da tinta. Quando colocada na água (socada), a casca do tronco desta árvore libera uma substância de cor avermelhada que é aplicada na panela logo após a queima com a função básica de impermeabilizá-la (Op. Cit, 1997).



FOTO 2: EXTRAÇÃO DA CASCA



FOTO 3: CASCA DA RHIZOPHORA MANGLE



FOTO 4: RHIZOPHORA MANGLE

Além do barro e do tanino, que representam a matéria-prima retirada diretamente da natureza, a madeira também é fundamental no processo de fabricação do artefato. É um componente utilizado nas etapas finais, ou melhor, na etapa de queima. A madeira utilizada antigamente era a mesma de usos em fogões a lenha, contudo, com o controle do corte das árvores e com as campanhas de conservação ambiental, passaram a ser utilizadas as madeiras recicladas que foram utilizadas pela construção civil. Atualmente, a maior fornecedora de madeira para as paneleiras é a Companhia Vale do Rio Doce, indústria localizada nas proximidades do bairro de Goiabeiras e que firmou uma parceria na doação de madeira para as artesãs, quando foi constituída a Associação.

Para o processo de fabricação são utilizados ainda instrumentos, espécies de ferramentas que auxiliam na modelagem, queima e também na aplicação do tanino. Alguns deles são também extraídos da natureza, mas, a maior parte é construída ou ainda adquirida.

Os instrumentos utilizados são os seguintes:

1. **Tabua** – serve para apoiar a panela no início da confecção até a primeira secagem e também auxilia na modelagem do fundo da mesma;

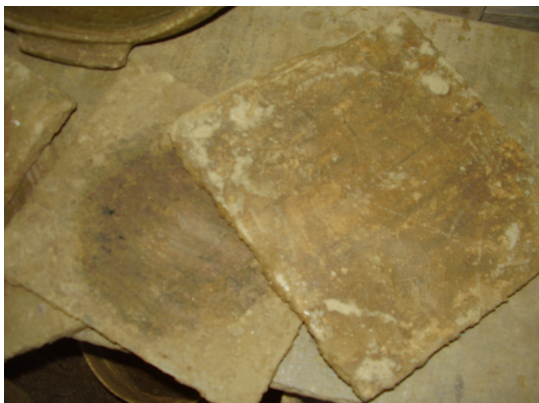


FOTO 5: TABUA



FOTO 6: MADEIRA EMPILHADA

2. **Cuia** – retirada do pé de coité. Fruto não comestível do coité, a cuia serve como uma espécie de **amoldador** da peça no momento em que é confeccionada. É utilizada também após a primeira secagem com a finalidade de corrigir imperfeições de forma;



FOTO 8: CUIA



FOTO 7: CUIAS DE CUITÉ

3. **Arco** – instrumento em metal, semelhante a uma faca com a ponta em forma de arco. Comprado ou confeccionado em ferro-velho, serve para fazer a raspagem dos excessos de barro após a primeira secagem e auxilia no formato do artefato;



FOTO 9: ARCO

4. **Faca** – A faca é utilizada para pequenas raspagens, mas, sobretudo para dar a forma lisa da superfície da panela. A faca é simples, como elas chamam, faca de mesa;



FOTO 10: FACAS

5. **Pedra de Rio** – esta é encontrada em rios e é comprada ou, as vezes, doada por alguém que a encontra. Ela é uma pedra polida pela própria água do rio e é utilizada no alisamento das panelas depois da segunda secagem, já com as alças.



FOTO 11: PEDRA DE RIO

6. **Vassoura de Muxinga** – é encontrada também no mangue e se assemelha a um galho de árvore. É utilizada na aplicação do tanino, na etapa final da fabricação.



FOTO 12: VASSOURA DE MUXINGA JUNTO COM TANINO



FOTO 13: VASSOURA DE MUXINGA

Quanto ao processo de produção, foram observadas algumas etapas e técnicas que se repetem, para a confecção de todos os artefatos.

A primeira é a retirada e escolha do barro. Atualmente, as paneleiras se reúnem e contratam um frete que vai ao Vale do Mulembá buscar o barro que é dividido entre todas aquelas que contribuíram para o frete e fica armazenado. Normalmente, o barro é comprado em bolas que pesam entre 20 e 30Kg. Nessa etapa (e na retirada do tanino), é muito marcante a presença masculina no processo. Normalmente são os homens que se preocupam em retirar e transportar o barro. Muitos ainda utilizam-se das canoas como é o caso de Ronaldo Alves Correia. (A GAZETA, 07/04/02)

Depois de retirado, o barro é pisado (amassado com os próprios pés) para sentir as impurezas como eventuais pedaços de galhos, matéria orgânica, pedras e restos animais. Após a pisagem ele é escolhido, ou seja, todas as impurezas são retiradas e o barro é transformado em bolas (armazenadas no local de confecção), pronto para ser modelado. No processo de armazenamento, eventualmente, a argila é hidratada para a obtenção da melhor textura. Esta é uma técnica tradicional, ou melhor, a melhor textura é obtida através da experiência na modelagem;



FOTO 14: PROCESSO DE PISAGEM



FOTO 15: PREPARAÇÃO DA BOLA DE ARGILA



FOTO 16: PANELEIRA CARREGANDO
A BOLA DE ARGILA

Depois de transformado em “bolas”, o barro começa a ser modelado pelas hábeis mãos das artesãs com o auxílio de uma cuia. Sem tamanho ou espessura pré-definidos, o artefato vai ganhando formas surgindo a então panela de barro.

Existem diversos tipos, formas e tamanhos de panelas. Existem as panelas para moqueca, para pirão, para arroz, tabuleiros para as tortas, caldeirões para feijão, entre outros formatos que já se padronizaram entre as paneleiras. Quando questionadas sobre como foram definidos aqueles padrões, todas responderam que as panelas são feitas daquela maneira, principalmente porque agrada o maior consumidor, os bares e restaurantes e também aos turistas que já levam a panela sabendo qual a melhor maneira de utiliza-la. Elas são comercializadas pela quantidade de pessoas que elas servem.

Contudo, apesar de não possuírem padrões formatados de confecção, todas as panelas similares possuem praticamente o mesmo diâmetro e profundidade;



FOTO 17: MATÉRIA-PRIMA PRONTA PARA A CONFECÇÃO



FOTO 18: INÍCIO DO PROCESSO DE CONFECÇÃO



FOTO 19: PROCESSO DE CONFECÇÃO



FOTO 20: PROCESSO DE CONFECÇÃO:
FASE FINAL

Depois de modelado, o artefato é posto à primeira secagem cujo tempo é relativo, pois está diretamente ligado às condições ambientais. Normalmente o processo de secagem é feito à sombra e leva 3 a 4 horas.



FOTO 21: PRIMEIRA SECAGEM

A etapa seguinte é a colocação das alças. Primeiro todo o excesso do barro é retirado com o arco. Depois, é utilizada a faca para a obtenção de uma superfície mais lisa. Por fim, as alças laterais também modeladas, são fixadas e a panela segue para a segunda secagem;



FOTO 22: RETIRADA DOS EXCESSOS COM O ARCO



FOTO 23: UTILIZAÇÃO DA FACA



FOTO 24: FIXAÇÃO DAS ALÇAS LATERAIS NA PANELA



FOTO 26: FIXAÇÃO DA ALÇA NA LATERAL



FOTO 25: FIXAÇÃO DA ALÇA NA TAMPA



FOTO 27: SEGUNDA SECAGEM

Depois de completamente secos, os artefatos passam pela etapa de alisamento com pedra de rio. Nessa etapa, as paneleiras passam a pedra por todo o objeto modelado, seja uma panela, uma tampa, caldeirão, ou qualquer outra peça. O

alisamento garante a uniformidade da superfície. Nesta etapa os artefatos já estão semi-prontos, já bem rígidos e resistentes.



FOTO 28: ALISAMENTO COM PEDRA DE RIO

Após o alisamento, as panelas vão para a queima. Todas as peças são colocadas dentro das chamas e brasas em uma fogueira que é feita próxima ao local da confecção, a céu aberto. São feitas camas de madeiras onde são cuidadosamente colocadas as panelas a serem queimadas e depois são também cobertas com madeira mais leve. Segundo a paneleira Lucelina Lucidato, o vento é fundamental no processo pois é preciso que as chamas adentrem os artefatos para que eles fiquem bem curados. A peneleira conta que as vezes é preciso assoviar para que o vento chegue e que aprendeu essa técnica com a avó e com a mãe. Ela afirma que quando ele é chamado ele sempre vem.

O tempo necessário para “curar” cada peça é em média 20 minutos, porém, esse tempo pode variar devido aos diferentes tamanhos do artefato;



FOTO 29: Artefato polido e pronto para a queima



FOTO 30: PANELAS ASSENTADAS NA CAMA DE MADEIRA PARA A QUEIMA



FOTO 31: QUEIMA



FOTO 32: QUEIMA

A etapa seguinte que é também a etapa final do processo é a aplicação do tanino, responsável pela cor escura do artefato. Quando o tempo de “cura” chega ao fim, as peças são retiradas da fogueira com um pedaço de madeira e a aplicação da tinta é feita imediatamente, com a peça ainda quente. A aplicação é feita com a vassoura de Muxinga, e deve ser muito rápida. A artesã gira a panela com uma das mãos com o auxílio de um pedaço de madeira e aplica a tintura com a outra mão. No início do processo de fabricação o tanino não era aplicado. Depois descobriu-se que dava a coloração escura das panelas fazendo com que elas ficassem mais belas. Uma outra função descoberta também é a impermeabilidade que a tintura dá ao artefato. No início, porém, da atividade de comercialização a tintura era aplicada somente na parte exterior da panela e na tampa pois achava-se que poderia transmitir gostos e

odores para a comida. Uma característica que despertou interesse é a utilização, por algumas panelleiras, de água com açúcar para passar na panela depois que já estão prontas de modo a deixa-las com brilho, mais apresentáveis para o consumidor.



FOTO 33: RETIRADA DAS PEÇAS DA FOGUEIRA



FOTO 34: APLICAÇÃO DO TANINO - AÇOITE



FOTO 35: APLICAÇÃO DO TANINO - AÇOITE



FOTO 36: APLICAÇÃO DO TANINO - AÇOITE



FOTO 37: PRODUTO APÓS AÇOITE, AINDA A BEIRA DA FOGUEIRA



FOTO 39: GALPÃO DAS PANELEIRAS: LOCAL DAS VENDAS



FOTO 38: PRODUTO FINAL

Antes da primeira utilização da panela, elas devem receber uma segunda queima. Untadas com óleo de oliva, devem ser levadas ao fogo até que todo o óleo seja consumido e seja liberada uma fumaça escura. A partir daí, o artefato está completamente pronto para o a utilização na culinária. Esse processo é feito pelo “freguês”, que recebe as instruções e a receita da moqueca capixaba no ato de compra da panela.

A Associação Panelleiras de Goiabeiras: o processo de constituição

As informações que seguem, tentam estudar o processo de constituição da Associação Panelleiras de Goiabeiras.

Quando estivemos no campo para realizar a primeira etapa deste trabalho, ou seja, buscar informações acerca da entidade responsável pela organização das Panelleiras de Goiabeiras e pelo aumento considerável da produção e comercialização do artefato, deparamo-nos, como já dito com um local, de acesso precário, com uma concentração de pessoas que participam da fabricação de

panelas de barro e condições de trabalho não muito adequadas. Nos primeiros dias de visita ao local, buscamos, além das informações sobre a produção, distribuição, comercialização e dados sobre a panela de barro, informações acerca da constituição da instituição por trás de todos aqueles processos, ou seja, a formação da Associação

Quando perguntávamos sobre a Associação e nos referíamos a constituição destas, alguns nomes de referência eram citados pelas paneleiras do galpão: Dona Melquíades, Dona Palmira e Dona Laurinda.

Sempre indagávamos sobre o por quê destas mulheres para fornecer informações sobre a criação da Associação e não uma outra paneleira que estivesse, por exemplo, atuando no galpão. Logo percebemos que o conhecimento acerca deste período não estava acumulado dentro da entidade e que essas pessoas seriam aquelas que detinham a informação, pois tinham participado do processo de constituição da mesma.

Pensamos em buscar informações com todas elas, porém, algumas dificuldades ocorreram. A paneleira Palmira desenvolveu um problema auditivo e a Laurinda também é portadora de um problema de saúde que não foi possível identificar. Por fim, restou a Paneleira Melquíades que, na verdade, havia sido a mais indicada desde o início para esta pesquisa, aquela que detinha a maior concentração de informações e documentos acerca da criação da entidade. Esta é vista por muitas pessoas como uma espécie de líder, de representante da entidade e também foi presidente desta no início, cargo passado mais tarde a sua filha. Procuramo-la, então, e sem dificuldades obtivemos muitas informações por meio de uma entrevista realizada em 05 de abril de 2006, com a paneleira Melquíades Alves Correia Rodrigues, de 78 anos, uma das maiores responsáveis por esse processo. Os dados acerca da constituição da Associação e seu desenvolvimento foram coletados nesta entrevista e também através de relatos de presidentes posteriores da entidade, análises documentais, publicações e principalmente de periódicos.

A configuração do trabalho das paneleiras de Goiabeiras antes da criação da organização, era da seguinte maneira: ninguém sabia com certeza quantas pessoas

produziam panelas de barro; o artefato era produzido no quintais e garagens das casas das próprias paneleiras e comercializado no mesmo local, normalmente para compradores fixos ou pessoas que tomavam conhecimento da existência da panela de barro em Goiabeiras e procuravam lá mesmo uma maneira de comprar.

O primeiro indício de organização foi a construção do galpão do Senhor Arnaldo Gomes Ribeiro. O papel desse galpão era funcionar como um ponto de venda das panelas, ou seja, as panelas eram fabricadas pelas paneleiras e vendidas no “galpão do Gomes”, de acordo com Melquíades. Segundo relatos de 1981 feitos pelo jornalista Ademir dos Santos Ramos, na Revista ES, as paneleiras que prestavam serviço para ele fabricavam na maior quantidade possível pois o ganho era feito por produção.

De acordo com a padeira entrevistada, antes da criação da Associação, já década de 80, o número de pessoas trabalhando e exercendo a atividade de confeccionar panelas profissionalmente era pequeno se comparado ao que se vê hoje na Associação. Muitas artesãs, em busca de melhores condições de vida, exerciam o ofício, em horas vagas, apenas como complemento de renda, na maior parte dos casos ajudando outras pessoas que confeccionavam o artefato nos quintais das casas. A própria entrevistada conta que tinha a ajuda de algumas pessoas na sua casa. As panelas, nas décadas de 50 e 60, eram confeccionadas, em sua maioria por encomendas e levadas para a Vila Rubim, normalmente em canoas, ou por meio de força física até o local onde hoje está localizado o bairro de Santa Lucia, onde passava o bonde e eram vendidas a compradores fiéis e em algumas ocasiões avulsas ou para os “lojistas”²⁴ da época que comercializavam na região.

Já nessa época a panela era fabricada com o intuito de ser vendida e representava parte dos lucros familiares das famílias das paneleiras.

O trabalho da época, antes da Associação, era realizado, em grande parte, de maneira a formar espécies de equipes: a retirada do barro era feita por uma pessoa para atender o coletivo; não havia um único responsável por esta tarefa mas, se

²⁴ Nome dado pela entrevistada a pessoas que possuíam pequenos comércios na Vila Rubim e que revendiam a panela de barro.

alguém, por necessidade ou por disponibilidade fosse ao “barreiro”²⁵ poderia retirar o barro para a confecção do artefato para todas as panelas que precisassem; existia uma divisão de tarefas mais bem definida, ou seja, duas ou mais pessoas poderiam confeccionar a mesma peça e a queima era realizada de uma só vez para que a madeira pudesse ser aproveitada por todas as panelas. Essas e outras características demonstram a existência de uma rede de cooperação entre as artesãs que compunham o grupo das Panelas de Goiabeiras antes da institucionalização destas.

As enormes dificuldades na época como o transporte do barro que era feito por meio de força física, transporte da panela por meio de canoas e também por força física e a comercialização da mercadoria, além das precárias condições de trabalho das panelas, foram percebidas pelas artesãs que ainda hoje lembram com pouco saudosismo desses tempos²⁶.

Somado a essas condições de trabalho existia outro fator relevante que era a expansão que vinha sofrendo o Bairro de Goiabeiras, em função do próprio crescimento da metrópole, tornando a queima das panelas nos quintais das casas algo que representava, algumas vezes, um desentendimento com os vizinhos incomodados com o cheiro e com a fumaça.

“É isso mesmo minha filha, tinha gente que não importava não mas outros, ih!!! Não gostavam de jeito nenhum, batiam as janela, brigavam, uma coisa feia.”

Segundo a entrevistada ainda, no final dos anos 80, entre 86 e 87, a Prefeitura de Vitória, por meio da Secretaria competente²⁷ começou a levar as panelas de barro serem apresentadas em feiras, dentro e fora do Estado e a produção cresceu muito em função da demanda que passou a existir com mais intensidade devido a divulgação.

²⁵ Localizado no Vale do Mulembá, nas proximidades de Goiabeiras, barreiro é o nome dado pelas panelas ao local de onde é retirado o barro, matéria-prima natural, para a produção das panelas.

²⁶ Quando a entrevistada se refere a essa época, quer dizer décadas de 50 e 60 e também parte da década de 70.

²⁷ A entrevistada não se lembra se foi a Secretaria de Cultura ou de Turismo ou outra qualquer. Sempre se refere a Secretaria Municipal.

“nós tivemos muita ajuda da Secretaria, sabe? A Secretaria pegava as painelas e levava pra fora e vendia. Esse negócio de painela de barro o pessoal já sabe há muito tempo que tem por causa da Secretaria”.

Em 1987, algumas paineleiras que se mantinham, como a maioria, autônomas, se organizaram para a constituição da Associação Paineleiras de Goiabeiras. Na verdade, com a demanda e o aumento da produção, houve um interesse pela organização daquele trabalho tanto por parte das paineleiras quanto por parte de agentes do governo. Segundo Dona Melquiades, ela, mais quatro mulheres que também eram paineleiras, auxiliadas pela vereadora do município de Vitória, Etta de Assis, junto com assistentes sociais da Prefeitura e funcionários de Secretaria Municipal de Cultura, fundaram a Associação Paineleiras de Goiabeiras.

De acordo com o relato da Joselma Rodrigues, ex-presidente da associação, a Senhora Melquiades era uma das mais populares paineleiras antes da Associação. Outras paineleiras trabalhavam pra ela fabricando ou somente ajudando no processo de fabricação. Era como uma líder, com já dito. Com o interesse e maior participação do poder público pela atividade das paineleiras e com a participação desse produto e também das artesãs em feiras, a senhora Melquiades desenvolveu uma relação de amizade com a Senhora Etta de Assis, então vereadora do município na época. Assim, sob a orientação de Etta e apoio institucional da Prefeitura Melquiades mais quatro paineleiras formalizaram a Associação Paineleiras de Goiabeiras no dia 25 de março de 1987²⁸.

O maior indício existente sobre a efetiva participação da vereadora no processo de constituição da Associação é a elaboração do estatuto vigente na organização. Segundo Perota, Doxsey e Beling Neto (1997), em 25 de março de 1987, foi aprovado do estatuto da Associação Paineleiras de Goiabeiras elaborado pela Senhora Etta de Assis.

Algumas reuniões para a criação da entidade foram realizadas no bairro mesmo, com a presença de funcionários da Secretaria Municipal de Cultura e assistentes sociais da Prefeitura. O modelo adotado foi o de Associação mas o trabalho era

²⁸ Entrevista concedida a autora no dia 09 de agosto de 2006.

cooperativo no começo, ou seja, todo mundo se ajudava mutuamente na retirada do barro, com a lenha (que muitas vezes era retirada em Jardim Camburi) e nenhuma das paneleiras estava muito voltada para as questões burocráticas da entidade como registros, papéis, reuniões e decisões preocupando-se na verdade, mais com as questões de facilitar a produção da panela e um local para o exercício de tal atividade do que com a própria comercialização do artefato. Ficou esse papel a ser desempenhado pela entrevistada junto com a vereadora. O que não entra no sistema de cooperativa era a divisão dos lucros.

“No começo foi difícil porque só eu e mais umas três aí, que queríamos esse negócio de ser presidente e ver quem ia entrar para a Associação. Minha filha ajudou muito, depois ela também foi presidente. Depois não, depois que o negócio deu certo e que já tinha o galpão ... Ih!!! Agora tem um monte pra ser presidente.”

Poucas paneleiras associaram-se no início. Segundo a paneleira,

“Nós fomos de casa em casa para conseguir que as pessoas fizessem a ficha. Só depois, com a ajuda das assistentes sociais da Prefeitura que ficou mais fácil”

A instituição foi consolidada com resistência. Era reconhecida no início pelas paneleiras fundadoras e pelas famílias delas. Contudo, pouco tempo depois de formatada a instituição, alguns benefícios foram obtidos. A construção do galpão onde concentra-se a maior parte das artesãs hoje, por exemplo, é um deles. A entrevistada diz que

“tem paneleira que acha que a Associação começou mesmo depois do galpão. Antes era só papel”.

Após este período, com a existência da entidade, houve, segundo Melquíades, um aumento no fluxo de turismo e as panelas foram ficando cada vez mais conhecidas, pois participavam muito de feiras e eventos junto com a Prefeitura e Governo do Estado. Houve o problema da falta de espaço para a produção, já com a associação consolidada.

“Nois fomo ficando sem espaço. Ta vendo meu quintal como é pequenininho.”

A partir de então, as lutas para a construção do atual galpão ganharam corpo. As mesmas pessoas responsáveis pela constituição da Associação é que iniciaram também um movimento de reivindicação.

O local onde hoje fica o galpão era mangue, depois virou depósito de lixo para então ser aterrado e permitir a construção do espaço de confecção das panelas. Foi o primeiro benefício atingido pela entidade. Os primeiros estandes²⁹ (que estão até hoje no local e ficam no fundo do galpão) foram construídos pelo então Prefeito de Vitória, Hermes Laranja.

A ocupação do galpão pelas artesãs de fez de maneira hierárquica e tradicional manifestando a importância do poder dentro da entidade. As sócias-fundadoras³⁰ obtiveram seu direito a um espaço que era dividido também com seus familiares, normalmente irmãos e filhos. Estes, com o aumento da produção e também com a expansão do galpão, dividiram com outros familiares e esse processo tornou-se recorrente ganhando o local a configuração atual.

Com a existência da instituição formalizada e com a perspectiva de projeção da panela de barro muitas pessoas passaram a fazer panelas (ou deixaram empregos para exercer a atividade de artesãs do barro ou começaram a exercer a atividade mais profissionalmente).

“Ah sim, depois que o galpão ficou pronto e que nois tava tudo lá trabalhando junto, a gente fazia muita panela e as pessoas vinha aqui pra comprar então uma porção de gente começou a fazer panelas, umas que já tinha feito, outras que fazia quando era criança.”

²⁹ Os estandes são vulgarmente chamados pelas paneleiras de barracos. São construções em alvenaria, de pouco mais de 2mx2m, espécies de depósitos que no início do funcionamento do galpão eram utilizados como depósito dos produtos prontos e também como local para guardar as ferramentas de trabalho que serão citadas e detalhadas logo mais, quando falaremos sobre o processo de produção da panela de barro.

³⁰ Nome fictício dado ao grupo de paneleiras que participou do processo de criação da Associação Paneleiras de Goiabeiras.

Assim, houve a necessidade de ampliação do espaço que assumiu a configuração que possui hoje. Depois disso é que realmente as atividades da Associação passaram a ser efetivas. A Associação conta hoje com 112 membros entre homens e mulheres, nem todos atuantes.

Um dos maiores benefícios conseguidos pela Associação Paneleiras de Goiabeiras foi a manutenção da propriedade do “barreiro” e a garantia de acesso assegurada. Nessa etapa também há uma participação política. Segundo a Senhora Joselma Rodrigues, depois que a associação já estava consolidada, um outro vereador, o Senhor Marcos Calmon, acabou por estreitar as relações com as paneleiras devido luta pela posse do barreiro. Segundo a paneleira, o local de onde era extraído o barro pertencia a um dono (cujo nome não foi citado). Porém devido as obrigações fiscais desse dono sido cumpridas, o Governo do Estado desapropriou a propriedade apossando-se desta e concedendo o direito à construção de uma Estação de Tratamento de Água pela Cesan, no local. Com o reconhecimento das paneleiras e do seu ofício pelo IPHAN, o Senhor Marcos Calmon, também advogado passou a facilitar a comunicação entre as paneleiras e o poder público e também orientou aquelas pessoas sobre a manutenção do local de extração do barro.

Após um acordo assinado com o Estado onde uma taxa (de valor desconhecido) é paga anualmente pela Associação Paneleiras de Goiabeiras o acesso ao barreiro foi garantido aos associados.

Outros benefícios foram alcançados pela instituição nos últimos tempos: o transporte do barro foi facilitado pela Prefeitura, a (Companhia Vale do Rio Doce) CVRD passou a ceder a madeira para a queima e também foi criado, pela Prefeitura de Vitória, o selo de qualidade que confere as painelas de barro de Goiabeiras a autenticidade de serem as verdadeiras painelas de barro capixabas, além da facilitação de participação das pessoas com seus produtos de feiras nacionais e internacionais. No ano de 2006, alguns dos eventos freqüentados pelas paneleiras foram o 2º Salão do Turismo em São Paulo, 34ª Feira das Américas no Rio de Janeiro, 8º Festival de Turismo de Gramado, além de encontro locais como a

Feincartes, Feira Internacional de Cultura e Artesanato em Vitória, e a Feira do Barro também em Vitória³¹.



SELO UTILIZADO PELAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS

De acordo com Klein (A GAZETA, 2004) “muitas das conquistas se devem a organização da associação que além de virar ponto turístico e facilitar o trabalho que antes era feito em casa isoladamente, deu projeção internacional ao produto. Organizadas, as paneleiras participam ainda de feiras e exposições”. Segundo a entrevistada, no período de consolidação da entidade, os Governos Estaduais e Municipais forneciam ajuda de custo e disponibilizavam transporte para que as Paneleiras pudessem participar de eventos fora do Estado. Segundo a paneleira, isso representava muito para a instituição pois dava projeção a panela e as vendas eram muitas e facilitadas. Com a Associação consolidada, a entrevistada afirma que a ação do poder público na divulgação do artefato de cerâmica e fortalecimento da sua imagem, foi muito mais efetiva. Por meio das Secretarias Municipal e Estadual de Cultura e Turismo, a panela de barro saiu daquele contexto local de Goiabeiras e passou a compor outros contextos dentro e fora do Estado.

As paneleiras começaram a ser levadas pra fora do Estado e as panelas começaram a ser conhecidas. [...] Aí começou a vim gente de todo lugar, turista,...No começo tinha mais ajuda mas agora é menos, agora ta suado, mas deixa isso para as meninas novas resolverem que elas estão com muita vontade.

A configuração das paneleiras tomou novos rumos aproximando-se ao que existe nos dias atuais. A tradição utilitária da panela de barro que não foi perdida, está

³¹ Informações retiradas dos sites www.vitoria.es.gov.br, www.sedetur.es.gov.br e também por meio de constatações da própria autora.

associada à culinária, à gastronomia capixaba, voltada em grande parte para o preparo de peixes e mariscos, sobretudo na região litorânea do Estado.

Assim, um outro movimento, mais atual, de fora pra dentro também pode ser registrado. Segundo Valéria Mariano (2005), então Subsecretária de turismo de Vitória, “os turistas vêm, entram em contato com a gastronomia conhecem a panela de barro que sempre acompanha a moqueca capixaba e se encantam”. Ela confirma que o local de produção facilitada da panela de barro representa um crescimento para o turismo na cidade de Vitória uma vez que este produto está associado às questões relativas à cultura capixaba, visão essa compartilhada por Zanon, na época diretor de cultura da Prefeitura Municipal de Vitória e também por Luzia Toledo, Secretária Estadual de Turismo em 2002 que diz: “o reconhecimento oficial da arte das paneleiras capixabas é visto como mais um elemento para o desenvolvimento do turismo no Estado (JORNAL CALÇADÃO DA PRAIA, 2002)

Capítulo IV

ANÁLISE DOS DADOS:

MODERNIDADE, TRADIÇÕES, DISCURSOS E RE-SIGNIFICAÇÕES

A análise que se segue, leva em consideração os dados coletados em todas as etapas de nossa passagem pelo campo, ou seja, as visitas a entidade, o processo de observação realizado e também as entrevistas em profundidade.

A partir das visitas e da observação realizadas na Associação Panelleiras de Goiabeiras pudemos identificar alguns elementos que consideramos relevantes para a análise que pretendemos neste trabalho. Tentamos buscar dados referentes à existência de aspectos característicos do tradicionalismo e também da modernidade e suas relações, para que assim pudéssemos compreender a sobrevivência do discurso recorrente na instituição. Não intencionamos identificar apenas os contrastes que inevitavelmente em alguns momentos estarão explícitos.

Os elementos identificados dizem respeito a três aspectos distintos alusivos a panela de barro: o processo de produção, o produto e a orientação para o mercado deste artefato, tomando é claro, a Associação Panelleiras de Goiabeiras enquanto *locus* privilegiado de investigação.

Organizamos as informações categorizando-as e explicitamo-las em forma de tabela.

A organização dos dados no modelo de tabela, categorizados, formato algumas vezes criticado e não muito aceito nos estudos acadêmicos onde a proposta é um estudo qualitativo, foi a opção encontrada que mais adequou a visualização das relações que pretendemos analisar. As limitações são sabidas, porém, mesmo que adotássemos outra maneira de apresentar essas informações, dada a complexidade do objeto, não o esgotaríamos no que tange as relações existentes.

A análise de nossos dados será realizada à luz da reflexão teórica proposta neste trabalho, onde nos propomos a compreender as relações entre modernidade e tradição por meio principalmente dos desencaixes existentes na instituição, a separação tempo e espaço e a questão dos estilos de vida a partir da lógica mercadológica moderna. Tomaremos como ponto de partida as informações coletadas por meio da observação e organizadas na tabela abaixo e as entrevistas em profundidade realizadas na instituição.

TRADICIONALISMO	ASPECTOS	MODERNIDADE
<p>Retirada do Tanino</p> <p>Técnicas de Modelagem</p> <p>Etapas do processo de produção: queima a céu aberto, secagem e polimento</p> <p>Matéria-prima utilizada na fabricação</p> <p>Integração de toda a família no processo: Contato de todas as pessoas que moravam na mesma casa ou freqüentavam-na com a arte de produzir panelas de barro</p>	<p>PROCESSO DE PRODUÇÃO</p>	<p>Inserção de algumas ferramentas de trabalho no processo</p> <p>Obtenção da Madeira</p> <p>Volume da produção: aumento significativo da produção nos últimos 20 anos</p> <p>Organização do trabalho: Local de trabalho, distribuição dos espaços de produção, definição de horários e dias para o trabalho</p> <p>Tamanhos dos objetos fabricados padronizados</p> <p>Contato familiar com a produção de panelas de barro reduzido em função do deslocamento do local de produção</p>
<p>A panela utilizada para a prática culinária</p> <p>Panela fabricada com a utilização exclusiva do barro</p>	<p>PRODUTO EM SI</p>	<p>Os usos da panela: além da prática culinária, a panela sendo utilizada como vaso de planta, objeto decorativo, souvenir, etc</p> <p>Material decorativo inserido no artefato como biscuit modelado e tintas.</p> <p>Barro modelado nos mais variados formatos</p>

<p>Panelas transportadas de canoas ou a pé até os pontos de venda</p> <p>Panelas de barro fabricadas e vendidas nas casas das paneleiras</p> <p>O perfil do consumidor: Morador da Grande Vitória, da região litorânea do Espírito Santo e pequena influência na Região Sudeste</p>	<p>ORIENTAÇÃO PARA O MERCADO</p>	<p>Panela de barro consumida por restaurantes, cozinheiros, bares, turistas visitantes e também por usuários deslocados devido a exportação;</p> <p>Comercialização no local de concentração da produção;</p> <p>Panelas distribuídas via aérea para outros locais do país e também para fora, principalmente Europa;</p> <p>Fabricadas e vendidas no galpão. As vezes fabricadas em casa e vendidas no galpão;</p> <p>Maior época de consumo: semana santa, porém o galpão é local de visitação de escolas, turistas, pesquisadores e população em geral suavizando a sazonalidade;</p> <p>Participação maciça em feiras e eventos e difusão do artefato em diversas partes do Brasil;</p> <p>Inserção de elementos para atender o mercado: alças</p>
---	---	--

Todas as informações explicitadas na tabela referenciam que existem na entidade em questão aspectos inerentes do tradicionalismo e, principalmente da modernidade. Como dito, alguns aspectos contrastam entre outros apenas coexistem. Não trabalharemos com todos eles pois nossa intenção é evidenciar aqueles que nos permitam compreender a sobrevivência de um discurso construído tomada a tradição como pano de fundo e sua sobrevivência, na lógica mercadológica moderna além de sua re-significação na modernidade.

Os resultados seguem abaixo.

I

A modernidade e tradição e seus elementos

Desencaixes na Associação Paineiras de Goiabeiras.

Ao tomarmos como objeto de estudo a Associação Paineiras de Goiabeiras, tratamos antes de compreender seu histórico, sua criação e, é claro os fatores que influenciaram na sua configuração.

Nesse processo, percebemos os desencaixes, elemento explicativo da modernidade por Giddens. Trazendo novamente a visão do autor sobre o assunto temos que, em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida social globalizada.

É preciso destacar que temos a entidade Associação Paineiras de Goiabeiras como objeto empírico de análise e para percebermos os desencaixes, tomaremos sua existência, ou melhor, sua constituição de modo a explicarmos algumas características.

Um dos desencaixes mais claramente percebidos no estudo em questão está na organização para a produção. Antes da existência da Associação, as paneleiras produziam o artefato nas próprias casas, local também de comercialização do mesmo. Com a institucionalização do trabalho e a constituição de um local próprio para a fabricação, a casa não mais é o sinônimo do local de produção. Existe agora um local próprio para a arte de confeccionar panelas de barro e a casa, ganha a conotação de lar. Existe aqui, após a inferência de elementos externos, um desencaixe entre o local de trabalho e o local onde as pessoas vivem. Das dez paneleiras entrevistadas, oito iniciaram a atividade ainda crianças, fabricando panelas nos quintais de suas casas e somente com a construção do galpão deixaram as casas para ir para o local de trabalho:

Comecei a fazer panelas com oito anos de idade. [...] aprendi com minha tia. Eu achava lindo elas fazendo panelas e acabei começando e me envolvendo também. [...] Eu fazia em casa mesmo, no quintal porque antes não existia o galpão né?! (E5)

Eu fazia desde pequena mas não sei a idade. Quando a gente tem a mãe da gente que é paneleira a gente senta perto e vai fazendo os caquinhos, aí a mãe vai e acaba os caquinhos... eu tinha cinco anos mais ou menos...a gente fazia em casa, eu minha mãe e meus irmãos... (E2)

Desde os doze anos que faço panela. [...] antes do galpão, porque o galpão tem dezessete anos que existe, antes do galpão a gente fazia tudo em casa então quer dizer a criançada, a gente já ia se formando e já aprendendo o ofício. (E4)

O que podemos dizer é que esse desencaixe existente com relação ao local de trabalho nos remete a uma nova lógica de funcionamento da atividade de confecção de panela de barro e também a um encaminhamento futuro que pode tomar a atividade. Dizemos uma nova lógica de funcionamento uma vez que temos agora uma realidade onde existe horário para início e fim da atividade, horário para almoçar, inclusive horário para comercializar o artefato. O galpão funciona no dito horário comercial, ou seja, das oito horas da manhã até as dezoito, quando encerra o “expediente” do dia. Antes da Associação, com a atividade sendo desempenhada em casa, o ritmo do trabalho era definido pelo ritmo de funcionamento da família ou vice e versa. O fato é que as regras não estavam claramente estabelecidas,

tampouco existiam restrições como hora para parar de fabricar. Na verdade essas regras também não estão explícitas no galpão, porém, a organização do trabalho estimula o vigor de um mesmo ritmo para todas as pessoas envolvidas com a atividade no galpão.

Eu venho pra cá de manhã e fico até de tarde. Não paro pra almoçar, né!? Eu paro mas minha irmã traz minha comida aqui e as vezes eu que vou buscar lá em casa pra nós. Mas, a menina que “lisa” vai fazer a hora de almoço. Se você vê bem, o galpão fica bem vazio no almoço. (E4)

Eu faço panela aqui no galpão de manhã porque trabalho meio expediente em outro lugar é, fico meio expediente aqui e meio em outro trabalho. (E6)

Assim, tomando da Associação Paneleiras de Goiabeiras e considerando que esta é responsável por um desencaixe social das pessoas, podemos dizer que os elementos da modernidade se fazem presentes naquela entidade e que tornam a produção orientada para o mundo globalizado, interconectando-a com as lógicas mercadológicas.

Alguns depoimentos justificam esta afirmativa:

Falta de espaço. Em casa não tem como. As paneleiras reclamam que querem vir pro galpão. Um dia, se deus quiser vão ter. Não sei quando mas vão ter. (E7)

Eu não tinha lugar pra fazer, na hora de queimar era uma dificuldade e aqui não, tem espaço pra guardar, aqui mesmo a gente vende as panelas da gente, aqui queima entendeu!? (E3)

É o que eu tava falando, porque no fundo de quintal não tava dando mais, não tava tendo mais espaço pra família que já tava crescendo. (E4)

Quanto a um viés para o futuro, antes da Associação todos da família, ou melhor, todos que moravam na mesma casa mantinham contato direto com a atividade diariamente ou de acordo com o ritmo estipulado por cada artesã. Hoje, com a existência do galpão o contato maior com a atividade é de quem está inserido no dia-a-dia do local de fabricação e essa nem sempre é a realidade de todos os

membros familiares de uma família envolvida com a atividade de fazer panelas de barro.

Todas as entrevistadas possuem filhos e quanto questionadas sobre passagem do ofício para a próxima geração a maioria concordou que é preciso um maior engajamento por parte da geração mais jovem, porém quando questionadas sobre ensinar a mais alguém o ofício, os filhos não foram a primeira opção. Há uma preocupação, devido aos mais variados fatores, quanto aos mesmos seguirem a profissão no futuro. Comprova-se essa constatação nos fragmentos abaixo.

Ah, ele fica se arriscando, até fez uma panela. [...] Eu tava ajudando ele a terminar. mas, eu não quero ensinar ele a fazer panela não, quero ensinar a minha sobrinha. [...] Não sei, acho que homem... essa profissão ta mais pra mulheres. Homem eu acho que devia fazer outra coisa. [...] isso aqui chama Paneleiras e não paneleiros. É mais bonito paneleiras. (E7)

Tenho um menino. Mas ele não quer essa profissão não. [...] Ele me ajuda, você viu aquele dia. Ele tem treze. Ele me ajuda, mas só na queima, ele não quer fazer. [...] eu ensinei ele a me ajudar, ele lisa, mas eu não gosto muito [...] A Lorraine, ela sabe desde criança, assim da fase dos 7 anos, mas agora ela ta pegando firme e forte todo dia comigo aqui, ela ta treinando cada vez mais, né? A geração não pode acabar, né..." (E1)

Minha filha não faz sempre não. Faz mais pra me ajudar. (E4)

O mais velho até que faz umas panelas bonitas, mas depois ele foi trabalhar em outro serviço né, o do meio... os dois que são cariocas não querem não. (E8)

As entrevistadas demonstram que é necessário que exista alguém que dê continuidade a tradição das paneleiras, contudo, parece que essas pessoas não são os descendentes diretos. Algumas das justificativas para o desinteresse no ensinamento aos filhos se deve ao fato de que fazer panelas de barro é uma atividade cansativa e desgastante conforme descrito abaixo.

Os jovens não querem mais e eu acho que essa é uma cultura do Estado. Eles vêem nosso trabalho cansativo aí não se interessam não. (E10)

Eles não gostavam que eu faço porque eles ficavam tristes que eu fico na beira da fogueira, eles não gostavam. (E8)

É muito sacrifício. A gente via a mãe da gente fazendo e queimando e hoje eles vê a gente e não quer não. (E9)

Contudo, quando investigamos a existência de um orgulho de ser paneleira e de cada uma daquelas pessoas modelar em cada objeto de barro uma parte da cultura capixaba, como está reproduzido no discurso e ainda quando cruzamos essas informações com o fato de que para ser peneleira é preciso pertencer a árvore genealógica que originou a geração das panelleiras e que naturalmente, com as técnicas passadas de geração a geração como ocorre há quatrocentos anos, os filhos ou outros descendentes certamente perpetuarão a atividade, nos deparamos com o seguinte dois resultados surpreendentes:

O primeiro é que nem todas as panelleiras são descendentes de panelleiras: Pudemos constatar que essa relação de dependência da existência de um grau de parentesco para a confirmação da legitimidade de ser panelleira não se confirma assim como é defendida. O segundo é que os filhos, descendentes diretos, nem sempre representam a garantia de perpetuação da atividade.

Com relação ao primeiro dos resultados, existem pessoas, hoje, que são cadastradas na Associação Panelleiras de Goiabeiras como panelleiras legítimas, detentoras do ofício e que não integram a árvore genealógica. Essas informações podem ser verificadas nos fragmentos abaixo:

Comecei [a fazer panelas] com mais de 20 anos. To com 41. [...] Eu não sou panelleira de nascença, sou casada com filho de panelleira. (E5)

Não, não sou filha de panelleira. [...] Comecei há 12 anos e aprendi com uma outra panelleira, a D. Melquiades. Vim de Aracruz e vim morar em Goiabeiras. Aí comecei a alisar e aprendi. (E9)

Buscamos, então, informações sobre outras pessoas da família envolvidas no processo, já que de acordo com as tradições as duas entrevistadas anteriores não poderiam pertencer à entidade. Assim, quando perguntadas (todas as entrevistadas) sobre a existência de mais algum familiar exercendo a atividade, a resposta foi afirmativa.

Olha eu tenho uma irmã que ela é paneleira, tenho duas, aliás, mas elas não querem pegar firme como eu já peguei não. Tem época que elas pegam, ficam aqui direto, tem avó dela [referindo-se a sobrinha], minha irmã mais velha, ela é paneleira mesmo, mas ela acha muito sacrifício, ela acha muito pesado. (E1)

Minha família toda faz. Minha mãe né, é a paneleira mais velha. Mora lá no final do campo. Minha sobrinha trabalha aqui, meu sobrinho Carlinhos também faz. Ele é meu sobrinho, meus primos. (E3)

Minha família inteira faz, todos eles fazem, mas, quem ficou mesmo, partiu mesmo pra o artesanato foi as irmãs que nós somos três né?! A irmã mais velha, a Eonete Fernandes, são dois sobrinhos e dois irmão meu que me ajuda, minha mãe. (E4)

Da minha família? Minhas irmãs todas, minhas sobrinhas, todas elas e um irmão. (E2)

Inclusive as duas entrevistadas que passaram a integrar a Associação Paneleiras de Goiabeiras manifestaram-se:

Tenho uma menina que ensinei pra ela mas ela não quis muito aprender. (E9)

Tenho duas meninas[...] uma aprendeu e a outra me ajuda mas elas tão afastadas. [...] uma ta trabalhando e a outra ta muito cansada. [...] Tentei ensinar a minha irmã mas não teve jeito, ela não teve aquele amor de aprender, então da minha família sou eu e minhas cunhdas, irmãs de meu marido. (E5)

Percebemos além do fato novo mencionado anteriormente, mais um elemento sendo inserido naquela realidade representado pela presença masculina na confecção. Quando buscamos informações sobre as peneleiras, como o próprio nome já diz, encontramos um universo feminino. Todo o tempo aquelas pessoas referem-se a elas mesmas como paneleiras, uma atividade de mulheres. Indagamos sobre a presença masculina e obtivemos algumas respostas descritas abaixo.

É meu irmão faz panelas direitinho. Ele aprendeu com nossa mãe e ajudava e acabou virando um paneleiro. (E2)

Meu irmão? Não ele não faz panelas porque quem faz são as mulheres, mas ele me ajuda com o barro, carregando.... (E4)

Meu sobrinho aprendeu ainda pequeno e faz panela muito bem. Ele deixou uma época e fiou por aí mas aí ele começou e vendia bem aí ele ficou até hoje aqui no galpão. (E3)

Podemos dizer então que se trata de mais um elemento novo inserido naquela realidade. Partimos então, para as análises do segundo dos resultados como citamos anteriormente. Quando perguntadas sobre seus filhos, as respostas foram as seguintes:

Tenho um filho, um menino [...] Ah, ele fica se arriscando, até fez uma panela. [...] Eu tava ajudando ele a terminar . Mas, eu não quero ensinar ele a fazer panela não, quero ensinar a minha sobrinha. [...] Não sei, acho que homem... essa profissão ta mais pra mulheres. Homem eu acho que devia fazer outra coisa. Ah, isso aqui chama Peneleiras e não paneleiros. é mais bonito paneleiras. (E8)

Ele [o filho]..., tá estudando no quartel, uma vez por semana na banda militar, ele fala desde de criança que ele quer ser policial. Ele ta na banda ele vai ser músico. (E1)

Um tem 44 anos. O outro tem 29 e o outro 25. Esse de 25 tá na faculdade, ta na Univila fazendo pedagogia. Foi muito difícil colocar ele na faculdade. Mas esse era o sonho dele. Aí meu marido era assalariado né, e ele não podia trabalhar porque não dava trabalhar por causa do tempo e é lá em Vila Velha a Univila. Mas aí eu botei peito e ele dizia eu não vou não. Ganhou bolsa de estudo né, eu disse vai, Deus te deu essa oportunidade... não é todo dia que se tem essa oportunidade de estudar aí eu disse vai. (E2)

Tenho duas filhas. Uma faz pra me ajudar mas a outra nem quis aprender, quer estudar. (E7)

Meus filhos, minha menina mais velha e meu garoto que é mais novo, nenhum vai vim fazer panela. Eu acho que tem que estudar e se formar em alguma coisa porque aqui é muito sacrifício mas eles também não querem nem vim ajudar... (E4)

Constatamos com isso que o discurso que existe e é recorrente realmente faz parte de uma construção. Segundo as tradições das paneleiras a atividade de modelar é para mulheres, basicamente, e a perpetuação se faz passando o aprendizado de geração em geração. Na verdade, como já dito, com o desencaixe do local de produção das casas para o galpão, a família passa a não participar completamente do processo. Então, essa passagem de aprendizado já fica deficitária com relação a períodos, não mais tradicionais, mas, sim menos imbuídos de elementos da lógica moderna. Percebemos também que segundo as tradições os filhos acabavam entrando em contato com a atividade cedo e esta ia sendo perpetuada até que uma nova geração passasse a envolver-se com a atividade e assim sucessivamente. De acordo com as entrevistas realizadas, poucas são as paneleiras que desejam passar os conhecimentos para os filhos e o orgulho de ser paneleira é para cada uma delas que já está ali.

Mais um desencaixe que pode ser destacado, dentro da lógica de Giddens é o fato de que no tradicionalismo, a produção da panela de barro é orientada para o consumo próprio. Não existem relatos científicos que comprovam tal informação, porém, segundo a crença das próprias paneleiras, a atividade teve início porque numa brincadeira de criança uma bola daquela argila caiu em uma fogueira e enrijeceu de modo que era possível produzir utensílios domésticos que pudessem auxiliar para a sobrevivência do dia a dia. O fato é que na modernidade, a produção é orientada para o consumo. A lógica é produzir e obter como resultado a possibilidade de possuir um outro bem, um outro artefato. Algumas entrevistas comprovam o que estamos dizendo:

Lá em casa a gente gosta de comer do bom e do melhor, minhas meninas gosta de jóias, sabe, um anel bonito e tem que ajudar em casa porque só o dinheiro do marido não dá. Eu também não gosto de pedir nada a ele, então, faço panela e ganho o meu.
(E7)

Ih!! Essa menina, tem dia que a gente ta queimando e o cliente ta aí esperando e já leva a fogueira inteira. (E3)

Eu voltei a fazer as panelas, essa panela de barro por necessidade, meu marido aposentou por invalidez e eu tive que ajudar, com duas criança pequena e casa sozinho ele não dava conta, tive que fazer de novo panelas de barro. (E2)

Ou seja, existe um desencaixe entre a proposta da sociedade tradicional e a da sociedade moderna. A produção orientada para a subsistência não mais existe e agora a lógica é capitalista, ou seja, é necessário obter meios para aumentar o poder de aquisição de cada um. O desencaixe aqui está entre a tradição que não mais existe e a lógica moderna que predomina na entidade hoje.

Nesse contexto é necessário compreender até que ponto a identificação do desencaixe na entidade nos leva a produzir resultados satisfatórios acerca daquilo que estamos nos propondo. O desencaixe representa segundo Giddens uma das dinâmicas da modernidade de maneira tal que compreender e identificar a existência deste na entidade que busca a tradição como pano de fundo para a construção de um discurso, significa possuir subsídios para confirmar que falamos realmente de um discurso que é construído, que é reproduzido e que busca, entre outros benefícios, a re-significação para uma atividade imbuída de caracteres que conferem a ela a legitimidade de uma atividade moderna.

O desencaixe no discurso, está na possibilidade de perpetuar uma tradição que não mais vigora. O discurso representa, na verdade, o desencaixe entre o passado e o presente. É o que confere legitimidade a uma tradição reinventada e que a mantém viva e cada vez mais orientada para o crescimento uma vez que podemos falar em lógica mercadológica, aumento do volume de produção, dentre outros aspectos citados na tabela acima.

III

As separações tempo e espaço: modernidade x tradição

Outra dinâmica que explica a existência da modernidade segundo Giddens, é a separação tempo e espaço. Segundo o autor, esta é a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais.

Como dito anteriormente, nas culturas tradicionais a tradição representa o modo de associar a ação com a organização do tempo e espaço da comunidade.

Partiremos, então, para a identificação de elementos e práticas dentro da entidade em questão que evidenciem estas separações tempo e espaço, que ditam o dinamismo da modernidade.

Dos elementos identificados nas coletas, o que melhor evidencia a existência desta separação entre tempo e espaço está no processo de comercialização da panela de barro.

Em sociedades tradicionais, as fronteiras estão definidas e o tempo é mediado pelo local, ou seja, a panela de barro de Goiabeiras existia no âmbito de Goiabeiras, como dito por Mingo Jr (2000). figurando como a atividade tradicional de maior importância para o bairro. Com a chegada das novas tecnologias e com a fluidez de fronteiras, esse artefato deixou de ser representativo somente para aquele local passando a integrar novos cenários.

Um exemplo da separação tempo e espaço, existente com clareza na realidade das paneleiras, principalmente após a existência da Associação está no processo de comercialização do artefato.

Hoje, é possível adquirir painéis de barro por meio de uma compra realizada pelo telefone. As painéis estão em lojas, feiras, exposições também nos meios de comunicação. Alguns depoimentos confirmam nossas informações:

Eu tenho cliente em São Paulo que é bom comprador. Ele sempre liga e pede logo um montão de painéis pra eu mandar pra ele. [...] Eu dou o número da conta e ele deposita o dinheiro. Ele sempre paga direitinho, tudo certinho, com ele é sempre certo. (E8)

Sabe essa menina, hoje ta tudo fácil porque o barro vem na porta, a tinta também e a gente tem até cliente no estrangeiro?!?! [...] Eu revendo as painéis e aquela moça ali

[referindo-se a uma senhora ocupada em embalar panelas] repassa pra fora. É bom, melhor do que no tempo da canoa. (E3)

Eu fiz muita panela no tempo da canoa, que a gente tinha que levar no Centro que só vendia lá. [...] era até bom mas eu prefiro hoje que o cliente liga ou vem aqui buscar quantas panelas ele quiser. (E1)

Outro aspecto da separação entre o tempo e o espaço que encontramos na Associação Panelleiras de Goiabeiras está relacionada ao processo de obtenção das matérias primas para a fabricação do artefato.

O barro é ainda retirado da mesma jazida, é ainda transformado em bolas como era no passado, contudo a configuração de sua retirada é outra. O barro que era transportado em canoas ou por meio de força física até as casas das panelleiras, agora chega de carro até o galpão, em quantidade, onde é comercializado. Dessa maneira a produção ganha um certo dinamismo uma vez que nenhum artesão precisa deslocar-se para a obtenção de matéria-prima, trabalho esse pesado e desgastante.

A madeira para a queima também é outro ponto interessante de ser analisado. De acordo com relatos apresentados no capítulo deste trabalho que trata da descrição do objeto, antes da Associação a madeira era conjuntamente retirada nos entorno do bairro, nas matas e é claro, era aproveitada da construção civil. A maior parte dela vinha do Bairro Jardim Camburi. Com a Associação, a madeira passou a ser cedida por uma indústria de Vitória e transportada por esta mesma indústria até o local da queima das panelas de barro, ou seja, o galpão das panelleiras. Assim, uma das matérias primas básicas no processo de confecção que é a madeira, agora chega no local de trabalho a custo zero para as artesãs do galpão.

É, além do galpão, depois que criou a Associação, a diretoria conseguiu com a Prefeitura para a Vale doar madeira da construção civil pra gente. A Vale entrega aqui pra duas vezes por semana. (E4)

Graças a Deus que a Vale dá essa madeira porque minha filha, se não fosse assim, não sei como a gente ia queimar as panelas. O barro ta difícil, imagina a madeira.
(E10)

É fato notar que estas características, presentes na entidade, de certa maneira, contribuem para o desenvolvimento desta. Estamos falando de dois pontos distintos que é o deslocamento do cliente para o galpão e do produto para as prateleiras das lojas e da chegada da matéria prima no local de fabricação do artefato. Mas, em que medidas as análises de separação entre o tempo e o espaço, como um dinamismo da modernidade proposto por Giddens nos ajudariam na compreensão da sobrevivência de um discurso pautado na tradição recorrente na Associação Paineiras de Goiabeiras.

A separação tempo e espaço, além de presente na questão da mudança na lógica de distribuição do objeto, e obtenção de matéria-prima influencia diretamente na lógica mercadológica da Associação Paineiras de Goiabeiras. Ou seja, temos mais um elemento da modernidade presente e edificado em uma realidade imbuída da tradição, e além disso contribuindo para a mudança no dinamismo do funcionamento desta, uma vez que re-configura a entidade, o modo de trabalho, e o cotidiano das pessoas envolvidas com a atividade de produzir panelas de barro.

III

A lógica mercadológica moderna e a questão dos estilos de vida

Quando partimos para uma análise voltada para as questões mercadológicas somos tomados de grande surpresa. Aqui sim o discurso vigente passa a ter um sentido inestimável e sua sobrevivência, ou melhor, os fatores por trás de sua sobrevivência se fazem presentes.

É nesse ponto que realmente notamos o tradicionalismo sendo deixado de lado dando lugar aos elementos modernos segundo a visão de Giddens.

Se falarmos de aspectos modernos e tradicionais, podemos perceber que ambos estão presentes na entidade, tanto aqueles elementos mais tradicionais como a matéria-prima para a fabricação do artefato quanto elementos mais modernos como a lógica do meio eletrônico de comercialização da panela de barro.

O que nos desperta para a discussão, contudo, não são os elementos presentes e sim suas relações presentes, principalmente, na existência de um discurso. Se retomarmos a questão dos estilos de vida como proposta por Giddens, podemos perceber que esse autor nos remete, a todos, a uma realidade globalizada, onde existe uma tendência, uma facilidade de acesso a bens, serviços, produtos e atividades jamais sonhadas em épocas onde as fronteiras eram claramente definidas e a fluidez da informação imperceptível. É claro que precisamos compreender um pouco da realidade que estamos retratando. Giddens escreve para uma sociedade inglesa, e decerto não podemos tomar determinadas questões, por exemplo, o acesso irrestrito à internet e simplesmente transpor essa realidade às associadas da Associação Paneleiras de Goiabeiras. Porém, o próprio autor defende que a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização. Na verdade, essa afirmação torna-se nossa bengala de sustentação quando tomada como certa e verdadeira. Como dito anteriormente, a escolha do estilo de vida nesse trabalho refere-se a construção da auto-identidade e no estabelecimento de atividades diárias, partindo de um universo de opções concedido a cada um, com condições e características próprias do ambiente e condições em que está inserido cada indivíduo. É isso. É desse ponto que partiremos rumo a uma sólida análise do discurso vigente na entidade em questão e sua sobrevivência na lógica mercadológica moderna.

Nosso primeiro passo será compreender a percepção que os entrevistados tem da Associação Paneleiras de Goiabeiras para depois sim partirmos para uma análise concreta sobre a questão dos estilos de vida e a compreensão do discurso existente na entidade e sua sobrevivência.

A visão que as entrevistadas apresentaram sobre entidade Associação Paneleiras de Goiabeiras está ligada à existência de uma diretoria. O que parece é que a

Associação só passou a existir de fato para as pessoas quando houve uma eleição para a diretoria em 1987. Essa disputa é até hoje o que motiva algumas pessoas a permanecerem associadas à entidade. A importância que tem a Associação para as Paneleiras não é claramente percebida nas falas. Algumas das entrevistadas demonstram a satisfação em fazer parte da organização que viabilizou a efervescência da panela de barro outras não possuem a percepção da importância da entidade, mas sim do espaço físico para a confecção da panela de barro. Quando indagadas sobre qual foi o atrativo para participar da associação, a maioria respondeu que era a falta de espaço para confeccionar as panelas de barro em casa.

Sobre as dificuldades enfrentadas por elas no início da Associação e também nos dias atuais o que pôde ser percebido está ligado ao universo individual, ou seja, os obstáculos apresentados não se referem ao grupo como um todo, mas sim às dificuldades enfrentadas no processo por cada uma das entrevistadas.

A maior dificuldade foi a falta de lenha. Agora é o espaço. É porque é igual eu falei pra você. Vai aumentando a produção e não tem mais espaço. (E9)

No começo é tudo difícil, faltava dinheiro pro barro, lenha e agora pelo menos a lenha nós temos e hoje a maior dificuldade é vendas. A gente antigamente tava queimando panelas lá fora e já tinha comprador esperando. Final de semana o comprador levava a fogueira inteira. As vezes um só. (E8)

Ah!! A queima de panelas é muito difícil, aquele calor da fogueira faz a gente ficar fraca. (E10)

A dificuldade você ta vendo. O galpão aqui não vai nem pra frente nem pra trás, ta faltando muita coisa aqui ainda. Nós temos promessas que ficam no papel. Eles vem aqui falam que vão fazer e fica no papel né!?!? (E3)

Contudo, quando indagadas sobre os benefícios em fazer parte da entidade, as respostas foram mais conclusivas e relacionadas ao espaço de trabalho, ou melhor, ao local de trabalho:

A única coisa é o galpão. (E3)

Oh, pra falar a verdade nenhum. Se eu quero fazer panelas eu compro meu barro, se eu quero açoiar eu compro minha tinta, se eu quero alguém que tira da fogueira tem que pagar. A gente paga tudo. (E2)

Ah, não tem benefício não. (E8)

Benefício não tem não. (E4)

O que de fato pode ser percebido é que os benefícios esperados são da ordem material o que mais uma vez parece confirmar a não existência de uma conscientização acerca da importância da Associação Panelleiras de Goiabeiras para as próprias panelleiras. Parece que apenas o tangível é significativo para essas pessoas. O que eu se passa no plano do simbólico não possui um reconhecimento consciente. As queixas de falta de apoio a viagens (com transporte e hospedagem, por exemplo), a reforma do galpão que existe apenas como projeto, a inexistência de sinalização indicando o galpão em Goiabeiras são algumas das questões presentes nos discursos de muitas panelleiras. Poucas percebem a entidade com a institucionalização do trabalho e o reconhecimento do ofício como uma atividade. Mais uma vez confirmamos que o discurso recorrente, o discurso da tradição, é resultado de uma construção simbólica, possivelmente com o objetivo de fortalecer a panela de barro como ícone da cultura capixaba e permitir a construção de significados para um objeto utilitário e artesanal.

Com relação a visão do futuro da entidade, esta apresenta-se também de maneira pessimista por algumas panelleiras. Outras possuem uma visão mais otimista mas é válido ressaltar que é uma visão ligada a existência do galpão das panelleiras, ou seja, o espaço físico.

Do jeito que ta indo? Eu vejo a APG³² caindo em decadência, essa cultura que a gente tem né. A gente é muito rico culturalmente. (E9)

Olha isso eu não vou te responder não porque posso falar de uma coisa que vai acontecer, mas eu vou falar. Se não tiver união não vai acontecer nada. Quem lutou, lutou. (E6)

³² Sigla de Associação Panelleiras de Goiabeiras

Não to aqui daqui há 10 anos não, pra ver, vcs é que tão. Daqui há 10 anos eu não vou mais fazer parte desse planeta não. Quem ficar verá... (E8)

Eu vejo assim, galpão novo, tem projeto pra reformar o galpão. Aumentar o espaço, as pessoas que tão em casa aqui tudo junto, tem muita gente precisando de espaço e aqui não tem, então eu vejo assim, uma outra cara, galpão novo, bonito, pegando todas as paneleiras que tão lá porque elas se queixam, elas se queixam, entendeu? Porque a gente ta aqui e o turismo é aqui mesmo né?!? Então, quer dizer, eu vejo assim. (E3)

Ah!!! Acho que só vai melhorar né?!?! Vai ter a reforma do galpão, vai aumentar o espaço pra trabalhar e eu acho que vai ter muito mais encomenda. Tomara. É assim que vejo. (E1)

O que podemos afirmar com relação à visão de futuro é que a preocupação da maior parte das entrevistadas é com a melhoria das condições da produção do artefato e com a ampliação do espaço. Não existe uma fala recorrente sobre a manutenção das tradições, tampouco sobre a matéria-prima utilizada. Existe sim uma inquietação com o pouco auxílio que recebem, com as condições precárias onde produzem, com doenças que podem derivar e em alguns momentos ouvimos algumas dizerem que tem medo de LER (Lesão Esforço Repetitivo), aspectos e preocupações da sociedade contemporânea. Existe a preocupação com a ampliação do galpão em contraste com a produção que era executada nos quintais de casa; a preocupação com o aumento das vendas em contraste com a ausência dos substitutos na fabricação uma vez que os descendentes diretos, aqueles que por direito deveriam herdar o ofício e perpetuar a tradição buscam no mundo moderno alternativas de vida diferenciadas; a preocupação com doenças em contraste com o sentimento de orgulho de ser paneleira.

Estamos falando de uma organização onde os princípios gerenciais percebidos são todos voltados para uma tendência mercadológica moderna: existe uma preocupação com o desenvolvimento e manutenção da atividade; existe uma preocupação com melhoria das condições de trabalho, com direitos de trabalhadores, com aposentadoria, com infra-estrutura adequada, com a venda e obtenção de lucros, existem empregos indiretos na entidade e principalmente falamos de uma realidade organizacional onde a concorrência, tanto entre cada

artêsão como o mercado de painelas de barro externo àquela realidade torna-se um fantasma que persegue e, sobretudo, define direcionamentos.

Vivemos todo o tempo em contato com novas imagens, apelos consumistas, inovações tecnológicas, novas invenções, uma diversidade de opções de produtos, além de um acesso facilitado pelos meios eletrônicos e pela circulação intensa da informação. Essa é também a realidade daquelas pessoas envolvidas com a atividade de produção da painela de barro.

Se pensarmos o movimento de crescimento da painela de barro, tomando como marco inicial a constituição da Associação, perceberemos, um movimento de crescimento e uma quantidade cada vez maior de paineleiras³³ envolvendo com a atividade e considerando-a como geradora de renda.

As entrevistas nos mostram uma realidade interessante, como um movimento de fora para dentro da entidade. Antes da entidade, ou seja, do trabalho institucionalizado e reconhecido, as “paineleiras” trabalhavam em empregos fora daquela realidade, ou estavam afastadas em função dos cuidados com a família. O retorno está atrelado a alguns fatores: o desemprego é um deles, as dificuldades em manter-se assalariados outro e por fim, e o que mais nos interessa, a lucratividade que passou inspirar a painela de barro.

Eu trabalhei de carteira assinada aí eu um dia saí andando, [...] Eu fui, aí eu sentei, sabe quando você tá numa vida assim achando que nada dá certo, e painela, que não vendia, só confusão, aí eu larguei tudo. [...] Tinha saído do meu emprego fixo já. Faliu a empresa. [...] Tinha oito meses que já era nomeada para esse cargo aí de gerente, depois de dez anos de firma! [...] Tem uns seis anos que vim pra cá. (E1)

Aí eu fui estudar e parei de fazer aí depois comecei a trabalhar fora e foi na época que fui pro Rio. Comecei trabalhar e conheci meu marido. Aí quando ele se aposentou nós fomos pra Vitória aí eu comecei a fazer painela e aí eu comecei gostar, mas aí já fiz por necessidade. To aqui desde quase que começou a Associação. (E2)

³³ Apesar de não possuímos dados concretos, ou melhor, quantitativos sobre o exato crescimento das artesãs do barro nos últimos 20 anos, esse dado é constantemente confirmado pelas próprias paineleiras.

Eu trabalhei fora, mas isso foi antes de ter filhos. Aí quando vim pra cá, com criança pequena achei legal o serviço deles e aprendi por curiosidade. Hoje eu continuo a fazer por necessidade, pra ajudar em casa. Na verdade eu não sabia que existia barro, nem panela, mas eu cheguei aqui, comecei na curiosidade de mexer, aí a gente viu que podia render um dinheiro e aí fiquei. Hoje pelo dinheiro servir pra eu ajudar manter a casa né porque apesar de o marido trabalhar ta tudo caro aí eu ajudo em casa e compro roupa pros filhos e também depois de muitos anos aprendi a ser independente. Não gosto de pedir nada a ele. (E5)

Ah, eu trabalhei como balconista, eu trabalhei em padaria e trabalhei em loteria na época que perfurava o cartão. (E4)

O retorno a entidade e maior valorização parece ter um marco de existência que é o fato de que a panela de barro após a organização da instituição, ter sido lançado de um artefato fabricado em fundos de quintais a um objeto de valor agregado e de comercialização fácil e garantida. Algumas falas demonstram esta percepção.

Ai...acho assim que só Deus, como eu to te falando eu não vou dizer igual essas paneleiras aí. Nasci vendo a minha mãe fazendo panela, eu não vou dizer isso que não é verdade, meu destino é para ser paneleira, to sendo conhecida agora. É como você sabe, é de geração em geração né. (E8)

[...] Hoje eu tenho orgulho, vou, viajo, participo de feiras. Fiquei na diretoria 14 anos agora fiquei sendo a vice. Tudo que eu faço eu vendo. Quando alguém pede eu faço. Agora mesmo minha parte ta vazia. (E2)

O auge aí das panelas ta fazendo todo mundo, até quem nunca foi, querer ser paneleira. É a divulgação né. Isso aqui virou um lugar para as pessoas ganharem. Só não ganha aqui quem não quer. (E4)

[...] O que atraiu eu não sei. Acho que o desemprego. [...] Não sei. Acho que foi quando começou a ser mais divulgado o galpão, aí as pessoas queriam vir pra cá. [...] Aqui é bem melhor porque a gente tem mais reconhecimento. A vantagem é ficar aqui. Se eu trabalhasse em casa... Aqui é mais divulgado, você tem mais contato com o cliente. Divulga mais o trabalho da gente. (E6)

O que pode ser notado, é que a existência da formalidade da instituição e a valorização tanto do artefato quanto da profissão paneleira é o que garante a

continuidade da atividade. O que parece é que as paneleiras passaram a valorizar de fato a arte de fazer panelas de barro intrinsecamente à auto-valorização.

Assim, uma possível conclusão que pode ser atribuída à existência da entidade é que ela garante a perpetuação da produção da panela de barro no Espírito Santo, devido, principalmente, à projeção lucrativa que teve a panela após a institucionalização do processo.

Com a criação da entidade e a preocupação crescente da governabilidade, a panela de barro ganhou projeção o que fez com que muitas paneleiras retomassem o ofício de produzir panela de barro ou até mesmo iniciassem a atividade sendo esta lucrativa, representando essa o “grito de liberdade” e a independência financeira.

Quando eu era pequena eu não gostava de fazer as panelinhas não.[...] Eu fazia porque achava bonito mas quando a mãe mandava alisar para fazer o acabamento eu não gostava não eu quebrava pra poder não fazer. [...] Quando eu voltei eu aprendi fazer por necessidade. Porque meu marido teve acidente e voltamos do Rio pra cá... ele se aposentou. Aí eu tinha dois filhos pequenos e não podia trabalhar fora. Aí eu peguei o barro e fui fazendo. Aí minha cunhada foi acabando as panelas... aí depois eu peguei prática e até hoje to fazendo. Faço qualquer tipo de panela. (E2)

Eu não gostava não de fazer Eu achava assim, uai, eu to aqui mas eu vou trabalhar fora, mas aí eu fui ficando, aí eu voltei de novo mas agora eu to aqui...A gente pega gostinho, a gente não larga mais não. [...] Na época era tudo muito difícil. Vendo a minha mãe, aí a gente tem sempre uma pessoa ajudando, e minha mãe sempre reclamando que estava sozinha [...] Hoje eu não aceito ninguém reclamar que não vende nenhuma panela como tem aqui, não vende caminhão baú cheio por dia, mas um pouquinho cada um...(E1)

Eu comecei a fazer panelas por necessidade mesmo. Cheguei aqui com meu marido e precisava trabalhar e fui pegando o barro, pegando até aprender mas foi por necessidade. Eu vim para o galpão por causa da necessidade, por causa de dinheiro. (E5)

Porem quando indagadas sobre as vendas e a lucratividade hoje e a possibilidade de deixar o galpão e a Associação as respostas foram em parte positivas. Buscamos levantar as vantagens em participar da Associação Paneleiras de Goiabeiras e as respostas dadas acerca das vantagens foram pautadas nas necessidades e

dificuldades individuais. Essa confirmação pode ser percebida nos fragmentos a seguir:

Oh! Muita coisa ta difícil. As vezes a gente nem gosta de comentar as coisas que passam aqui no galpão. Sabe que a gente é cobrada. Nossos barracos estão caindo. Eu não fico no meu barraco porque tenho medo de cair, mas aqui vende bem as panelas porque o turismo é aqui. (E8)

A vantagem é só na receita. Na receita e na sacola que a gente ganha. (E5)

A vantagem é ficar aqui. Se eu trabalhasse em casa... Aqui é mais divulgado, você tem mais contato com o cliente. Divulga mais o trabalho da gente. (E7)

Ah, as vantagens é que a gente ta sempre viajando pra feiras e congressos fora daqui. Não vai todo mundo mais a gente vende bem quando viaja. (E10)

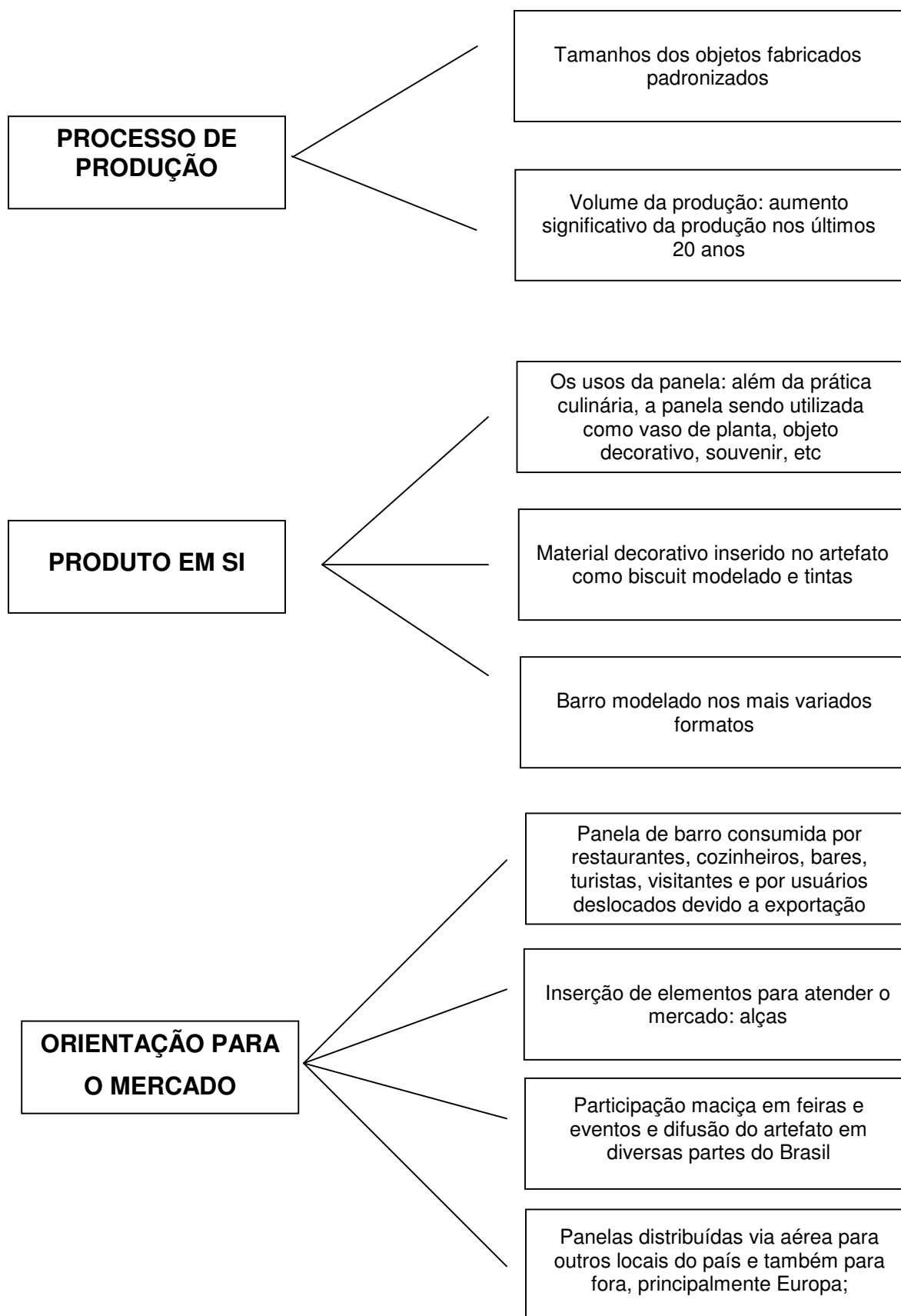
A única coisa que tem a favor é participar de uma feira, ser conhecido internacionalmente. (E2)

A divulgação, que hoje nós temos, antigamente tinha feira, mas nós temos hoje, hoje tem muitos eventos já ajuda, divulgação. Hoje os compradores entram aqui, igual lá no shopping [...] antigamente não tinha isso não.(E1)

A partir de então, com o aumento da produtividade e também das vendas e dos lucros, passou a existir também por parte de agentes do governo, uma preocupação com a atividade e seu desenvolvimento. Assim, percebemos que há claramente uma projeção do artefato no mercado. O crescimento do turismo, ou melhor, a difusão da arte de fazer panelas de barro acabou por impulsionar a entrada destas paneleiras no mercado.

Retomaremos então, nossos aspectos identificados na instituição durante o processo de observação conforme explicitados na tabela proposta no início deste capítulo. Traremos para as discussões os aspectos inerentes ao processo de produção, ao produto em si e às orientações para o mercado que assumiu a panela de barro, tomando a existência da Associação Paneleiras de Goiabeiras.

Consideraremos os seguintes aspectos da modernidade de acordo com os três elementos definidos anteriormente:



A partir destas características e também tomando as entrevistas pretendemos compreender as lógicas modernas presentes e também os fatores por trás da sobrevivência do discurso na entidade.

Vamos então analisar por elemento com suas respectivas características.

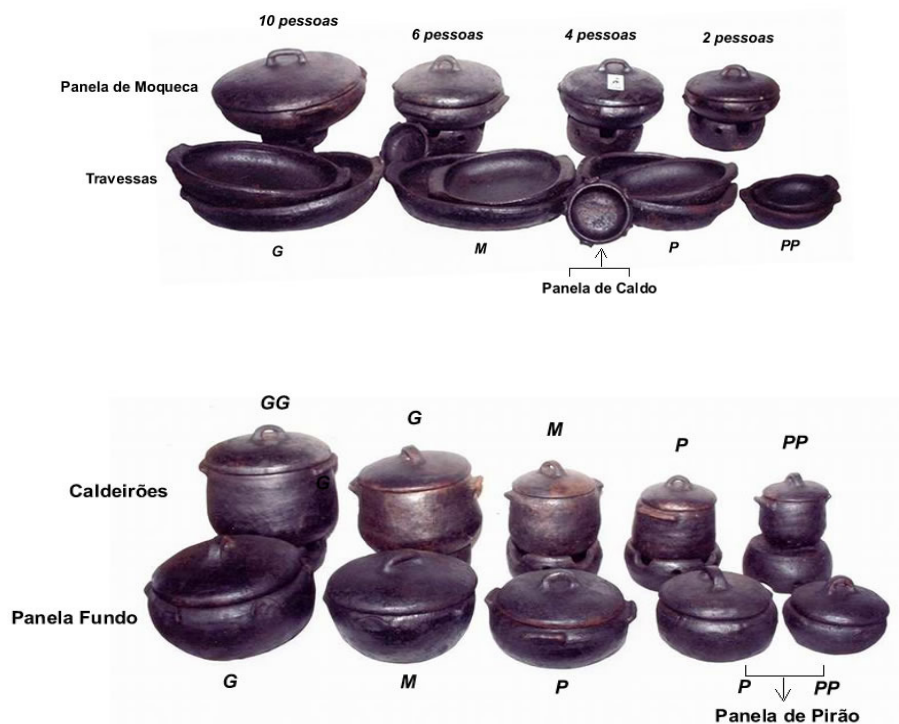
Processo de Produção

Antes do início das nossas análises é preciso deixar claro que não criamos aqui categorias e sim aspectos presentes na entidade, passíveis de serem analisados.

Com relação ao processo de produção da panela de barro, pudemos observar que alguns aspectos presentes no processo ainda pertencem ao tradicionalismo, contudo, a lógica moderna está por toda a parte. Mas, o que podemos dizer acerca dos aspectos descritos acima?

Focando nossa análise nas questões do aumento do volume de produção e também na padronização dos tamanhos dos objetos, podemos já começar a compreender que o panorama atual das panelas de Goiabeiras difere do panorama tradicional.

Hoje é possível no galpão das panelas identificar os produtos comercializados, ou seja, as panelas de barro, pela quantidade de pessoas que servem e que alimento deve ser cozido nelas. Hoje, um turista ou visitante do galpão pode adquirir panelas para peixe (moqueca), arroz, pirão, tabuleiros específicos para as tortas capixabas, caldeirões para feijoada, panelas para caldos e uma infinidade de outras especificidades que assumiu a panela de barro. Não obstante ao tipo de alimento a ser cozido, a quantidade de pessoas que cada panela serve também é senso comum: as panelas podem ser adquiridas para servir, duas, três, cinco, sete, pessoas ou se houver necessidade e encomenda, um número específico de pessoas, fornecido pelo consumidor.



É possível também perceber que o volume de produção aumentou significativamente nos últimos 20 anos, em detrimento da existência da Associação Paneleiras de Goiabeiras. Anteriormente dissemos que muitas pessoas passaram a produzir panelas de barro depois da institucionalização do processo e essa pode ser a causa do aumento na produção. Entretanto, não é nossa preocupação compreender as causas do aumento do volume na fabricação de panelas de barro. Nosso foco é na compreensão desse aumento e da distribuição desse bem cultural, afinal, algumas pessoas dizem que vendem pouco, porém, todas concordam que produzir e comercializar panelas de barro representa parte da renda familiar.

Hoje eu não aceito ninguém reclamar que não vende nenhuma panela como tem aqui, não vende caminhão baú cheio por dia, mas um pouquinho cada um... (E1)

Eu gastei muita saliva até consegui meus freguês mas hoje, minha irmã teve que vim pra trabalhar comigo e ainda tem essa menina que ajuda a lisa senão não dá conta de produzir. (E4)

Olha, comecei a fazer panelas por necessidade mais hoje é mau ou bem meio de sobrevivência porque vendo tudo, as vezes não sobra nada. (E9)

Tudo que eu faço eu vendo. Quando alguém pede eu faço. Agora mesmo minha parte ta vazia. Agora to fazendo umas porque vou lá pra aquela feira e to sem panela lá. (E3)

Assim, concluímos que o aumento significativo na produção, em função da lógica mercadológica moderna, faz com que as pessoas se envolvam mais na atividade e acabem por torna-la seu meio de sobrevivência definitivamente. Na verdade se compararmos as percepções das próprias paneleiras contrastando a infância e a fase atual, todas as que vivenciaram esses momentos, antes e depois da criação da Associação, dizem que hoje, que esse período que vivenciam agora, é mais produtivo e rentável em relação ao anterior.

Na época que comecei a fazer panelas era tudo muito difícil. [...]. Hoje eu acho mais fácil, a divulgação, hoje nós temos. (E7)

A família foi se desenvolvendo e não tava dando mais pra fazer em casa aí a gente veio pra cá que aqui foi bem melhor porque expandiu. (E10)

Depois que foi criada a Associação ficou melhor porque as panelas foram mais divulgadas, [...] sempre tinha reportes, a Prefeitura e jornal divulgando a gente. (E4)

Não dava antigamente porque trabalhava muita gente num espaço pequeno e não dava. Na época de chuva mesmo a gente fazia panela pra jogar fora porque não tinha onde guardar como tem aqui e também não vendia tanto. Hoje é mais divulgado... hoje é melhor.. [...] Depois da divulgação multiplicou a venda. (E9)

Produto em si

O que podemos dizer sobre o produto em si é que ele assume a mesma linha do processo de produção. Temos algumas características envolvidas com o produto em si conforme descritas acima. Vamos tratar cada uma delas.

A primeira que citamos, os usos da panela diz respeito à maneira como evoluiu a panela de barro e as alternativas criadas para novas formas de utilização, ou seja, os novos significados que assumiu o artefato. Hoje em Vitória a panela de barro

tornou-se um importante souvenir, por exemplo. Tanto para quem vem ao Estado como para o capixaba que vai para outros lugares, oferecer uma panela de barro feita pelas paneleiras de Goiabeiras tornou-se uma prática recorrente. Um outro uso além da culinária, geralmente associada à panela de barro é em bares e restaurantes como porta guardanapos, cinzeiros, lixeiras, entre outros. Aqui podemos associar também a outra característica proposta que é o barro modelado em diferentes formatos. É comum no galpão das paneleiras encontrarmos objetos modelados no barro tais como cofres e imagens. Outros moldes também são utilizados como travessas em formato de peixe, tabuleiros com diferentes formatos próprios para a torta capixaba, mini siris onde é servido o prato chamado “casquinha de siri”, comum em regiões litorâneas.



Mais uma característica relacionada ao produto, intrínseca a modernidade são as decorações encontradas na panela de barro hoje. Figuras de mariscos e moldes de temperos são comumente modelados em outro material (biscuit, por exemplo) e

inserido na panela de modo a agregar valor para o mercado. Uma das paneleiras entrevistadas deu o seguinte depoimento:

Eu faço a panela e a moça que vende pra França compra de mim. Mas ela coloca os mariscos em cima porque ela falou que lá eles gostam assim, com decoração. (E4)

Porém, essa já é uma prática recorrente na Associação. Para darmos alguns exemplos:

Eu faço as pimentinha, as flozinha mas as vezes nem tem tempo de fazer que é muito procurado a molheirinha, assim, com a pimentinha. Agora comprei a massa pra fazer, mas só depois que acabar com essa encomenda. [...] Ih!! Sai muito. Eu trago uma panela cheia pra cá, final de semana não tem mais nenhuma. [...] Esse aqui eu faço no próprio barro. Essa aqui, ta vendo, que eu to fazendo agora. Mas, pecinha miúda eu faço biscoí e enfeito. (E2).

Eu queria fazer uma faculdade de arte. Essa decoração aprendi num curso que fiz mas queria aperfeiçoar porque os clientes gostam de panelas com decoração. (E9)

Assim, os usos, os formatos, as novas associações e criações relativas aos usos que se faz da panela de barro e do próprio barro enquanto matéria-prima, podem ser considerados como alternativas de produção orientadas para o mercado o que mais uma vez nos remete a uma lógica mercadológica por trás da sobrevivência do discurso.



Orientações para o mercado

Por fim, o último elemento a ser analisado são as orientações para o mercado que ganhou a produção da panela de barro em função da lógica mercadológica moderna.

O primeiro aspecto que vamos levantar é a colocação das alças na panela de barro. As alças são raramente encontradas em artesanatos indígenas tradicionais (PEROTA, DOXSEY E BELING NETO, 1997). Contudo, hoje ela é um elemento constitutivo da panela de barro sendo sua colocação no artefato, uma parte do processo. Segundo os autores, as alças passam a integrar o objeto para atender a uma lógica de mercado, ou seja, primeiro elas vieram com o intuito de facilitar a utilização em fogões e depois para viabilizar o manejo pelos garçons de bares e restaurantes.

O que podemos dizer acerca deste fato é que para atender a uma lógica mercadológica moderna o artefato sofreu esse processo de hibridação³⁴. O que queremos dizer com isso é que mais uma vez temos a modernidade coexistindo com a tradição, ou melhor, com um discurso voltado para a tradição.

Outros aspectos também presentes nessa orientação para o mercado da panela de barro é sua distribuição. A panela hoje deixou de ser apenas objeto de consumo de restaurantes ou empreendimentos com foco na gastronomia. Esse artefato passou a integrar outros universos tais como turistas, visitantes do galpão, os próprios cidadãos capixabas quando temos, por exemplo, um aumento significativo da demanda por panelas no Estado, por meio da participação destas artesãs em feiras e eventos, e também devido a divulgação que, segundo as paneleiras é realizada pela governabilidade já que foi percebida e reconhecida a intensificação do turismo no galpão das paneleiras.

³⁴ Podemos chamar assim pois, segundo Pacheco (1975) as alças são características inerentes da cultura afro.

O que podemos concluir então, é que existe uma necessidade do mercado que acaba por impor algumas regras e estabelece novas demandas. Não podemos afirmar que o processo de fabricação sofreu quaisquer alterações ao longo dos quatrocentos anos de existência desta tradição, mas, concluímos que novos elementos são inseridos nesse produto da tradicionalidade em função de suprir as demandas e necessidades da modernidade.

Mas, levando em consideração todos esses aspectos, como pensar a questão dos estilos de vida nessa realidade? Tratamos do discurso, da lógica mercadológica como um dos pilares de sustentação desse discurso mas, precisamos compreender na lógica de Giddens, a questão da escolha do estilo de vida em todo esse processo.

As experiências do cotidiano na modernidade globalizada vinculam-se às questões fundamentais relativas à múltiplas mudanças e adaptações na vida cotidiana. Na Associação Paneleiras de Goiabeiras não é diferente e em tais circunstâncias, os indivíduos sentem-se inseguros, apegando-se às tradições, fazendo delas seu meio de compreender, viver e adaptar-se a vida.

Partindo do ponto de vista proposto, podemos dizer que muitas vezes, formas de propagação da produção simbólica pelo mercado, confrontam-se com a individualidade de forma muito dinâmica. As escolhas diárias estão sujeitas a elementos sócio-culturais, políticos e principalmente econômicos. Vivemos o princípio de sociedade moderna onde a multiplicidade de opções nos leva à possibilidade de escolhas e mudanças.

Dessa maneira, tomando a preocupação com a formatação de uma auto-identidade e partindo do princípio da acumulação de riqueza inerente ao capitalismo, podemos confirmar que, uma vez que a panela de barro é projetada ao mercado, com valor agregado e torna-se objeto de consumo gerando renda, seus fabricantes passam, salvaguardando as limitações, a ser donos de um poder de escolha, de um direito de mudança de estilo de vida.

Assim, a panela de barro de Goiabeiras, se tomada como exemplo, não perdeu seus elementos constitutivos, mas acabou elaborando-os de uma forma muito próxima aos desejos da nova realidade social, e de outras instâncias da sociedade como o mercado e o consumidor final.

O que podemos dizer a esse respeito é confirmado pelas falas das próprias paneleiras. Historicamente, a panela de barro sempre representou uma fonte de renda para muitas famílias, com a função principal de complementação de renda. O panorama que percebemos hoje é diferente. Existem desejos e anseios em torno da produção da panela de barro. Existem sonhos e realizações como podemos perceber.

Ah! Daqui uns 5 ou q0 anos eu quero ta com uma loja já montada, uma loja de panela de barro [...] já tem até um nome: quatro séculos. [...] Mas não sei onde vai ser ainda não, to pensando ainda. (E7)

Daqui há dez anos, com fé em Deus, eu vou ta com a minha casa e meu carro. (E1)

Sabe eu tenho tudo hoje, não tenho luxo não, mas tem tudo lá em casa, televisão, vídeo, computador pro meus meninos. So que ainda não tenho tudo que quero e ainda falta um carro e também quero aposentar. Minha mãe ficou ruim esses tempos e tivemo que junta os irmão pra pagar o tratamento porque plano, você sabe, ta muito difícil... Então, ainda tem essas coisas. (E4)

Então, o que podemos dizer sobre isso? As paneleiras de Goiabeiras não simplesmente reproduzem tradições. São atores de uma realidade em constante mutação, estão interligadas ao mundo global e são, de acordo com o que foi proposto, em contato direto com uma multiplicidade de imagens, estilos, opções e produtos. Sonhos, desejos e realizações, estão relacionadas diretamente com a constituição da auto-identidade por meio das tradições, por meio da segurança na reprodução dessas tradições.

IV

Apesar dos sonhos e realizações, dos desejos e anseios daquelas pessoas, as opiniões são sempre muito contrastantes. Quando falam do próprio futuro, as peneleiras são sempre pessimistas. Elas afirmam que o tipo de trabalho realizado é desgastante e pode causar doenças. Outras confirmam que já estão em idade avançada e que não fazem planos para o futuro. Os fragmentos abaixo confirmam essas informações:

Minha vida no futuro não tem sentido porque é nascer, viver e morrer, certo?! Mas enquanto eu puder fazer panela, eu vou fazer, igual a minha mãe. (E8)

A não sei. Acho que vou estar aqui fazendo panelas. Se daqui há 10 anos eu tiver aqui na terra ainda, vou ta aqui. (E6)

No futuro? Velha, continuando na mesma panela, meu futuro é isso aqui mesmo, fazendo panela. (E2)

Com esse trabalho nosso, friagem, quentura, friagem, quentura, a gente vai ficando fraca, então, eu fico com medo de ser uma mulher adoentada. (E7)

Contudo, mesmo com perspectivas negativas com relação ao futuro da entidade ou até mesmo da atividade, sentimentos como orgulho, coragem e conquista foram recorrentes nas investigações.

Questões como importância cultural e tradição, que são levantadas pelas peneleiras mais uma vez sugeriram a ambigüidade existente entre o discurso que é comumente dito e que parece ser construído para tal e a prática de fato, onde os pessimismos podem ser claramente percebidos.

Eu nunca fiz outro artesanato porque minha tradição é panela de barro, como é que eu vou fazer outra coisa. Minha cultura é essa aqui, fazer panela de barro, essa é uma cultura do Estado. (E4)

A gente se orgulha, as pessoas elogiam, gostam de vir aqui e ver fazer. Compram e sabem que não vão se arrepender. Precisamos de uma ajuda pra melhorar. Quando a gente vai lá pra fora é o nome do Espírito Santo (E10)

Fazer panela de barro é minha própria vida (E3)

Panela de barro é cultura e fazer panela de barro é tradição. (E1)

Olha, é muito bom ser paneleira. Quando a gente vai em algum lugar que alguém chega perto e fala, e fala assim, e descobre que ta do lado de uma paneleira eles ficam assim ah!!!!, parece que tam orgulho, fica do lado da gente porque els nunca viram uma paneleira... (E5)

Ser paneleira é um orgulho, fazer parte da cultura de muitos anos. [...] Fazer panela de barro é um orgulho pra mim. [...] panela de barro é tudo. (E2)

É isso, estamos em uma organização onde existem inúmeras confissões de precariedade, pouca rentabilidade, concorrência interna e também concorrência externa da panela de Goiabeiras com a panela do torno, mas um lugar onde imperam as tradições reinventadas e vigora a existência de um discurso construído para sustentar essas tradições e esse modo de vida. Um discurso sustentado por pessoas que reproduzem as tradições, que reproduzem as credences.

Chegamos então as conclusões que buscávamos acerca da existência de um discurso. Podemos dizer que este é o responsável para a orientação para o mercado. A noção da importância da arte de fazer panelas de barro para as próprias paneleiras, a valorização cultural deste saber fazer, as contribuições desta manifestação para a cultura capixaba, todos estes aspectos presentes no discurso das paneleiras são intrínsecos à existência da Associação, à institucionalização, a certificação da arte de produzir panelas de barro. Hoje esta que é uma das manifestações culturais mais importantes do Espírito Santo é registrada e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Natural (IPHAN), ou seja,

reconhecida e institucionalizada como uma expressiva manifestação capixaba. Além disso, o produto que é resultado do saber fazer registrado carrega em si o selo de originalidade e devido a isso ganha o carimbo de produto genuinamente capixaba. Assim, o discurso recorrente é construído pautado em uma lógica mercadológica edificada na modernidade, que simplificadamente resume-se em maximizar lucros e minimizar custos. Mas como ele pode sobreviver?

De acordo como o marco conceitual deste trabalho, no consumo, as características simbólicas dos produtos são manipuladas em função de uma intencionalidade. Assim, o consumo moderno caracteriza-se pela projeção dos atributos simbólicos dos produtos em detrimento de suas qualidades funcionais e pela sua forte influência na composição de estilos de vida. Representa um elemento cultural e não uma categoria onde discutem-se apenas as necessidades básicas.

Uma das conclusões a que chegamos é que a lógica mercadológica moderna estabelece muito mais do que uma lógica simplesmente consumista; existe sim um valor simbólico que sustenta nossa discussão, o valor do produto tradicional, o valor do artesanato, o valor do trabalho manual, do conhecimento passado de geração a geração, enfim, o valor da tradição agregado ao produto final.

Mas, alguns questionamentos contra o que estamos propondo podem existir como a presença real da tradição no processo. Na verdade não é nossa intenção tampouco nosso objetivo abortar a tradição ou a realidade imbuída do tradicionalismo onde estão inseridas as paneleiras e onde está constituída a entidade em questão. Nossa lógica perpassa pela compreensão da sobrevivência de um discurso e defendemos aqui, que o discurso existente e que foi construído, é de certa maneira, uma forma de garantir a “venda” do produto, uma vez que mais do que o valor utilitário que possui a panela de barro, ele agrega o valor simbólico ao produto, o valor da significação.

Assim sobrevivência desse discurso está na re-significação, ou melhor, na reinvenção de uma tradição que vigora na modernidade. Esse discurso de que falamos, foi elaborado segundo a lógica mercadológica, sofrendo as influências externas, principalmente de agentes governamentais; ele vem imbuído de tradicionalismos e sentimentos que denotam orgulho, coragem e valentia para a

continuidade dessa arte secular; sobrevive, então, na modernidade porque foi construído nela, por atores que atuam nesse palco moderno e está localizado dentro de uma instituição edificada nas bases modernas. É ainda reproduzido por atores que pertencem à essa lógica da reinvenção da tradição, em que fazer panela de barro é uma atividade que envolve um conhecimento que é passado de geração a geração. Falamos de uma tradição que ao que parece é a mesma há quatrocentos anos e que há quatrocentos anos mantém os significados da panela. Porém, estamos na era da globalização, na era da modernidade. Os significados da panela não são os mesmos, tampouco os atores envolvidos no processo. É isso temos um discurso, dito, que na verdade foi construído com o objetivo de resgate de uma memória cultural e é reproduzido com a finalidade de estabelecer um elo forte de ligação com o mercado, ou seja, podemos dizer que agrega valor ao produto e garante sua perpetuação, imortalizada nas falas das próprias paneleiras.

Capítulo V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Panela de Barro: uma reinvenção das Tradições

Buscamos neste trabalho analisar o discurso vigente na Associação Panelleiras de Goiabeiras, que traz a tradição como pano de fundo para sua construção e compreender como ele sobrevive na lógica mercadológica moderna além de sua re-significação na modernidade.

Mas afinal, o que podemos dizer acerca de um discurso que tem como pano de fundo para suas construções a tradição e sua sobrevivência hoje, ou seja, na lógica da modernidade?

Ao final de nossa análise, concluímos que o discurso que é reproduzido na instituição, na verdade foi construído com o objetivo de resgate de uma memória cultural e é dito com a finalidade de estabelecer um elo de ligação entre as panelleiras, o saber fazer, o produto e o mercado, ou seja, agrega valor ao produto, garantindo sua reprodução, sua comercialização, sua reinvenção, sua re-adequação elementos imortalizados nas falas das próprias panelleiras.

A tradição se sustenta porque ganha uma re-significação na modernidade, ou seja, não existe mais uma tradição por si só na entidade em questão, de modo que a existência de um discurso representa a tentativa de reprodução das tradições de modo a manter viva a lógica moderna de vendas. A panela de barro ganhou uma

conotação diferente, um valor e um significado na sociedade moderna que a projeta no mercado de modo que não mais representa somente a reprodução do saber de um povo, mas sim a reorientação para uma importante alternativa de renda.

Mas, que possíveis desdobramentos ganha nosso trabalho além das conclusões que propusemos? Vivemos na modernidade, mas falamos, de reinvenções, ou melhor, de tradições reinventadas, construídas num discurso. Falamos da tradição como se fosse possível reproduzi-la tal como ela vigorava em sociedades estritamente tradicionais.

Se refletirmos a respeito da importância da panela de barro no cenário cultural capixaba perceberemos que o discurso da tradição sustenta a atividade, mas é necessário mais que isso. É preciso um maior engajamento de uma geração mais jovem na atividade, a conscientização para a limitação da matéria-prima, ou seja, o barro e também uma maior compreensão da efetiva importância que tem a panela de barro no universo cultural do Espírito Santo, sobretudo na região litorânea.

Um artefato que é ícone cultural não necessita de certificação de originalidade. Uma atividade de importância reconhecida como a produção da panela de barro em Goiabeiras já possui um valor intrínseco a própria existência de técnicas e elementos tradicionais envolvidos em todo o processo. É interessante, então, o exercício da compreensão de que tal atividade cultural necessite de uma certificação, de um selo de originalidade para ser percebido e reconhecido como autêntico, não somente pelo turista que visita o galpão ou adquire o artefato em feiras e eventos, mas também, pelo próprio capixaba que acaba por encontrar atribuído a tal manifestação um sentimento de orgulho de ser capixaba.

Mais uma vez, vemos a lógica mercadológica ditando as regras. É preciso autenticar as panelas de barro de Goiabeiras para que não concorram com outros artefatos do tipo, híbridos, porém capixabas. É preciso registrar e garantir a existência do saber para que este não se perca com o tempo. É preciso tornar pública a existência da panela de barro para que a "atividade" seja fomentada.

O que nos resta é entender cada vez mais o capitalismo, pois, ainda que as tradições vigorem, sejam reinventadas de modo a conservar-se na modernidade, e tornem-se mecanismos de criação de valores, é ele quem dá a tônica do desenvolvimento, seja ele político, econômico, cultural e social.

REFERÊNCIAS

ARTE de produzir painéis de barro, A. **A Gazeta**, Vitória, 7 abr 2004. Caderno de Turismo, p. 3-5.

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BERGER, Peter L. & LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 25. ed. Petrópoles: Ed. Vozes, 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. 3 ed. Trad.: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loriatti. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

BITTENCOURT, Gabriel. **A Conjuntura da Formação da Identidade Capixaba**. In: BITTENCOURT, Gabriel (Org.). **Espírito Santo**: Um painel de Nossa História. Vitória: EDIT, 2002.

CANCLINI, Néstor. Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **O Novo Arrabalde**: aspectos da formação urbana de Vitória. 1985. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 1985.

CARVALHO, Alonso. Bezerra. **Max Weber: Modernidade, Ciência e Educação.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

DANTAS, Graciano e CHAIA, Viviane Medeiros. **Panela de Barro: Raiz da Cultura Capixaba.** Vitória: Secretaria de Estado de Turismo, 2002.

Dicionário de Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

DURKHEIM, Emile. **Sociologia.** RODRIGUES, Jose Albertino (Org.) e FERNADES, Florestan (Cord.). São Paulo: Ática, 1978.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.** Studio Nobel: São Paulo, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** LTC Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A., Rio de Janeiro, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modrenidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

_____. **O Estado-Nação e a Violência.** São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Para além da Esquerda e da Direita.** Trad.: Álvaro Hattnher. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

_____. **Sociologia.** 4 ed. São Paulo: Ed. Artmed, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IANNI, Octavio. **As Ciências Sociais na Época da Globalização**. Rev. Bras. Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 04 Mar 2007.

_____. **A Sociedade Global**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Globalização**: novo paradigma das ciências sociais. Estudos Avançados, São Paulo, v. 8, n. 21, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 Fev 2007.

IMPASSE no futuro da tradição. **No Entanto**. Vitória, mai 2005. Jornal do curso de Comunicação Social da UFES.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

MÃOS hábeis que fazem a história. **A Gazeta**. Vitória, 30 jul 1998. Caderno Dois.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Seminário sobre Metodologias Qualitativas de Pesquisa**. In: MARTINELLI, Maria Lucia (Org). **Pesquisa Qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. In. Instituto José Luis e Rosa Sundermann (MIMEO).

MEDEIROS, Rogério. **Etnias**. In: BITTENCOURT, Gabriel (Org.). **Espírito Santo**: Um painel de Nossa História. Vitória: EDIT, 2002.

MINGO JR., Nilo. **Goiabeiras**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

MONIE, Frédéric; VIDAL, Soraia Maria do S. C.. **Cidades, portos e cidades portuárias na era da integração produtiva**. Rev. Adm. Pública., Rio de Janeiro, v. 40, nº 6, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 Fev 2007.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2000.

MUNIZ, Claudia. **Projeto Parque Linear Manguezal**. 2003. Disponível em www.univix.br/bienal_resulatdos.asp. Acesso em 02 Mar 2007.

NEVES, Luis Guilherme Santos. **O Novo Arrabalde**. IJSN, Vitória, n. 2, jul/set 1987, p. 28-30.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Fundação Cultural, 1975.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e Modernidade no Brasil**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 02 Fev 2007.

ORTIZ, Renato. **Anotações sobre religião e globalização**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 16, n. 47, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 03 Fev 2007.

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PACHECO, Renato José Costa. **Cadernos de Etnografia e Folclore: Cerâmica Popular em Vitória, Casa de Farinha em São Mateus, Os Presépios de Mestre Pedro, Primeiras Notícias Sobre Tropas e Tropeiros**. Vitória: [s.n.], 1975.

PANELA de barro é tradição milenar no Estado. **Jornal Calçadão da Praia**. Vitória, mar 2002.

PEROTA, Celso; DOXSEY, J. R.; BELING NETO, R. A. **As Paneleiras de Goiabeiras**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

RAMOS, Ademir dos Santos. Paneleira, uma profissão cheia de arte e dificuldade. **Revista ES**, Vitória, n. 1, 05 mar, 1981.

REIS, Ana. Carla Fonseca. **Marketing Cultural e Financiamento da Cultura**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

REY, Fernando González. **Sujeito e Subjetividade**. Trad.: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Thompson, 2003.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Cultura Capixaba**. In: BITTENCOURT, Gabriel (Org.). **Espírito Santo: Um painel de Nossa História**. Vitória: EDIT, 2002.

SAINT-HILLAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem ao Interior do Brasil (Espírito Santo)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

SANTOS, Jose Luiz. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Antonio O. **Anotações sobre a modernidade na obra de Antony Giddens**. Revista Espaço Acadêmico, nº 47, 2005, Mensal.

SLATER, Don. **Cultura do Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SUASSUNA, Dulce. **Técnicas de Investigação Científica**. www.unb.br/fef/downloads/dulce/tecnicas_de_investigacao_cientifica.ppt, acesso em 03/07/2006.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normatização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos: guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES**. Vitória, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Centra. **Guia para normatização de referências**. Vitória, 2005.

VASCONCELOS, João Gualberto. **A Invenção do Coronel**. Edufes: Vitória, 1995.

VASCONCELOS, João Gualberto e PANDOLFI, Ricardo. **Elites e Gestão do Desenvolvimento: Uma reflexão sobre o caso do Espírito Santo**. In: LOPES FILHO, Cristiano Dias et. al. **Memórias do Desenvolvimento**. Vitória: Multiplicidade, 2004.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. v. 2. Brasília: UNB, 1999.

SITES PESQUISADOS

www.biblioteca.unesp.br/biblioteca

<http://www.semiotic.com.br/conceito/semiotica.htm>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%A3o>

<http://www.scielo.org.br>

www.iphan.gov.br

www.vitoria.es.gov.br

www.viana.es.gov.br

www.guarapari.es.gov.br

www.mc.gov.br

www.mma.org.br

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

BLOCO 1

1. Desde quando você fabrica panelas?
2. Quem te ensinou?
3. Nessa época você gostava de fazer a panela? Se sim, Por quê? Se não, por que você continuou fazendo?
4. Além de fazer panelas, o que mais você fazia?
5. Mais alguém na sua família faz?
6. E como aprenderam?
7. Você tem filhos? Se sim, qual a idade? Eles sabem como é que se faz uma panela? Eles já fizeram alguma? Se sim, foi você quem ensinou? Por quê? Se não, por quê? E se não tem filhos, perguntar se pretende ou se já ensinou pra alguém.
8. Você já fez outro tipo de artesanato? Se sim, você faz ainda? Com que frequência? Por quê? Se não faz mais, por que deixou de fazer?
9. Você já deixou de fazer panelas alguma vez ou por algum tempo (em que período/ano)? Por que?
10. Pensando na sua vida daqui a 10 anos, como você se imagina? (explorar o exercício do ofício , da continuidade)
11. Complete a frase:
 - Se você não fosse paneleira você seria o quê?
 - Mas por quê?

BLOCO 2

12. E na época da criação da Associação, o que você fazia? Se for panela, perguntar onde.
13. E como você ficou sabendo da Associação ou quem te levou pra a Associação?
14. Quando você se afiliou a Associação?
15. E tinham muitas pessoas afiliadas?
16. O que é que você acha que mais atraiu essas pessoas para a Associação naquela época (explorar sobre o que atraiu o respondente)?
17. E o que mais incentivou você naquele tempo a entrar para a Associação?
18. Como é que foi esse processo de entrada?
19. E mais alguém da sua família entrou? E você sabe por quê?
20. E quais foram as suas maiores dificuldades (explorar a produção na nova organização)? Em algum momento você já deixou de participar da associação? Se não, mas, você pensou em deixar de participar da Associação?
21. Quais são as maiores vantagens de ser afiliado a Associação Panelas de Goiabeiras?
22. Na sua opinião, quais foram os maiores benefícios que a Associação trouxe para as panelas como um todo?
23. E o que o pode ser melhorado (explorar os pontos negativos)?
24. Como você vê a Associação daqui a 10 anos?

BLOCO 3

Fazendo uma brincadeira, responda rápido:

25. O que é ser panela pra você?
26. Fazer panela de barro é?
27. Panela de barro é?

ANEXO 2

TÓPICOS ABORDADOS NA ENTREVISTA A UMA DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS, ENVOLVIDA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ENTIDADE E PRIMEIRA PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO.

- 1 – Desde quando a senhora fabrica panelas de barro?
- 2 – Quem te ensinou o ofício?
- 3 – Por que a senhora fabricava?
- 4 – A senhora continua fabricando até hoje? Por que?
- 5 – Como era “fabricar panelas” antes da Associação?
- 6 – A Senhora sabe quantas pessoas faziam nessa época?
- 7 – Como foi que surgiu a idéia da criação da Associação?
- 8 – Quantas pessoas estavam envolvidas nesse processo?
- 9 – Como que começou essa Associação? Tinha muita gente envolvida? Muita gente se associou?
- 10 – E depois que ela já existia, como foi a afiliação das pessoas?
- 11 – E muita gente entrou?
- 12 – Como era antes da Associação? Tinha muita gente que fazia panelas de barro?
- 13 – E as que faziam antes da Associação, entraram, afiliaram-se?
- 14 – e as que não faziam panelas, tem alguma que começou a fazer depois da Associação? Se sim, e elas entraram?
- 15 – Se não entraram perguntar: e por que não?
- 16 – E depois que a Associação foi criada, houve algum benefício? Quais?
- 17 – E como a senhora vê o futuro da Associação?
- 18 – E das paneleiras?

ANEXO 3

CERTIDÃO DE REGISTRO DO OFÍCIO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL PELO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO BRASIL.

CERTIDÃO

Certifico que do Livro de Registro dos Saberes, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, instituído pelo Decreto número três mil quinhentos e cinqüenta e um, de quatro de agosto de dois mil, consta à folhas hum, o seguinte: “Registro número hum; Bem cultural: Ofício das Paneleiras de Goiabeiras; Descrição: É a prática artesanal de fabricação de panelas de barro, atividade econômica culturalmente enraizada na localidade de Goiabeiras, bairro de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo. Produto da cerâmica de origem indígena, o processo de produção das panelas de Goiabeiras conserva todas as características essenciais que a identificam com a prática dos grupos nativos das Américas, antes da chegada de europeus e africanos. As panelas continuam sendo modeladas manualmente com o auxílio de ferramentas rudimentares, a partir de argila sempre da mesma procedência. Depois de secas ao sol são polidas, queimadas a céu aberto e impermeabilizadas com tintura de tanino. A técnica cerâmica utilizada é reconhecida como legado cultural Tupiguarani e Una, com maior número de elementos identificados com os da tradição Una. A atividade, eminentemente feminina, é tradicionalmente repassada pelas artesãs paneleiras, através de gerações, às suas filhas, netas, sobrinhas e vizinhas, no convívio doméstico e comunitário. Apesar das transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo, a localidade de Goiabeiras, conhecida como Goiabeiras Velha, permanece como um reduto de ocupação antiga, os quintais repartidos com as famílias de filhos e netos, onde saber fazer estas panelas de barro é o principal elemento formador da identidade cultural daquele grupo social. O processo de produção das panelas de barro emprega tradicionalmente matérias-primas provenientes do meio natural: a argila é extraída de jazida, denominada barreiro, no Vale do Mulembá, localizado na Ilha de Vitória, que até pouco tempo era acessado por canoa; a casca de *Rhizophora mangle*, popularmente denominada mangue vermelho, com que é feita

a tintura de tanino, é coletada diretamente do manguezal que margeia a localidade de Goiabeiras. Da mesma forma, dois dos principais instrumentos do ofício – a cuia e a vassourinha de muxinga – são feitos a partir de espécies vegetais encontradas nas proximidades. A atividade compreende diversas etapas que envolvem diferentes executantes, ficando o trabalho de coleta e transporte das matérias-primas mais freqüentemente a cargo dos homens, embora ainda se encontre paneleiras que vão pessoalmente retirar o barro na jazida. É o meio de vida de mais de cento e vinte famílias nucleares de Goiabeiras Velha, muitas das quais aparentadas entre si, e envolve um número crescente de executantes, atraídos pela demanda do produto. As panelas de Goiabeiras são quase sempre vendidas diretamente pelas paneleiras, nos locais de sua produção, geralmente nos quintais das casas ou no galpão da Associação das Paneleiras de Goiabeiras, entidade criada para encaminhar as lutas pela preservação das condições de sua produção. Essas panelas de barro são um dos elementos essenciais das moquecas de peixe e frutos do mar e da torta capixaba, pratos da culinária regional divulgados pelas paneleiras como o Típico Prato Cabixaba e reconhecidos pela literatura gastronômica como “a mais brasileira das cozinhas”, por reunir e mesclar elementos das culturas indígena, africana e portuguesa. A simetria, qualidade de acabamento e eficiência das panelas de barro de Goiabeiras devem-se às peculiaridades do barro utilizado e à habilidade e conhecimento técnico de seus fabricantes. Matéria-prima da modelagem, a argila utilizada é bastante arenosa, e é essa composição do barro que condiciona o modo de fazer – sem torno, nem forno – e dota seu produto de uma série de propriedades, influenciando tanto no seu aspecto quanto na rapidez da secagem, na redução da presença de rachaduras, no rápido aquecimento durante a queima e na resistência à temperatura do fogo – cerca de seiscentos graus Centígrados – que não deixa que as panelas estourem na fogueira. Dá ainda à panela a propriedade de conservar o calor depois do cozimento – as moquecas são servidas borbulhando, e assim se mantêm por vários minutos. O processo de produção das panelas compreende as seguintes etapas: extração da argila na jazida do Vale do Mulembá, preparação das bolas e transporte até o local de trabalho; escolha e/ou limpeza do barro, quando são retirados gravetos e outras impurezas e o barro é pisado até ficar mais homogêneo para ser modelado; coleta da casca de mangue-vermelho, retirada das árvores próprias do manguezal, de barco ou canoa; confecção da tintura de tanino, na qual a casca de mangue vermelho é socada e macerada pelos casqueiros

(coletores) ou pelas próprias paneleiras, é posta de molho por alguns dias na água, transformando-se na tinta vermelha que vai ser aplicada nas panelas após a queima; “puxada” ou levantamento da panela, que consiste na modelagem da peça, a partir do barro escolhido, colocado sobre uma tábua; a forma é dada com as mãos, puxando/levantando o bojo, definindo a concavidade e a espessura com a cuia e modelando a borda com as mãos; com a faca são retiradas as impurezas e os excessos, com o arco; aplicação das orelhas e das alças das tampas, que são modeladas a partir de roletes de barro e fixadas nas bordas das panelas com os dedos. As paneleiras utilizam água para colar as orelhas e dar acabamento às panelas. Isto feito, as panelas são postas novamente a secar até o dia seguinte. Para modelagem do fundo a panela é retirada da tábua e virada; o fundo chato é arredondado através da remoção dos excessos com o arco; a superfície externa é alisada com a faca utilizada na limpeza e acabamento da peça. O alisamento consiste no polimento das panelas e das tampas após a secagem, pelo atrito de seixos rolados (pedra de rio) interna e externamente; depois, para a queima a céu aberto, as panelas polidas são dispostas emborcadas, apoiadas umas nas outras, sobre uma “cama” de ripas e tábuas de madeira (sobras de construção) e cobertas com lenha seca; a fogueira, que atinge cerca de seiscentos graus é acesa e mantida por aproximadamente trinta minutos, variando conforme o tamanho das panelas, que a seguir são retiradas do fogo, com uma vara com ganchos na ponta, para serem “açoitadas”. O açoite ou açoitamento consiste na pigmentação da panela com a tinta de tanino, aplicada com a vassourinha de muxinga sobre as peças em brasa. Esta etapa confere às panelas de barro de Goiabeiras sua característica coloração preta. As panelas apresentam variações de tamanho e formato, especialmente nas dimensões do diâmetro e da altura, tendo denominações específicas. A mais tradicional é chamada frigideira: rasa, com formato circular e tampa de alça, é usada para a moqueca e para a torta capixaba. É o formato mais vendido para os restaurantes, nos tamanhos para duas e quatro pessoas, com diâmetros em torno de vinte e dois e vinte e oito centímetros, respectivamente. A panela mais alta é o caldeirão, para sopa ou feijão; a de altura média é usada para o pirão, o arroz de marisco, galinhada e outros pratos com caldo. As paneleiras dizem que “se pode cozinhar qualquer coisa na panela de barro”, mas que “peixe e marisco tem que ser na panela de barro”. Constata-se, atualmente, o emprego da técnica em crescente variedade de panelas com outras formas – miniaturas, ovais, com elementos

decorativos – além de outros objetos utilitários e ornamentais como jarros, fruteiras, formas de pizza, cinzeiros e cofres. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.000672/2002-50 e Anexos, no qual se encontra reunido o mais completo conhecimento sobre este bem cultural, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na trigésima sétima reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada em vinte e um de novembro de dois mil e dois. Data do Registro: vinte de dezembro de dois mil e dois.” E por ser verdade, eu, Fátima Lúcia Nascimento Cisneiros, Diretora do Departamento de Identificação e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, vinte de dezembro de dois mil e dois.

TITULAÇÃO

O Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, na qualidade de Presidente do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em decorrência do registro no Livro dos Saberes, e, de acordo com o artigo quinto do Decreto número três mil quinhentos e cinquenta e um, de quatro de agosto de dois mil, confiro o título de **Patrimônio Cultural do Brasil** ao “Ofício das Paneleiras de Goiabeiras”, bairro de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo.

Carlos Henrique Heck